

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC-SP**

**Gisele Gouvêa da Silva**

**Por uma multiestratificação estrutural dos sintomas de linguagem**

**MESTRADO EM FONAUDIOLOGIA**

**SÃO PAULO**

**2007**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC-SP**

**Gisele Gouvêa da Silva**

**Por uma multiestratificação estrutural dos sintomas de linguagem**

**MESTRADO EM FONOAUDIOLOGIA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Fonoaudiologia na área de concentração em Clínica Fonoaudiológica, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Maria Ayres de Camargo Freire.

**SÃO PAULO**

**2007**

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

## **AUTORIZAÇÃO**

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Gisele Gouvêa da Silva \_\_\_\_\_ .

São Paulo, 29 de setembro de 2007.

**Para os fonoaudiólogos.**

## **Agradecimentos:**

---

À professora Regina Freire pelo acolhimento, pelas palavras, escuta e compartilhamento que contribuíram para a minha formação profissional e pessoal.

Ao Christian Dunker, pelo recebimento, direcionamento, escuta, escrita e tradução de nossa proposta.

Ao Manoel Berlink, pelas considerações no exame de qualificação.

A minha mãe, minhas irmãs e meu irmão, pelo incentivo, generosidade e paciência.

Ao Netto, pela tolerância com que me acompanhou neste desafio e pelo enfrentamento compartilhado dos percalços/percursos da escrita.

Às fonoaudiólogas e amigas: Cláudia, pelas palavras de conforto e incentivo, pela ajuda com suas leituras e escritas cuidadosas e por suas colocações no exame de qualificação; à Ana Flávia, pelas hospedagens em sua casa e por nossas conversas intermináveis; à Giuliana pelas “caronas” de Santos a São Paulo, pela aposta na Fonoaudiologia, pelas discussões de casos clínicos, pela divisão das responsabilidades do projeto Banco de Dados de Fala e Escrita.

Ao grupo das terças-feiras pelas leituras e discussões.

A todos os meus professores.

Aos meus pacientes, pelas suas falas de onde saíram algumas das questões que nortearam esta pesquisa.

À professora e fonoaudióloga Lúcia Arantes, que aceitou o convite para a defesa desta dissertação.

À Capes pelo financiamento que tornou possível a realização desta pesquisa.

A meu pai, *in memoriam*.



**Por uma multiestratificação estrutural do funcionamento dos sintomas de linguagem**

**Autora:** Gisele Gouvêa da Silva

**Objetivo:** buscar uma explicação dos diferentes “tipos/grades” de funcionamento dos sintomas de linguagem alçando dimensões do sujeito/falante, do Outro/fonoaudiólogo nas instâncias clínica e teórica da clínica fonoaudiológica, a partir do conceito de multiestratificação estrutural da linguagem.

**Justificativa:** o reconhecimento do hiato entre a instância clínica e teórica da clínica fonoaudiológica que, de um lado é confrontada no momento clínico pela demanda do sujeito ao fonoaudiólogo e, por outro, pela ausência da linguagem nas descrições fonoaudiológicas acerca do sintoma, quer sejam elas clínicas ou teóricas, em um movimento de supressão do sujeito, do fonoaudiólogo e da linguagem que, conseqüentemente, não permite o alçamento de uma estrutura que legitime a relação entre os sintomas de linguagem e a clínica fonoaudiológica.

**Hipótese:** a explicação do funcionamento dos sintomas de linguagem como submetido às leis de cada estrutura multiestratificada da escrita, da língua e da fala, atravessadas simultaneamente pelos estratos do sujeito, do Outro e da metáfora e da metonímia, nos quais emergem os traços dos arranjos e rearranjos do percurso pelas redes dos sintomas na linguagem do sujeito. Estes arranjos e rearranjos pluriestratificados seriam determinantes para a descrição e explicação dos diferentes sintomas de linguagem, bem como para a possibilidade de estabelecer um diagnóstico que direcionaria a posição subjetiva e terapêutica do fonoaudiólogo/Outro.

**Aspectos teórico-metodológicos:** aprofundamento da noção de sintoma nas clínicas: fonoaudiológica, médica e psicanalítica com base na estrutura de linguagem; visita às concepções de sanção nas áreas jurídica, semiótica, fonoaudiológica e psicanalítica; circunscrição de conceitos e implicações da estratificação nos mecanismos psíquicos, lingüísticos e antropológicos, para destacar as aproximações e distanciamentos dos termos, empregos e definições que estariam envolvidos no sintoma, na sanção e na estratificação.

**Conclusões:** a elaboração de uma proposta de funcionamento estrutural multiestratificado dos sintomas de linguagem que se organiza a partir de conceitos advindos da psicanálise, da aquisição de linguagem e da descrição e explicação dos sintomas de linguagem presentes em pesquisas fonoaudiológicas e em dados oriundos do *Banco de Fala e Escrita*, com fundamento nas estruturas da escrita, da língua e da fala.

**Palavras-chave:** Clínica Fonoaudiológica, Sintoma, Sanção, Estratificação da Linguagem, Patologias de Linguagem.

**For a structural multistratification of the language symptoms functioning**

**Author:** Gisele Gouvêa da Silva

**Objective:** to search for an explanation of the different "types/grilles" of the language symptoms functioning reaching dimensions of the subject/speaker, of the Other/ speech and language therapist on the clinic and theoretical instances of the speech and language therapy clinic, beginning from the concept of structural multistratification of the language.

**Justification:** the recognition of the hiatus between the clinical and theoretical instance of the speech and language clinic that, is from one side confronted on the clinical moment by the subject demand toward the speech and language therapist and, on the other side, for the absence of language in the speech and language descriptions concerning the symptom, whenever they are clinical or theoretical, in a suppression movement of the subject, the speech and language therapist and the language, that, consequently, do not allow the reaching of a structure that legitimates the relationship between language symptoms and speech and language clinic.

**Hypothesis:** the explanation of the language symptoms functioning when submitted to the laws of each multistratified structure of writing, language and speech, that are crossed simultaneously by the subject, the Other, the metaphor and the metonymy strata, in which emerge the traces of the arrangements and rearrangements of the course by the symptoms net in the subject language. These arrangements and rearrangements pluristratified would be determinating for the description and explanation of the different language symptoms, as well as for the possibility of establishing a diagnosis that would address the subjective and therapeutic position of the speech and language therapist/Other.

**Theoretical-methodological aspects:** to deepen the symptom notion in the clinics of: speech and language therapy, medical and psychoanalysis based on the language structure; visiting the sanction conceptions in the juridical, semiotics, speech and language therapy and Psychoanalysis areas; circumscription of concepts and implications of the stratification in the psychic, linguistic and anthropological mechanisms, to enhance the approaches and estrangements of the terms, usages and definitions that would be involved in the symptom, the sanction and the stratification.

**Conclusions:** the elaboration of a proposal of a multistratified structural functioning of the language symptoms, that is organized from concepts coming from the psychoanalysis, the language acquisition and of the description and explanation of the language symptoms present in speech and language therapy researches and in data originating from of the Bank of Speech and Writing, with foundation in the structures of the writing, the language and the speech.

**Word-key:**, Speech and language clinics, Symptom, Sanction, Language Stratification Language, Language Pathologies.

<b>Introdução</b> .....	p. 01
<b>O sintoma e a demanda clínica</b> .....	p. 10
I. O sintoma enquanto signo ao olhar clínico .....	p. 11
II. Implicações dos sintomas de linguagem apoiados na noção de signo médico ..	p. 18
III. Sintoma como deslocamento metafórico à escuta do clínico .....	p. 29
<b>Sanção: termos, empregos e acepções</b> .....	p. 53
<b>Estratificação: conceitos e implicações</b> .....	p. 63
I. Freud e a Estratificação do mecanismo psíquico .....	p. 66
II. Hjelmslev e a estratificação do sistema semiótico .....	p. 70
III. Jakobson e a estratificação dos padrões fonêmicos .....	p. 74
IV. Lévi-Strauss e a estratificação estrutural .....	p. 78
<b>Multiestratificação estrutural dos sintomas de linguagem</b> .....	p. 85
I. Notas preliminares .....	p. 85
II. Aquisição de Linguagem .....	p. 99
III. Estrutura da Escrita .....	p. 115
IV. Estrutura da Língua .....	p. 131
V. Estrutura da fala .....	p. 143

**Considerações Finais** ..... p. 157

**Referências Bibliográficas** ..... p. 161

Parece que a Fonoaudiologia, na esfera dos sintomas de linguagem, pertence à uma ordem densa de encruzilhadas teóricas, clínicas e metodológicas. O fato de minha experiência no campo fonoaudiológico ter sido dirigida às especificidades da fala do sujeito - criança/adulto - e de meus estudos terem se concentrado na linha da Linguagem e Subjetividade, permitiu-me questionar o quê de particular ocorria nessas encruzilhadas que não me permitia enfrentar, com rigor, as descrições e explicações acerca dos sintomas de linguagem e a sustentação da posição de fonoaudiólogo frente ao território da própria estrutura clínica do trabalho fonoaudiológico. Eu identificava um intervalo entre a instância da fala na clínica e a dimensão dos sintomas e me perguntava:

- 1) *o que é sintoma de linguagem?*
- 2) *O que veicula?*
- 3) *Como interpretá-lo?*
- 4) *Como descrevê-los em termos conceituais, causais, funcionais e diferenciais?*
- 5) *Como transformá-lo no tempo e no espaço clínico intersubjetivo de forma a promover outros efeitos de sentidos sobre as redes textuais e discursivas que aprisionam o sujeito?*

Para responder estas questões, busquei retilhar o caminho das falas e dos escritos dos sintomas de linguagem. Neste caminho, sob a ótica da Fonoaudiologia, debrucei-me sobre alguns estudos<sup>1</sup> que levantavam e apontavam equívocos e falhas na explicação vigente dos sintomas na clínica. Pelas vias da linguagem, da clínica e dos sintomas pude me afastar de descrições que não abarcavam o falante e o fonoaudiólogo, e ir em busca de uma clínica inversa àquela sustentada pelos princípios médicos, para redimensionar as descrições e noções acerca do sintoma de linguagem.

A Fonoaudiologia, em seu caminho constitutivo inicial, estabelece relações com a clínica médica que enviesam o seu fazer e raciocínio pela derivação da noção de signo médico; isto implica uma multiplicidade de problemas próprios à descrição dos sintomas que, diversos daqueles próprios à medicina, emergem na clínica fonoaudiológica. De um lado, a desarmonia na clínica fonoaudiológica é reconhecida, mas no que tange a determinação dos modos de descrever e interpretar uma fala e um falante, os estudos parecem

---

<sup>1</sup> Dentre os quais destacam-se: “O aprendiz de feiticeiro” (Arantes, 1994); “O objeto da fonoaudiologia” (Freire, 1996); “Encontros e desencontros na Fonoaudiologia” (Palladino, 1996); “Deslizamentos e Deslizes do campo fonoaudiológico” (Cunha, 1997); “Patologia de Linguagem: uma nosologia” (Freire & Cordeiro, 1999); *A Instância Clínico-Terapêutica da Fonoaudiologia* (Fonseca, 2000); “Diagnóstico e clínica de linguagem” (Arantes, 2001); “Os sentidos do sintoma de linguagem na clínica fonoaudiológica” (Amoroso & Freire, 2001); “A fundação da clínica fonoaudiológica” (Freire, 2002); “Semiologia em Fonoaudiologia: a subversão do conceito de doença” (Salles, 2002); “Diagnóstica em Fonoaudiologia: considerações preliminares” (Rajabally, 2002); “Clínica Fonoaudiológica: uma discussão sobre a terapêutica dos desvios de linguagem”. (Faim, 2002); “O método em Fonoaudiologia: quando o discurso toma a palavra” (Kokanj, 2003); “O brincar na fonoaudiologia” (Pollonio, 2005); “Causalidade na Fonoaudiologia: seus desdobramentos na clinica de linguagem” (Paredes, 2005).

submetidos à uma espécie de alienação dicotômica entre a previsibilidade/olhar e imprevisibilidade/escuta, de maneira a negar (pelo paradigma da “objetividade”) uma fala e um falante, isto é o singular, ou a recusar (pelo paradigma da “subjetividade”)<sup>2</sup>, uma espécie de variedades dos sintomas de linguagem que obedeçam a uma estrutura, ou seja, uma possível semiologia sobre o funcionamento dos sintomas de linguagem. Isto gera um problema quando se visa a transmissibilidade. *Como seria o modelo de descrição e interpretação clínica próprio à Fonoaudiologia?*

Entende-se que a raiz do sintoma de linguagem deveria estar plantada na clínica fonoaudiológica por aquilo que a funda: a emergência de uma fala.

Foi no cruzamento entre a clínica fonoaudiológica, a lingüística e a psicanálise que encontrei pistas sobre modos possíveis de articular a ordem dos sintomas de linguagem com as noções advindas do signo lingüístico, da teoria de valor, do sintagma e do paradigma; a constituição de um campo clínico instaurado pelo sujeito do inconsciente enquanto estruturado na/pela linguagem e dividido no campo do Outro marcado pela invasão do desejo.

Como início, reconhecer-se-á que a fala e a escuta para a fala da criança e do adulto, podem contribuir para o método clínico de análise, de descrição, de interpretação do funcionamento da linguagem, de inserção da posição do fonoaudiólogo enquanto sustentado, de um lado, por uma teoria que dê conta da fala e da linguagem e, de outro, sobre o singular de um falante.

---

<sup>2</sup> A discussão sobre a objetividade e a subjetividade na clínica fonoaudiológica pode ser encontrada em trabalhos como os de Freire (2000), Palladino (2000), Dunker (2000).

Certa de que o resgate pelas descrições que levam em consideração, fundamentalmente, o “falante” ou o “não-falante” na estrutura dialógica com o fonoaudiólogo/clínico teria que ser fundante para outros modos de descrever, examinar, interpretar e possibilitar um outro destino para a clínica fonoaudiológica e para os sintomas de linguagem, aproximei-me de alguns conceitos nodais de sujeito, linguagem e clínica pelo elemento operador da raiz psicanalítica: a escuta para a fala do sujeito.

Por essa via, a hipótese sobre a qual se debruça esta dissertação está circunscrita ao fato de que o funcionamento dos sintomas de linguagem pertence a uma estrutura múltipla de estratos e interestratos que operam pelo sistema de valor das cadeias formadas simultaneamente pelos traços/efeitos opositivos, negativos, repetitivos, refratários, ressignificativos e diferenciais que estão submetidas às redes da escrita, da língua e da fala em consonância com os estratos do sujeito, da sanção do Outro/fonoaudiólogo e com os processos metafórico e metonímico que estão na origem da introdução de uma lógica própria ao funcionamento estrutural pluriestratificado dos sintomas de linguagem.

Dito de outro modo, a noção de multiestratificação dos sintomas de linguagem está ancorada em um esboço preliminar de introdução à uma ordem de funcionamento comandada pelo enlace da experiência clínica no campo da Fonoaudiologia com aquilo que “não cessa de se escrever” na trajetória dos sintomas nas estruturas da linguagem.

O percurso escolhido para o enfrentamento e aprofundamento destas questões parte do privilégio dado ao funcionamento dos sintomas de linguagem



tal como tomado pela Fonoaudiologia, que o desenvolve aproximando-se dos estudos sobre a Aquisição de Linguagem e das reflexões sobre a urgência de se optar por uma clínica que aposte no sujeito constituído na e pela linguagem.

Cabe esclarecer que a eleição da Aquisição de Linguagem e da Psicanálise como âncoras deste trabalho ocorre por serem campos que gravitam em torno da noção de significante, eleita também pela Fonoaudiologia aqui presente, como seu centro. Para ambas, a constituição do humano enquanto sujeito e falante, passa pelo outro/Outro ou, mais particularmente, pela fala deste outro/Outro que, ao sancionar o dizer do sujeito, o interpreta da posição de falante em um movimento que o desloca para a ocupação da posição atribuída não sem antes passar pelos efeitos da interpretação invertida da mensagem.

O fato desta pesquisa e dos pesquisadores sobre a Clínica Fonoaudiológica, em especial da Linha Linguagem e Subjetividade, estarem comprometidos com a constituição de um fazer clínico que lhes seja próprio e coerente, demanda o alçamento de um conceito de clínica, cuja estrutura esteja assentada na lógica do significante que governa o funcionamento dos sintomas de linguagem. Lógica significante remete, primeiramente, aos efeitos da rede da sintaxe e dos sentidos da fala/escuta sobre o outro e, secundariamente, à estrutura das reflexões teórico-clínicas que permeiam este trabalho.

Frente ao exposto, esta dissertação busca adentrar e redimensionar a natureza das descrições e dos manejos clínicos que estão submetidos aos

modos pelos quais se introduz a noção de multiestratificação estrutural do funcionamento dos sintomas de linguagem

Para dar conta deste empreendimento, coube, ao primeiro capítulo, reintroduzir a relação sintoma e demanda clínica na Medicina, na Fonoaudiologia de tradição cartesiana e na Psicanálise de orientação freudiana e lacaniana. Por essa via, este capítulo estabelece as noções, os empregos, descrições e as diferenças entre os sintomas nas diversas dimensões a fim de explicitar as aproximações e distanciamentos destes com a natureza da proposta de multiestratificação dos sintomas de linguagem. Dentre as aproximações dar-se-á privilégio à sanção na constituição dos sintomas de linguagem

No capítulo seguinte, tratar-se-á justamente da introdução dos termos, empregos e acepções da sanção na clínica fonoaudiológica, na esfera jurídica, na semiótica e na psicanálise para, ao final do capítulo, destacar-se os pontos de convergência e divergência com a proposta de multiestratificação estrutural dos sintomas de linguagem.

O terceiro capítulo destinou-se à visitar as obras de Freud, Hjelmslev, Jakobson e Lévi-Strauss, no que diz respeito à dimensão estrutural de linguagem que organizaria o sistema estratificado do psiquismo em Freud, o sistema semiótico em Hjelmslev, os padrões fonêmicos em Jakobson e as classes sociais em Lévi-Strauss. Deste capítulo extraiu-se a essência das estruturas de funcionamentos estratificados que se tornaram os norteadores das descrições dos sintomas de linguagem.

No encalço de uma explicação, descrição e conceituação da multiestratificação estrutural do funcionamento dos sintomas de linguagem, encontrar-se-á, primeiramente, nas notas preliminares, a escrita em direção à uma noção de estrutura constitutiva da linguagem a partir das escolas estruturalistas de Lacan, Saussure, Jakobson e de Lemos.

Na seqüência, discutir-se-á a proposta de Lemos (2002)<sup>3</sup> sobre a releitura do que é conhecido na literatura em aquisição de linguagem como Curva-em-U, onde a autora propõe três tempos/posições do percurso da criança em sua constituição como falante. Far-se-á uso de alguns fragmentos discursivos para explicar estes diferentes tempos da fala da criança em seu percurso pelos eixos do sujeito, da língua e da fala.

Em seguida, encontrar-se-á a estrutura da escrita que se concentra sob repetições que alienam o sujeito à sanção da fala do Outro, de maneira que o que entra no jogo da linguagem e do sujeito, se inscreve sob as formas de alienação do sujeito **ou** da linguagem. Para tanto, três casos clínicos são trazidos para a exemplificação da descrição do funcionamento dos sintomas de linguagem marcados pelo sujeito, pelos processos metafórico e metonímico e pela sanção da fala do Outro.

O estrato seguinte, o da estrutura da língua, reside no aspecto refratário que envolve a separação/hiato da fala do sujeito sob a sanção da fala do Outro. Negativismo e recusa **ou** do sujeito **ou** do significante entram no jogo da língua pelos efeitos dos arranjos operados simultaneamente pelo sujeito,

---

<sup>3</sup>Lemos, C.T.G. (2002) "Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação". In: Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, (42): 41-69, Jn-Jun..

pela sanção e pelos processos metafóricos e metonímicos que engendram os modos de reconhecimento e negação dos sintomas de linguagem. Para tanto, utilizar-se-á de outros casos clínicos para exemplificar o modo particular da emergência do sintoma no estrato da língua.

Finalmente, o estrato da fala ou da estrutura dialógica se caracteriza pelas formas de reformulação e ressignificação, da sanção como reconhecimento **no** sujeito e **no** significante, num jogo de reversibilidade metafórica e metonímica. Aqui alçaremos a análise da fala de um senhor e da fala da fonoaudióloga com a finalidade de mostrar os diferentes tempos e posições do sujeito em seu percurso nas grades dos sintomas de linguagem.

Nesse sentido, as quatro dimensões fundamentais desta proposta - o sintoma, o sujeito, os processos metafórico e metonímico, a sanção do Outro - e a fala, a escrita e a língua são postos em um sistema de relação estrutural, que pode lançar uma lógica própria ao campo fonoaudiológico.

Cabe esclarecer que esta dissertação foi aprovada pelo comitê de ética sob o nº38/2005, e segue os preceitos éticos em pesquisa. Alguns recortes de fala, aqui apresentados, foram extraídos de publicações das áreas de aquisição de linguagem e de memórias de vivência na clínica fonoaudiológica, enquanto outros, são parte integrante dos projetos<sup>4</sup> de pesquisa - “Laboratório de

---

<sup>4</sup> O Laboratório de Observação de Linguagem e o Banco de Dados de Linguagem – fala e escrita foram criados pela Profa. Dra. Regina Maria Ayres de Camargo Freire, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia – Linha Linguagem e Subjetividade da PUC-SP. Esse banco contém um amplo conjunto de *corpora* gravados e transcrições de acordo com a NURC/SP e pelas regras de composição de um Banco de dados de Fala. Os *corpora* que fazem parte do Banco são de sujeitos com sintomas na e da linguagem, em que foram coletados transversal e longitudinalmente.

Observação de Linguagem”, CNPq nº351133/1992-5, aprovado pelo comitê de ética sob o nº49/2005 – e “Banco de Dados em Linguagem”, CNPq nº474.333/2004-3.

## **O Sintoma e a demanda clínica:**

O objetivo deste capítulo é retomar as diferentes concepções e usos clínicos de sintoma para introduzir o remanejamento necessário à noção de sintoma de linguagem na Clínica Fonoaudiológica.

Falar em sintoma de linguagem, tanto em adultos como em crianças, isto é, no sujeito, implica revelar dois planos: o conceitual e o clínico, uma vez que, pelo lado conceitual, o sintoma é regulado pelo sistema universal de uma teoria de linguagem, e no plano clínico, pela singularidade da fala de um falante, ou seja, é na cadeia da fala, da língua e da escrita do sujeito, que se dá o confronto entre a instauração e a inscrição da leitura dos sintomas do sujeito-linguagem e a formação de compromisso do clínico com o sujeito da fala sintomática.

Em outras palavras, o sintoma, em primeiro lugar, demanda a clínica, as modalidades do jogo intersubjetivo e do pedido do sujeito para o Outro (clínico), em segundo, coaduna-se com a ambigüidade da leitura das manifestações sintomáticas, que extrai da linguagem os elementos operadores do sistema clínico<sup>1</sup>.

---

1 Mais adiante abordamos que no sistema clínico fonoaudiológico, os sintomas de linguagem são de natureza multiestratificada, ou seja, as operações acontecem simultaneamente nas estruturas da linguagem - escrita, da língua e da fala-, frente aos eixos: metafórico e metonímico, da sanção do Outro e do sujeito.

Frente ao exposto, a trajetória escolhida para a releitura do funcionamento dos sintomas de linguagem na Clínica Fonoaudiológica, parte das diferentes concepções, aproximações e distanciamentos que faremos em face de uma Fonoaudiologia “médica” e “psicanalítica” e finaliza em outros modos de descrever/inscrever/escrever os diferentes sintomas de linguagem em uma “outra clínica” fonoaudiológica.

### **I. Sintoma enquanto signo ao olhar clínico:**

Os sintomas de linguagem na clínica fonoaudiológica, histórica e classicamente, são descritos e remetidos a quadros clínicos nos quais se configuram em classificações e descrições de natureza médica.

Não obstante, a “semiologia fonoaudiológica” utilizada para descrever se dá pela via dos sinais e sintomas num perfil quantitativo referido na previsibilidade<sup>2</sup>. Previsibilidade apreendida pelo olhar do clínico/fonoaudiólogo que, parafraseando Foucault (2004[1963]), dá-se por influência do paradigma cartesiano e da aproximação à clínica médica, ou seja, apesar de as formações clínicas fonoaudiológicas serem *inauguradas pelo olhar do fonoaudiólogo no campo dos signos e dos sintomas*, este olhar é determinado pela semiologia médica, uma vez que “*visa delinear o patológico independentemente da qualidade de uma fala*” (Lier-De Vitto, 2005, p. 147). O campo dos signos parece atrelado ao conceito de signo médico.

---

2 Quando apoiado em um sistema clínico fonoaudiológico de tradição cartesiana.

Diante deste panorama, podemos dizer que a aproximação ao discurso médico deve ser levada em consideração para se repensar os sintomas de linguagem sobre os quais a clínica fonoaudiológica se debruça, pois se na clínica médica “*o que depende da fala do paciente, do relato de seus familiares ou da mera impressão do observador possui valor secundário e é fonte permanente de relativização do teor dos signos envolvidos no processo mórbido*” (Dunker, 2000, p. 40), na Clínica Fonoaudiológica semelhante postura me parece um equívoco, porque o que está em questão é justamente a problemática na fala, na escuta e na escrita do sujeito e, exames laboratoriais não são suficientes para determinar e explicar as manifestações sintomáticas que se dão no sujeito-linguagem, e o signo do sintoma está atrelado à noção da clínica médica: “*é aquele que procura excluir o sujeito, ou melhor, só é de fato signo quando seu sujeito é o discurso médico*” (Op. Cit., p. 41). Em suma, pode-se dizer que o que deve interrogar o clínico – fonoaudiólogo – é justamente a demanda que se faz no campo/corpo da fala e da linguagem do falante e não no corpo orgânico ou cognoscitivo, que exclui o sujeito da fala.

Na medicina, a semiologia, ou seja, a descrição dos sinais e sintomas alça o estatuto de doença, como refere Barthes (1985) em alusão a Littré que diz sobre “*uma parte da medicina que trata dos signos das doenças*” (Op.Cit., p. 191). Em termos saussureanos, significa “*ciência geral dos signos*” (Idem). Também existe a semiologia que “*podia designar a arte de fazer manobrar as tropas indicando-lhes os movimentos por signos e não com a voz*” (Idem).

Na obra de Foucault (2004[1963]) “O nascimento da clínica”, pode-se



destacar que a clínica médica estabelece as suas bases na doença, e ainda, relaciona as observações médicas apreendidas pelo olhar com os outros elementos que operam neste sistema clínico, vejamos:

*“na tradição médica do século XVIII, a doença se apresenta ao observador segundo sintomas e signos (...) **O sintoma (...) é a forma como se apresenta a doença (...) é a transcrição primeira. Tosse, febre, dor lateral e dificuldade de respirar** não são a própria pleurisia – esta jamais se oferece aos sentidos, ‘só se desvelando pelo raciocínio’ -, mas **formam o ‘sintoma essencial’, visto que permitem designar um estado patológico** (por oposição à saúde), **uma essência mórbida** (diferente, por exemplo, da pneumonia) e **uma causa próxima** (um derrame de serosidade). Os sintomas deixam transparecer a figura invariável, um pouco em recato, visível e invisível, da doença” (Ibid. Ibidem, p.97-98, negritos nossos).*

Nesse sentido, Dunker (2000) nos diz que *“a raiz do projeto clínico moderno reside no estabelecimento de uma semiologia, isto é, uma classificação e organização dos signos, índices, sintomas e traços que devem se apresentar como diferenças significativas ao olhar clínico”* (Op. Cit., p. 40).

A semiologia médica, como nos apontou Barthes (1985), implica na determinação do conceito de signo médico enquanto uma articulação do sistema estrutural que, segundo Foucault (2004[1963]), opera sobre três valores: 1) o anamnésico, 2) o prognóstico e 3) o diagnóstico, no qual o *“signo anuncia: prognostica o que se vai passar, faz a anamnese do que se passou; diagnostica o que ocorre atualmente”* (Op.Cit., p. 98.).

Para tanto, é necessário que este signo seja reenviado a um significado e, ainda, que seja do campo do inteligível, pois nesta concepção de signo há uma predominância entre os signos e o seu referente, em outros termos:

*“para um significado; nisso que ele é um signo, há um significado, ou, pelo menos, é possível postular um significado para vários signos; esse significado é nosográfico, **é a doença nomeada que se oferece através do signo ou dos signos**; por conseguinte, estamos, no campo da medicina, perante um signo completamente ortodoxo do ponto de vista da composição, quer dizer, estamos perante uma unidade de duas faces...” (Op. Cit., p. 193, negritos nossos).*

Se a noção de signo médico apóia-se nos três valores acima citados, a concepção de signo lingüístico postulado por Saussure (2004[1916]), explica que *“entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado”* (Op. Cit., p. 81), e desta maneira, o signo médico também pode ser representado por uma face a *“ser descoberta e nomeada... a doença”* e a outra face *“exteriorizada, materializada, eventualmente fragmentada em vários significantes, terá de ser construída, interpretada, sintaxizada, etc.”* (Barthes, 1985, p. 193).

Isto quer dizer que, apesar de haver uma predominância do significado perante o significante médico, é sobre os signos que a medicina se ancora e estabelece as suas bases estruturais enquanto um sistema clínico.

Note-se que a operação da clínica clássica que funda a descrição, a classificação em um quadro clínico na relação entre o signo e o referente, deve

submeter os sintomas à interpretação, encadeados em um sistema de estruturação de sucessão e associação sintagmática e paradigmática em relação às operações diacrônicas e sincrônicas do funcionamento dos signos na doença, para poder restabelecer o funcionamento fisiológico do corpo. Nas palavras de Foucault, “*o sintoma se torna, portanto, signo sob um olhar sensível à diferença, à simultaneidade ou à sucessão, e à frequência*” (Op. Cit., p. 102). Em suma, pode-se dizer que o sintoma inscreve os princípios numa linguagem, qual seja, a do órgão físico, da consciência do funcionamento neurológico no corpo orgânico (que exclui o sujeito).

Após estes parênteses, retomemos Barthes (1985) que complementa a relação entre signo e sintoma e nos diz que o sintoma é transformado em signo pelo olhar e ainda que “*o signo é o sintoma quando ocupa um lugar na descrição*” (Op. Cit., p.193).

De acordo com Foucault (2004[1963]), “*signos e sintomas são e dizem a mesma coisa*”, pois na clínica médica clássica do século XVIII “*é a intervenção de uma consciência que transforma o sintoma em signo*” (Op. Cit., p. 101). No entanto, signo e sintoma se diferenciam primeiro porque para que o “*signo seja signo não pertence ao sintoma*”, mas no entanto, “*todo sintoma é signo*” e o contrário não é verdadeiro, pois entre “*signo e sintoma há uma diferença decisiva que só adquire seu valor na base de uma identidade essencial: o signo é o próprio sintoma, mas em sua verdade de origem*” (Op.Cit., p. 103).

O termo sintoma, etimologicamente, origina-se do grego *symptōma*

enquanto *sinal*<sup>3</sup>, *indício de uma doença*. Por essa via, na terminologia DeCS/MeSH da Biblioteca Virtual em Saúde (2007), é sinônimo do diagnóstico da doença, de maneira que encontramos descrição para “sinais e sintomas”<sup>4</sup> como: “*manifestações clínicas que podem ser tanto objetivas (quando observadas pelo médico) como subjetivas (quando percebidas pelo paciente)*”, e por essa via no *Dicionário Digital de Termos Médicos* (2007) o sintoma é a *evidência subjetiva da doença* e o sinal é a *evidência objetiva da doença*.

Nota-se que no glossário lacaniano o sintoma na clínica médica é definido a partir das implicações clínicas:

*“En el discurso médico-psiquiátrico, el **síntoma** es la indicación de una disfunción cuyo origen orgánico o psíquico se manifiesta bajo la forma de ciertas anomalías observables, las cuales **asumen un valor diagnóstico y patológico**. El sistema de correspondencias entre su “manifestación” en el nivel fenoménico y su significación patológica es biunívoco. En el seno del discurso médico, el síntoma, en tanto categoría universal, puede ser capturado por un saber totalizador que lo postula como un régimen fijo de correspondencias entre el plano de la “manifestación” y el plano nosográfico al cual remite. Así, el “delirio” es un “síntoma” de la psicosis. La operación del discurso médico ejercida sobre el “síntoma” consiste pues en la reducción de lo “universal” en lo “particular”, por medio del “tratamiento” del síntoma en el nivel de sus manifestaciones”* (Albano, Levit & Gardner, 2006, p. 159, **negritos nossos**).

---

<sup>3</sup> “O sinal provoca uma certa reação, mas não comporta qualquer relação de significação” (Ducrot & Todorov, 2007[1972], p. 104).

<sup>4</sup> Cabe destacar que sintoma não é um termo que deva ser usado para indexação, segundo a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

Pode-se observar que os sintomas na clínica médica são o pilar de sustentação clínica, porque é a partir da sua descrição que o médico estabelece as possíveis causas, diagnostica e, ainda, restabelece o funcionamento orgânico.

Cabe esclarecer que o termo síndrome é comumente utilizado na medicina e se diferencia do termo sintoma, pois trata-se do “conjunto de sintomas ou sinais de qualquer estado mórbido que aconteça simultaneamente”<sup>5</sup>; no descritor DeCS/MeSH, o termo síndrome significa o “complexo de sintomas de etiologia desconhecida, característica de uma anomalia particular”. Barthes (1985) faz uma comparação entre o termo síndrome e o sintagma lingüístico:

*“o do poder da combinatória que, com poucos elementos desmultiplicados, dá de certa forma, os resultados da leitura. Parece-me que uma combinação estável e repetida dos mesmos signos médicos poderia chamar-se, precisamente, síndrome, que seria, então, lingüisticamente, o equivalente daquilo que se chama o sintagma fixo, quer dizer, o grupo de palavras estereotipadas que volta sempre, conglomerado da mesma maneira, em frases diferentes, e que, por conseguinte, embora sendo ele próprio composto, com todo o rigor, por várias palavras, duas, três ou quatro, oferece absolutamente o mesmo valor funcional de uma única palavra” (Op.Cit., p. 196).*

Após esta breve resenha sobre os sintomas na clínica médica, avancemos para a clínica fonoaudiológica que descreve os sintomas de linguagem em uma perspectiva próxima à noção de signo médico.

---

5 Ver dicionário Digital de Termos Médicos – <http://www.pdamed.com.br/diciomed>.

## **II. Implicações dos sintomas de linguagem apoiados na noção de signo médico:**

A problemática dos sintomas de linguagem recai no sistema clínico fonoaudiológico de inspiração médica sob um discurso tendente à homogeneização, uma vez que as descrições fazem parte de uma perspectiva de linguagem que se debruça sobre o cerebral, o cognitivo ou o lingüístico (como um sistema rígido). Acredita-se que a via pedagógica do ensinar/corrigir a norma da língua, que não ultrapassa uma ordenação direta entre o biológico e o ser consciente, é capaz de ensinar um modo correto em direção ao bem dizer. Dessa maneira, pode-se dizer que as falas e escritas dos sujeitos em sua heterogeneidade, são homogeneizadas.

Cabe esclarecer que a noção sintoma de linguagem advém de uma idéia simplista de linguagem como “*um meio, verbal ou não-verbal, de comunicar idéias ou sentimentos*” (Descritor DeCs/MeSH).

A literatura predominante da área se apóia na noção de sintoma de linguagem como aquela próxima à Medicina – a doença - ou à desordens da comunicação (ASHA<sup>6</sup>, 1982, 1984, 1996; Andrade, 1997), que podem ser de três naturezas:

- 1) da fala: sinais e sintomas na articulação, voz e fluência;
- 2) da linguagem: sinais e sintomas de forma, conteúdo e função

---

<sup>6</sup> American Speech, Language, Hearing Association.

comunicativa;

3) da audição: sinais e sintomas de sensibilidade, função, processamento e fisiologia.

Fato curioso que a fala faz parte da linguagem bem como a língua, mas neste caso, a noção é de comunicação entre o receptor e destinatário.

Na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - CID-10, que grande parte dos fonoaudiólogos utiliza para poder denominar e classificar o tipo de “doença” de linguagem, um distúrbio articulatorio, por exemplo, faz parte do agrupamento: “Transtornos do desenvolvimento psicológico”<sup>7</sup>, capítulo V dos “Transtornos Mentais e Comportamentais”, no qual:

*“Os transtornos classificados em F80-F89 têm em comum: a) início situado obrigatoriamente na primeira ou segunda infância; b) comprometimento ou retardo do desenvolvimento de funções estreitamente ligadas à maturação biológica do sistema nervoso central; e c) evolução contínua sem remissões nem recaídas. Na maioria dos casos, as funções atingidas compreendem a linguagem, as habilidades espaço-visuais e a coordenação motora. Habitualmente o retardo ou a deficiência já estava presente mesmo antes de poder ser posta em evidência*

---

7 Cabe esclarecer que os transtornos de fala, de desenvolvimento de linguagem, de linguagem; distúrbios articulatorios; distúrbios de leitura e escrita; gagueira, entre outros são norteados pelo Capítulo V, de maneira que os princípios operadores das descrições destes quadros patológicos de linguagem estão escritos a partir da instância mental-comportamental-cognitiva-articulatoria para a lingüística.

*com certeza, diminuirá progressivamente com a idade; déficits mais leves podem, contudo, persistir na idade adulta”.*

Assim, poderíamos dizer que o Distúrbio Articulatorio pertence à categoria “F80.0 - Transtorno específico da articulação da fala”, em que temos a seguinte consideração:

*“Transtorno específico do desenvolvimento na qual a utilização dos fonemas pela criança é inferior ao nível correspondente à sua idade mental, mas no qual o nível de aptidão lingüística é normal”.* Dislalia. Lalação. Transtorno (do):

- desenvolvimento (da):
- articulação (da fala)
- fonológico
- funcional de articulação”.

A descrição realizada por Andrade (1997), tomando como base os princípios postulados pela *American Speech, Language, Hearing Association* (ASHA) se aproxima das colocações encontradas no CID-10:

*“comprometimento no sistema de sons da língua e nas regras que governam as combinações desses sons; caracteriza-se pela produção oral anormal de um ou mais fonemas, por alterações basicamente de quatro tipos: omissão, substituição, distorção e/ou adição de fonemas”* (Andrade, 1997, p. 497).

Parece que as aplicações descritivas da clínica fonoaudiológica não são



adequadas para caracterizar acontecimentos sintomáticos, pois operam num sistema de desenvolvimento hierárquico dos estágios de maturação e consciência do aprendizado dos padrões lingüísticos e articulatorios, afastando-se das estruturas constitutivas da linguagem no sujeito.

Tal forma de conceber o Distúrbio articulatorio ou o “transtorno articulatorio” não delimita especificidades quanto aos sintomas, pois suas descrições partem da Medicina, cunhando termos deste campo e ainda promovem uma grande confusão entre as desordens de articulação, pois nos parece haver um equívoco em dimensioná-las conforme as naturezas: mental - comportamental - cronológica - lingüística - articulatoria, num discurso organicista ou cognoscitivo que se de um lado apaga o sujeito, por outro é da ordem da inteligência.

Apesar de reconhecermos que há uma ambigüidade peculiar ao sintoma da linguagem, que esta ambigüidade possa pelo menos gravitar em torno da formação de compromisso que o fonoaudiólogo tem com o sujeito das falas sintomáticas, isto é, com uma teoria de linguagem que abarque a heterogeneidade de uma fala/escrita do sujeito.

No entanto, neste campo próprio à Fonoaudiologia – dos sintomas de linguagem - há o reconhecimento de uma falta que diz respeito a uma desproblematização da natureza semiológica própria às produções sintomáticas de linguagem, exceção esta que impede voltar-se aos sintomas que impõem presença na Fonoaudiologia e pensar como, via linguagem-sujeito, estes podem ser configurados e estabelecidos nosologicamente, uma vez que as descrições se

pautam em elementos da cognição, da maturação neurológica, da norma da língua, da articulação, do ouvir. *E a fala? E a escuta para esta fala? E a sanção do Outro sobre esta fala?* Esta falta e seus desdobramentos em forma de questões pedem inclusão e demarcam interesse nesta pesquisa.

Enquanto a Fonoaudiologia utilizar categorias nosológicas determinadas via o aporte orgânico, cognitivo ou pelo ideal de língua, numa configuração pautada no modelo médico de diagnóstico, em descrições que escapam à linguagem, não será possível lidar com as especificidades da Clínica Fonoaudiológica.

Não obstante, temos classicamente o sintoma afásico como estabelecido por uma relação de causa e efeito – AVC/afasia, isto é, a lesão cerebral em relação ao local e a extensão da lesão no hemisfério cerebral - afasia de Broca, de Wernicke -, no qual os sinais e sintomas podem ser descritos via comprometimento expressivo ou receptivo da comunicação que incluem: mutismo, disfluência, afemia, bradilalia, logorréia, ecolalia, perseveração, anomia, estereotipia, jargonofasia, parafasia, apraxia, disartria, anartria, alexia, agramatismo, fala laboriosa, déficit de repetição, déficit de compreensão, entre outros.

Fato curioso ocorre quando, no CID-10, encontramos a afasia em um capítulo separado das lesões do sistema nervoso central, como o Acidente Vascular Cerebral, o Traumatismo Craniano, entre outros, que etiologicamente configurariam a perda ou a dissolução de linguagem:

“Capítulo XVIII Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório, não classificados em outra parte (R00-R99).

Este capítulo inclui sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos ou de outros procedimentos de investigação diagnóstica, além de **afecções mal definidas** para as quais **não haja um diagnóstico classificado** em outra parte (...) De modo geral, as categorias deste capítulo incluem **aqueles sintomas e afecções menos bem definidas que, sem que tenha havido o necessário estudo do caso para se estabelecer um diagnóstico final, podem conduzir com igual possibilidade a duas ou mais doenças diferentes ou a dois ou mais aparelhos do corpo**. Praticamente todas as categorias deste capítulo se poderiam designar como **"não especificado de outra forma"**, **"etiologia desconhecida"** ou **"transitório"**. O Índice Alfabético deve ser consultado para se determinar quais sintomas e sinais devem ser alocados aqui e quais a outros capítulos. (...) As afecções e sinais ou sintomas incluídos nas categorias R00-R99 consistem de: a) casos para os quais **não se possa chegar a um diagnóstico mais preciso**, mesmo depois que todos os fatos que digam respeito ao caso tenham sido investigados; b) sinais ou sintomas existentes no momento da primeira consulta que se mostrem de **caráter transitório e cujas causas não possam ser determinadas**; c) diagnósticos provisórios atribuídos a um paciente que não retorne a consulta para aprofundamento da investigação do diagnóstico ou para assistência; d) **casos encaminhados a outros locais para investigação ou tratamento** antes que o diagnóstico fosse feito; e) casos para os quais não foi possível estabelecer um diagnóstico mais preciso por qualquer outra razão; f) **alguns sintomas para os quais se fornece informação complementar e que representam por si só importantes problemas na assistência médica**” (Negritos nossos).

É curioso e útil a esta pesquisa, o fato de a afasia estar classificada em uma afecção mal descrita, “não-determinada”, que não pode ser remetida a uma etiologia conhecida, e que pode estar associada a outros quadros clínicos, que não são especificados. E ainda, não há terapêutica possível em um tratamento medicamentoso ou cirúrgico, o paciente é encaminhado a outros locais de tratamento, certamente porque a afasia não é de natureza estritamente orgânica, pois se fosse de tal ordem não escapariam da Medicina, os sujeitos que fazem sintoma de linguagem.

Pode-se dizer que se pacientes são encaminhados para a clínica fonoaudiológica é porque a leitura dos sintomas não está sendo suficiente e contingente para ser alçada na dimensão das clínicas neurológica, psiquiátrica ou cardiológica, entre outras.

Dessa maneira, afasia (R.47) diz sobre os sintomas e sinais relativos à fala e à voz. Outro fato que nos chama atenção é que a dissolução na escrita e na linguagem do sujeito afásico não é mencionada. No descritor da plataforma DeCs/MeSH, encontramos a seguinte definição para a afasia:

*“transtorno cognitivo caracterizado pela habilidade deficiente em compreender ou expressar a linguagem nas suas formas escrita ou falada”. Esta condição é causada por doenças que afetam as áreas de linguagem do hemisfério dominante. Os sinais clínicos são usados para classificar os vários subtipos desta condição. Como categorias gerais, estão incluídas as formas receptiva, expressiva e mista de afasia”.*

Por essa via, outro fato curioso é que a dimensão cognitiva entra em cena pela descrição que remete a um espaço lingüístico. Na lingüística – campo de interdisciplinaridade com a Fonoaudiologia - encontramos outra definição de afasia atrelada à noção de língua - em suas instâncias motora e sintática - alçando como suporte de funcionamento da língua a cognição.

*“É caracterizada por alteração de processos lingüísticos de significação de origem articulatória e discursiva - nesta, incluídos aspectos gramaticais, produzida por uma lesão focal adquirida no Sistema Nervoso Central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associar a alterações de outros processos cognitivos” (Coudry, 1988, p. 5).*

Diante da heterogeneidade dos sinais e sintomas de linguagem, surge uma questão central ao clínico: qual é a natureza do funcionamento dos sintomas de linguagem?

Certamente, para abarcar esta questão, o clínico se encaminhou em direção ao cartesianismo médico. No entanto, desde os primórdios da Fonoaudiologia, já se pôde estabelecer uma falta, um sintoma que, para ser apreendido, não se remete à própria linguagem. O sintoma é falado via causas externas à linguagem – a lesão biológica do sistema nervoso central, alterações perceptivo-auditivas, baixo nível de desenvolvimento intelectual, falhas ambientais, transtorno cognitivo. É proveniente, muitas vezes, de comprometimentos orgânicos que incluem os órgãos fonoarticulatórios. Tal concepção não permite

que os elementos constituintes de uma clínica – incluindo seu método e suas técnicas - sejam colocados em evidência, num sistema de relações quer sejam diretos, simétricos, recíprocos ou inversos, pelo fato de que não é permitido determinar o princípio que serve de base para as formações dos diferentes sintomas na e da linguagem.

Quanto à causa, entende-se que a desordem da fala e/ou da escrita resulte, exclusivamente, de alterações motoras e/ou sensoriais atreladas aos órgãos fonoarticulatórios que são governados pelo sistema nervoso central ao qual escapa a natureza do sintoma de linguagem.

Não se dimensionam, também, pesquisas que articulem os “percalços” ao longo do processo de aquisição de linguagem - instante em que a noção de estrutura implica pensar na forma de relação da criança com o Outro já constituído na língua -, e como estes norteiam efeitos na arquitetura do sujeito e configuram quadros sintomáticos de linguagem.

A noção de desenvolvimento de linguagem está diretamente ligada ao desenvolvimento neuropsicomotor, isto é, *“a linguagem é possibilitada por um corpo anatômica e funcionalmente adequado, e por uma mente inteligente e tranqüila”* (Palladino, Souza & Cunha, 2004, p. 96).

Neste sentido, a linguagem se dá pela:

*“expansão gradual, em complexidade e significado, dos símbolos e sons conforme percebidos e interpretados pelo indivíduo através do processo de maturação e aprendizagem. Os estágios de desenvolvimento incluem o balbucio, o arrulho, a*

*imitação de palavras com cognição e o uso de sentenças curtas”*  
(Descritor DeCS/MeSH).

Por essa via, os Transtornos do Desenvolvimento da Linguagem são definidos pela plataforma DeCS/MeSH como “*condições caracterizadas por capacidades de linguagem (compreensão e expressão de fala e escrita) que estão abaixo do nível esperado para uma determinada idade*”.

Em outras palavras, os sinais e sintomas de retardo de linguagem são descritos como alterações de algumas habilidades: 1) do sistema nervoso central: organização simbólica; julgamento das relações; cognição; atenção; concentração; percepção; raciocínio indutivo; raciocínio dedutivo; controle dos impulsos; memória; retenção; 2) mentais/emocionais: figurativas, simbólicas, semânticas e comportamentais; 3) sistema sensorial: consciência auditiva, identificação, localização, discriminação do som; atenção, memória auditiva, sequenciação, análise e síntese; 4) estabilidade emocional; 5) estimulação do ambiente e maturação (Jakubovicz, 1997).

Erros de fala, de escrita, de linguagem são vistos em alusão aos desvios, desordens, distúrbios e transtornos num perfil mensurável da relação cronológica de aprendizado da língua, num sistema de relação que se apóia no sistema de um falante ideal. Dessa maneira, não entra em jogo a diferenciação entre erros estruturantes e erros patológicos, e sim o que não se ajusta à regra, ao padrão ideal de fala do adulto, isto é, a polaridade correto *versus* incorreto diz sobre o desvio no sistema da língua “*cujos padrões não são idênticos à norma*” (Yavas,

Hernandorena & Lamprecht, 2001, p. 8).

Em suma, apesar de serem descritos via língua são remetidos à afecções do sistema nervoso central que não são suficientes para explicar o funcionamento dos sintomas na linguagem. Pois se a pediatria, a neurologia, a cardiologia, a psiquiatria entre outras, não abarcam os sintomas de linguagem por não haver cirurgia ou medicamento que estabeleça outros modos de o sujeito operar na linguagem, por escapar-lhes a função e o campo da fala e da linguagem, os encaminhamentos à Clínica Fonoaudiológica comprometem-na com as estruturas da fala, da escrita e da língua que, em relação ao sujeito, à sanção do Outro e aos processos de substituição e condensação dos significantes, seriam uma das possíveis saídas para se estabelecer as bases de descrição do funcionamento dos sintomas na e da linguagem.

Por fim, quando se introduz o sujeito - das falas e/ou das escritas sintomáticas -, toda a estrutura da clínica se altera e exige que novos rearranjos no plano das descrições semiológicas, nas dimensões diagnóstica, etiológica e terapêutica se realizem para ressignificar os sintomas de linguagem, na Clínica Fonoaudiológica.

Mas emergem questões:

1) quais seriam os outros modos de descrever os diferentes sintomas de linguagem, na Clínica Fonoaudiológica?

2) qual é o seu estatuto na Clínica Fonoaudiológica, de maneira que seja subvertida a noção e a natureza dos sintomas de linguagem?



3) como o remanejamento da noção de sintoma pode contribuir não somente para a descrição, mas para a explicação da dissolução ou da transformação dos sintomas de linguagem no tempo; como podem ser diagnosticados, do que se distinguiriam, quais as hipóteses sobre sua causa ou função?

Para tanto, retomar outras noções de sintoma faz-se necessário, pois a noção de sintoma de linguagem deve abarcar o sujeito e o seu funcionamento da e na linguagem.

### **III. Sintoma como deslocamento metafórico à escuta do clínico:**

A Psicanálise nos apresenta uma noção de sintoma radicalmente nova que abarca o sujeito-linguagem. Ao contrário da Clínica Médica que conceitua o sintoma como da ordem do orgânico observável pelo signo do olhar clínico, o sintoma na Clínica Psicanalítica alça o estatuto de metáfora à escuta do clínico.

Se a substituição de uma clínica do olhar para a da escuta - da fala - torna-se a essência do método clínico psicanalítico, cabe esclarecer que esta escuta não é qualquer, é a escuta da particularidade de uma fala, é um método de escuta flutuante e associação livre -: *“escuta metódica, atenta ao detalhe, à pequena incongruência, deslize ou ruptura da fala. Flutuante e aberta às interrupções, insistências e silêncios do discurso...”* (Dunker, 2000, p. 49); que coloca em jogo uma série de elementos próprios à subjetividade, sob o imprevisível, a heterogeneidade e a qualidade de uma fala. A escuta desta fala

opera também pelo caráter singular, instável, multifacetado e temporal da trama narrativa que o sujeito opera em seu discurso. Em suma, pode-se dizer que a escuta se dá na particularidade que se inscreve na história e no discurso do sujeito sobredeterminado pelo modo de operar da linguagem no inconsciente.

A obra freudiana introduz uma subversão à noção de sintoma médico, uma vez que a relação entre a manifestação sintomática e a sua significação se ordena a uma sobredeterminação psíquica, isto é, o sintoma<sup>8</sup> é formação do inconsciente, que funciona a partir da representação do desejo inconsciente que está ligado à castração<sup>9</sup>. Nesse sentido, na clínica médica<sup>10</sup> o sintoma é o que perturba e destrói a harmonia do aparelho neurofisiológico, e por outro lado, na Clínica Psicanalítica, o sintoma é enlaçado harmonicamente a uma falta, o que é conhecido como da ordem da castração.

---

8 O percurso do sintoma na obra freudiana pode ser abarcado em quatro vertentes: sintoma e trauma, sintoma e formações do inconsciente, sintoma e fantasia, sintoma e pulsão.

9 Lacan (2007[1975-76]) nos explica que “a castração é que o falo é transmitido de pai para filho, e isso inclusive comporta alguma coisa que anula o falo do pai antes que o filho tenha direito de portá-lo. Freud refere-se à idéia da castração essencialmente desta maneira, na qual a castração é uma transmissão manifestamente simbólica” (Op.Cit., p. 83).

10 A clínica médica tem como objeto de estudo o corpo. A partir disso, pode-se pensar que a estrutura deste corpo é composta por sistemas (nervoso, ósseo, auditivo, visual, digestivo entre outros). O funcionamento dos sistemas é ordenado pela lei biológica da economia de esforço, ou seja, as energias a gastar e a metabolizar regulam a ordem e a desordem (sintoma) desse funcionamento fisiológico. A ordem é regulada pela necessidade fisiológica do corpo (por exemplo, a comida) e a desordem é organizada pelo crescimento entrópico da falta de energia (por exemplo, a fome). A desregularização desse funcionamento pode levar ao estado de morte. O objetivo da medicina é harmonizar essas energias pelos sistemas.

Nas palavras de Freud (2001[1926]): *“um sintoma é um sinal e um substituto de uma satisfação instintual que permaneceu em estado jacente; é uma consequência do processo de repressão”* (Op. Cit., p. 14).

No texto, O Retorno do Reprimido, Freud (1975[1937-39]), nos explica o sintoma da seguinte maneira:

*“há uma quantidade de processos semelhantes entre os que a investigação analítica da vida mental nos ensinou a conhecer. Alguns deles são descritos como patológicos; outros se encontram entre a diversidade dos acontecimentos normais. Mas isso pouco importa, já que as fronteiras entre os dois [os patológicos e os normais] não estão nitidamente traçadas, seus mecanismos são em grande parte os mesmos, sendo de muito maior importância saber se as alterações em apreço se realizam no próprio ego ou se confrontam com ele como estranhas a ele – caso em que são conhecidas como sintomas”* (Op. Cit., 148-151).

Cabe esclarecer que, na Psicanálise Freudiana, o sintoma representa o desejo do inconsciente que está deslocado no tempo e no espaço, que por um lado opera por dois processos: 1) o da condensação e 2) da substituição e por outro, está ligado a uma teoria sobre a sexualidade, que se articula às marcas da constituição psíquica do sujeito que se inscrevem pela escrita da letra neurótica, psicótica e perversa sendo, por isso, metáfora à escuta do clínico (Allouch, 1994). A transmissibilidade do sintoma funciona como um rébus de transferência, isto é, um enigma a ser decifrado cuja interpretação funciona como uma leitura da mensagem.

Em outras palavras, o glossário lacaniano define melhor o sintoma no sentido freudiano:

*“la teoría freudiana introduce una subversión en la noción médica del síntoma a partir de postular allí una **significación sexual**. La manifestación ‘fenoménica’ bajo la cual se presenta el síntoma, por ejemplo: ‘parálisis’, remite a su vez a un plano ‘nouménico’ en el cual reside su ‘significación’. La relación entre **la ‘manifestación’ sintomática y su significación se ordena conforme a una legalidad psíquica**, y no ya a una legalidad biológica. En efecto, no es una afección orgánica lo que origina el síntoma, sino la ‘represión’ de un significado sexual que toma al cuerpo como el lugar de una expresión desviada. La operación analítica sobre el síntoma procede de lo **‘particular’ a lo ‘particular’**, develando aquella significación sexual por medio de la interpretación. Así, la ‘interpretación’ consiste en la ‘puesta en palabras’ del núcleo reprimido, que por efecto del aislamiento del que ha sido objeto invierte el camino que ha tomado éste en su expresión. Las categorías consciente-inconsciente permiten articular la dimensión del síntoma en un plano superador con respecto a la noción médico-psiquiátrica. **El lugar del ‘cuerpo’ como inscripción de un significado sexual reprimido, subvierte la noción médica, y presenta al cuerpo como un lugar de atravesamiento del lenguaje**” (Albano, Levit & Gardner, 2006, p. 159-160, negritos nossos).*

Pode-se dizer que o sintoma possui um sentido e uma conexão com as experiências do sujeito, no entanto, o sentido do sintoma é desconhecido pelo sujeito, pois as formações do sintoma se justificam diante da necessidade de **substituir** algo que foi recalçado, que emerge deslocado para o sujeito, por esse viés, o sintoma é da ordem das formações do inconsciente.

A essência do sintoma na clínica psicanalítica que parte da particularidade do caso e considera o sujeito e a sua linguagem se aproxima da noção de sintoma de linguagem que esta pesquisa busca.

Freud (2001[1926]) distingue o sintoma da inibição:

*“a inibição tem uma relação especial com a função, não tendo necessariamente uma implicação patológica. Podemos muito bem denominar inibição a uma restrição normal de uma função. Um sintoma, por outro lado, realmente denota a presença de algum processo patológico<sup>11</sup>”* (Op. Cit., p. 9).

Por essa via, Henckel e Berlinck (2003) nos dizem que a distinção se dá pelo fato de que há *“um determinado trabalho psíquico no sintoma - de deslocamento e de formação de compromisso”* (Op. Cit., p. 117) e que por outro lado, na inibição *“está impedido ou congelado, quando justamente sua ação leva a uma renúncia desse trabalho”* (Idem Ibidem).

Além da distinção entre sintoma e inibição, Freud (2001[1926]) difere o sintoma da angústia, pois *“a angústia é uma reação a uma situação de perigo”* (Op. Cit., p.56) e que *“os sintomas só se formam a fim de evitar a angústia – neurose”* (Op. Cit., p. 73). Henckel e Berlinck (2003) nos dizem que a *“angústia é o sinal de uma discrepância... entre o animal humano e o ambiente”* (Op. Cit., p.

---

11 O termo psicopatologia é composto de três palavras gregas: 1) "Psyché", que significa psique, psiquismo, psíquico, alma. 2) "Pathos", paixão, excesso, passagem, passividade, sofrimento, assujeitamento, patológico. 3) "Logos", lógica, discurso, narrativa, conhecimento. A psicopatologia seria, um discurso, um saber, (logos) sobre a paixão, (pathos) da mente, da alma (psyché).

121).

O sintoma sob a ótica da Psicanálise Lacaniana tem duas vertentes, uma em que se apóia sobre o paradigma lingüístico – segundo as estruturas do significante, da metáfora/metonímia e da mensagem/código - e outra, que se debruça sobre a lógica e a topologia dos quatros nós de três, ou seja, o “cadeinó”<sup>12</sup> borromeano” – o nó entre Real, Simbólico e Imaginário.

Nesse sentido, o sintoma diz sobre: 1) a prevalência de entrada na análise; 2) a articulação significativa e 3) a ligação entre real, simbólico e imaginário.

O sintoma de entrada da análise se reveste de três características:

*“A primeira é a maneira como o paciente enuncia o seu sofrimento (...) A segunda característica do sintoma é a **teoria formulada pelo analisando para compreender seu mal-estar** (...) O sintoma é um acontecimento doloroso, sempre acompanhado de interpretação, pelo paciente, das causas de seu mal-estar (...) Mas, à medida que, na análise, o paciente interpreta e diz a si mesmo o porquê de seu sofrimento, instala-se um fenômeno essencial: **o analista se transforma, progressiva e imperceptivelmente, no destinatário do sintoma**. Quanto mais explico a causa de meu sofrimento, mais aquele que me escuta **torna-se o Outro de meu sintoma**. Vocês tem aí a terceira característica do sintoma: **o sintoma conclama e inclui a presença do psicanalista**. (Nasio, 1993, p. 13-15, negritos nossos).*

---

12 Na obra *Sinthoma* de Lacan (2007[1975-76]) o “cadeinó” [chaînoeud] diz respeito ao nó e a cadeia do sintoma, isto é, o que “faz equívoco com cadeia e nó”.

A noção de sintoma ancorado pela ordem significante se constitui “**por sucessivas estratificações significantes**” de ordem metafórica e metonímica e tributária das fantasias do inconsciente (Dor, 1997, p. 22), de maneira que os traços estruturais das formações dos sintomas subjetivos, são como indícios codificados; um enigma a ser decifrado pelo analista: “*o signo... nos deixa diante de um enigma*” (Lacan, 1979[1953-54], p. 299).

Falar em enigma na acepção lacaniana é dizer sobre: “*E maiúsculo Índice e minúsculo, Ee. Trata-se da enunciação e do enunciado. Um enigma, como o nome indica, é uma enunciação da qual não se acha o enunciado*” (Lacan, 2007[1975-76], p. 65). Dunker (1996) explica que “*Lacan separa o plano da enunciação do plano do enunciado, separação que permite falar em sujeito do inconsciente. Ora, se há algo que fundamenta a descrição, não é certamente a enunciação, mas o enunciado*” (Op. Cit., p. 156).

No dicionário enciclopédico de Ducrot e Todorov (1972), os autores distinguem enunciado e enunciação, como dois estilos: 1) o do enunciado enquanto opera pelo aspecto verbal, que diz respeito às particularidades fônicas, morfológicas, semânticas, sintáticas (significante-significado, fonema, traço, sintaxe); 2) o da enunciação como a relação entre os protagonistas do discurso (autor - destinatário, narrador – narratário, falante-escutante). Enunciado e enunciação podem ser definidos como “*expressão numa linguagem qualquer de um juízo (de fato ou de direito) de um problema, de uma ordem, de um conselho*”

(...) *Podem ser desprovidos de sentido*” (Lalande, 1999[1926]), p. 310-311)<sup>13</sup>.

As características do sintoma quando encadeadas pela articulação significativa, podem ser ditas de um outro ângulo conceitual que se assenta nas duas faces do sintoma: 1) face de signo e 2) face do significante. Segundo Nasio (1993), na face do signo o “*sintoma representa algo para aquele que sofre e, às vezes, para aquele que escuta*” (Op. Cit., p.17) e por outro lado, “o aspecto significativo do sintoma é o fato de ele ser um acontecimento involuntário, desprovido de sentido e pronto para se repetir” (Ibid. Ibidem). Em outros termos, Lacan nos diz que o signo é aquilo que representa algo para alguém diversamente, o significante é “*aquilo que representa um sujeito para outro significante*” (Lacan, (1992[1969-70]), p. 27), isto é, trata-se de representante e não de representação. No que se refere à noção de significado Lacan (1996[1972-73]), nos diz que: “o significado não tem nada a ver com os ouvidos, mas somente com a leitura, com a leitura do que se ouve de significante. O significado não é aquilo que se ouve, o que se ouve é o significante. O significado é efeito do significante” (Op. Cit., p. 47).

Ainda, afirma que “*numa linguagem, os signos adquirem valor por suas relações uns com os outros*” (Lacan, 1998[1966], p. 298). Por outro lado, o significante, “*sempre se antecipa ao sentido*” (Op.Cit., p. 202) e “*só pode operar por estar presente no sujeito*” (Op. Cit., p. 512) e a sua função propriamente

---

13 A questão do juízo está explorada no Capítulo intitulado Multiestratificação estrutural dos sintomas de linguagem.



significante é a metonímica, pois a conexão significante a significante, de palavra em palavra se apóia numa combinação metonímica e, que do significante por outro, ou de uma palavra por outra, o sintoma funciona como metáfora, pois:

*“o mecanismo de duplo gatilho da metáfora é o mesmo em que se determina o sintoma no sentido analítico. Entre significante enigmático do trauma sexual e o termo que ele vem substituir numa cadeia significante atual passa a centelha que fixa num sintoma – metáfora em que a carne ou a função são tomadas como elemento significante – a significação, inacessível ao sujeito consciente onde ele pode se resolver” (Op. Cit., p.522).*

Nesse sentido, a primeira vertente da função significante é a metonímia e a outra é a metáfora, sendo que a metáfora *“brota entre dois significantes dos quais um substitui o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia” (Op. Cit., p. 510).* O sintoma também pode operar como uma metonímia quando é o desejo de outra coisa.

Cabe esclarecer que, na dimensão significante das descrições lacanianas, o duplo movimento da metonímia e da metáfora gravita em torno da idéia de estrutura, isto é, *“uma estrutura é uma cadeia de elementos distintos em sua realidade material, mas semelhantes em seu pertencimento a um mesmo conjunto. Esses elementos chamam-se significantes” (Nasio, 1993, p. 56).*

Falar em sintoma como metáfora nos remete à noção de metáfora paterna ou do significante o “Nome-do-Pai” e metonímia enquanto o desejo em sua

dialética com a demanda.

A metáfora paterna está ligada ao complexo de castração, isto é, trata-se da função do pai ou em outros termos da constituição “*por uma simbolização primordial entre a criança e a mãe, a colocação substitutiva do pai como símbolo, ou significante, no lugar da mãe*” (Lacan, 1999[1957-58], p. 186), uma vez que “*a função do pai, o Nome-do-Pai, está ligada à proibição do incesto*” (Op. Cit., p. 194), isto quer dizer que o pai está investido pelo significante e intervém pela enunciação da lei: “*o pai como aquele que promulga a lei é o pai morto, isto é, o símbolo do pai*” (Op. Cit., p. 152).

Lacan fala sobre três tempos do Édipo: ser e ter

1) O primeiro tempo é caracterizado pela primazia do falo<sup>14</sup> que se dá pela via da entrada do símbolo e do texto da lei: “*o que a criança busca, como desejo de desejo é poder satisfazer o desejo da mãe*” (Op. Cit., p.198), nesse sentido o sujeito se identifica especularmente com o objeto de desejo de sua mãe, uma vez que: “*para agradar à mãe ... é necessário e suficiente ser o falo*” (Idem). Dessa maneira, “*a instância paterna se introduz de uma forma velada, ou que ainda não aparece*” (Op. Cit., p. 200), a problemática do falo está em jogo “*em algum lugar da mãe, onde a criança tem de situá-la*” (Idem).

2) O segundo tempo diz respeito à demanda endereçada ao Outro, na

---

14 “*O falo é a conjunção do que chamei **esse parasita**, ou seja, o pedacinho de pau em questão, com a função da fala*” (Lacan, 2007 [1975-76]), p. 16). Pode-se dizer também que o falo é a falta primordial.

desvinculação do sujeito de sua identificação com a mãe e liga-o ao aparecimento da lei:

*“a estreita ligação desse remeter a mãe uma lei que não é dela, mas a de um Outro, com o fato de o objeto de seu desejo ser soberanamente possuído, na realidade, por esse mesmo Outro a cuja lei remete, fornece a chave da relação do Édipo. O que constitui seu caráter decisivo deve ser isolado como relação não com o pai, mas com a palavra do pai” (Op. Cit., p.200).*

Nesse sentido, a mãe é dependente de um objeto, não objeto de desejo, mas sim de objeto que o Outro tem ou não tem, uma vez que, *“o pai em sua presença privadora, como aquele que é o suporte da lei, e isso já não é feito de maneira velada, porém de um modo mediado pela mãe, que é quem o instaura como aquele que lhe faz a lei” (Idem).*

A passagem do desejo de ser o falo para tê-lo marcaria a inscrição do sujeito na lógica fálica e no campo do desejo.

3) No terceiro tempo o pai se revela como aquele que tem o falo, diz respeito à saída ou ao declínio do Édipo, *“na qual o se trata de o menino se identificar com o pai como possuidor do pênis, e de a menina reconhecer o homem como aquele que o possui” (Op. Cit, p. 203).* Nesse sentido, o pai ocupa uma posição metafórica na medida em que a mãe faz do pai aquele que sanciona e homologa a lei.

O significante Nome-do-pai funciona de maneira a integrar o sujeito e

promove uma articulação pulsional. Nesse sentido, a presença do significante Nome-do-pai determina a neurose e por outro lado, a ausência – ou forclusão – determinaria a psicose. A simbolização do Complexo de Édipo, ao delimitar o campo do Outro, apaziguaria o sujeito frente à voracidade do desejo materno.

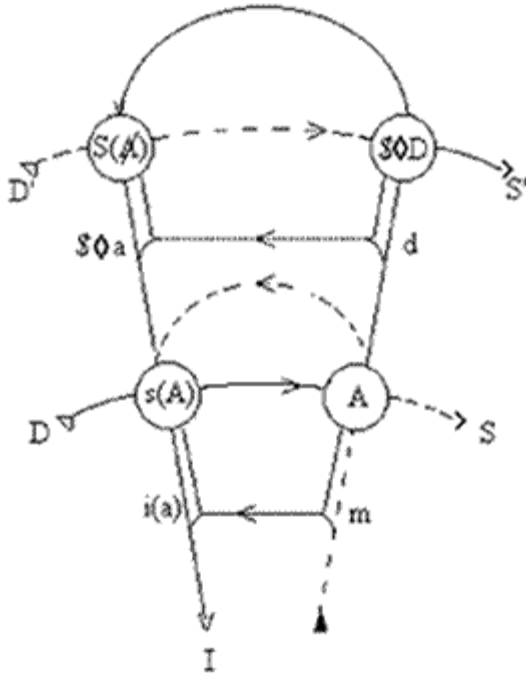
A falha na inscrição da função significante do Nome-do-Pai marca o próprio funcionamento da linguagem, uma vez que o significante primordial estrutura a constituição subjetiva, na qual está a origem lógica da linguagem. Se na neurose “*é uma palavra que se articula, na medida em que o recalcado e o retorno do recalcado são e dizem a mesma coisa*” (Lacan, 2002[1955], p. 97), na psicose, “*alguma coisa de primordial quanto ao ser do sujeito não entre na simbolização, e seja, não recalcado, mas rejeitado*” (Idem).

Na obra “*As formações do inconsciente*” (Lacan, 1999[1957-58]), a partir do grafo do desejo, o autor afirma que o sentido do sintoma é decorrente da demanda de desejo dirigida ao Outro “*aquilo que, a partir de uma necessidade, passa por meio do significante dirigido ao Outro*” (Op. Cit., p. 91), e que é necessário que o efeito de significação produzido se ligue com a fantasia para obter efeito de verdade<sup>15</sup>. Neste grafo, o objeto *a* é causa de desejo, sua categoria é imaginária. Lacan apóia-se na idéia de que o sintoma porta um sentido vindo do Outro, uma mensagem invertida, como efeito de verdade.

---

15 A verdade que Lacan se refere é aquilo que só pode ser dito pela metade, isto é, meio-dito.

## Grafo do desejo:



“Podemos ler no primeiro grafo a inversão que constitui o sujeito em sua travessia da cadeia significante. Essa inversão se faz pela antecipação, cuja lei impõe ao primeiro cruzamento no vetor S. S') a última palavra (a ser compreendida como “chave do enigma”, isto é, pontuação), e pela retroação, enunciada na fórmula da comunicação intersubjetiva, que torna necessário um segundo cruzamento que situa o receptor e a sua bateria. O segundo grafo compõe, a partir da célula elementar a identificação imaginária e a identificação simbólica na sincronia subjetiva; a cadeia significante recebe aqui sua especificação de fala. Torna-se vetor da pulsão

(entre desejo e fantasia) no grafo completo, com o grafo intermediário pontuando apenas a pergunta do sujeito ao Outro: “Que quer ele de mim?”, a ser invertida em sua recíproca, “Que quer você de mim?”. (Lacan, 1998[1966], p. 923).

Assim, “o sintoma se apresenta como uma máscara, apresenta-se de uma forma paradoxal” (Op. Cit., 335). A noção de máscara se apóia na manifestação de um desejo ambíguo, ou as faces freudianas do sintoma enquanto uma satisfação e um substituto. A relação entre o sintoma e o desejo inconsciente se articula, pelo enigma, máscara, pelo que está rejeitado ou excluído e por aquilo que se reconhece como desejo.

Em “O Sinthoma” (Lacan, 2007 [1975-76]), o autor nos diz que o “Complexo de Édipo é, como tal, um sintoma” (Op. Cit., p. 23) e, sustenta que o

sintoma envolve mensagem (esquema L)<sup>16</sup>, tal como pensava, mas que esta não é a sua maior função, pois o aparato do gozo como sendo da ordem do real é que ganha destaque em sua obra.

A noção de sintoma em sua cadeia é ligada ao imaginário pela consistência, pelo simbólico, pelo furo, pela falta e pela ex-sistência ao real, para tanto Lacan (2007[1975-76]) se utilizou da topologia e do Brasão dos Borromeus para representar os três registros.



(Símbolo borromeano na porta da igreja de San Sigimondo, Itália).



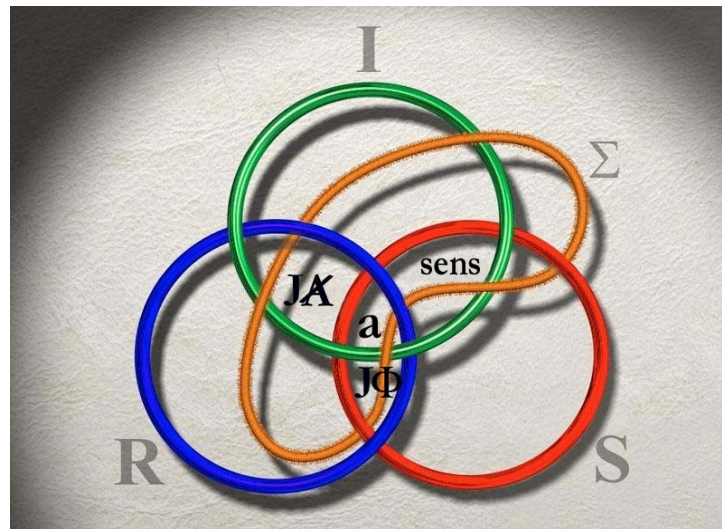
(Os três anéis separados de Lacan)

---

16 O esquema L de Lacan está representado na página 88.

O funcionamento do nó borromeano consiste na “*condição de que, a partir de três anéis, fizéssemos uma cadeia tal que o rompimento de apenas um, o do meio... tornasse os outros dois, quais quer que sejam eles, livres um do outro...*” (Op. Cit., p. 20), por essa via, os três anéis: o real, o simbólico e o imaginário – se enlaçam pela ligação do sintoma, o quarto anel que implica na ex-sistência do sintoma.

Dessa maneira a tríplice, isto é, a aliança entre Real, Simbólico e Imaginário se liga ao elo do sintoma. O nó tem a propriedade de envolver as três dimensões, isto é, “*não há um que, ao ser envolvido por um outro, não acabe envolvendo o outro*” (Op. Cit., p. 34). A dinâmica dos nós é a de “*cerrar*” e “*servir*” (Op. Cit., p. 79).



(Figura topológica dos três anéis ligados pelo sintoma, o quarto nó)<sup>17</sup>.

<sup>17</sup> In: Versão on-line: <http://www.carlosbermejo.net/ensayos.htm>).

O sintoma aparece como sigma -  $\Sigma$ <sup>18</sup> -, a marca do sujeito, traço próprio, singular, inegociável, que não cessa de inscrever-se, por outro lado, emprega a grafia *sinthoma* como a "forma antiga de escrever o que foi posteriormente escrito *sintoma*" (Op. Cit., p. 11).<sup>19</sup>

A escrita topológica dos nós é o que permite demonstrar o funcionamento da lógica de enlaçamento dos registros do real, do simbólico e do imaginário; a partir da noção de que o sintoma é real, o ponto central próprio à sua estrutura, ponto nodal mínimo, ponto do objeto *a*, núcleo real de gozo, de maneira que "o real se funda por não ter sentido, por excluir o sentido ou, mais exatamente, por se decantar ao ser excluído dele" (Op. Cit., p. 62-63) e ainda "encontra-se nos emaranhados do verdadeiro" (Op. Cit., p. 83).

O sentido "está no campo entre o imaginário e o simbólico" (Op. Cit., p.89) e ainda, "encontrar um sentido implica saber qual é o nó, e emendá-lo bem graças a um artifício" (Op. Cit., p. 71). Quando Lacan fala em artifício diz sobre a topologia que se debruça sobre o toro, ponto, furo e a consistência que é suportada por alguma coisa de físico, o corpo.

O gozo na acepção lacaniana é aquilo que não cessa de se escrever.

Dessa maneira o gozo fálico:

---

18 O sigma ou  $\Sigma$  é proveniente do alfabeto grego e corresponde ao nosso S.

19 Dias (2006) nos explica que a "etimologia da palavra *symptôme*, onde *ptôma*, do grego, significa queda. Le *symptôme*, o sintoma, do qual se espera que caia durante a análise, não é o mesmo ao qual se refere Lacan com o termo *le sinthome*, da antiga grafia francesa, para designar aquilo que não cai, que se fixa em torno da falta primeira e particular e da necessidade de que esta não cesse, para que continuem sendo possíveis o gozo e o desejo" (Op. Cit., p. 99).



*”situa-se na conjunção do simbólico com o real. Isso na medida em que no sujeito que se sustenta no falasser, que é o que designo como sendo o inconsciente, há a capacidade de conjugar a fala e o que concerne a um certo gozo, aquele dito do falo, experimentado como parasitário, devido a essa própria fala, devido ao falasser<sup>20</sup>”* (Lacan, 2007[1975-76], p . 55).

Já por outro lado, *“o gozo peniano advém a propósito do imaginário, isto é, do gozo duplo, da imagem especular, do gozo do corpo”* (Idem). E ainda, há o gozo do Outro barrado, no qual Lacan diz que não há Outro do Outro.

O objeto *a* é uma elaboração constante na obra Lacaniana que, nos primeiros seminários, diz sobre o pequeno outro ou semelhante, por outro lado, em O Seminário livro 8: A transferência, funciona como objeto amalgamático, causa de desejo e ainda, no Seminário Livro 17: O avesso da Psicanálise enquanto objeto mais-de-gozar.

Por fim, pode-se dizer que o sintoma *“é o que permite reparar a cadeia borromeana no caso de não termos mais uma cadeia, a saber, se em dois pontos cometermos o que chamei de um erro”* (Lacan, 2007 [1975-76], p. 90).

Após a breve resenha sobre as três dimensões do sintoma na Psicanálise Lacaniana: 1) Entrada na análise, 2) Articulação significante e 3) Enlace Real, Simbólico e Imaginário, avancemos para o modo como as formações do inconsciente se inscrevem nos sintomas, na Psicopatologia da Vida Cotidiana, na

---

20 A palavra *falasser* é uma tradução de *parlêtre* que foi criada por Lacan a partir da união de *parler* (fala) e *être* (ser).

tirada espirituosa, a partir do funcionamento metafórico e metonímico e da noção de sanção.

Freud (1969[1901]), em sua obra *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*, nos fala sobre os acontecimentos psíquicos, tais como: o esquecimento de nomes próprios, lapsos de fala, lapsos de leitura, lapsos de escrita, atos falhos, os quais operam no dia-a-dia do sujeito, sob vias que obedecem às leis de deslocamento, substituição e associação; são formações do inconsciente que rompem à barreira do desejo e se manifestam não como sintomas, isto é, não são caracterizadas como manifestações patológicas, mas como acontecimentos momentâneos da vida cotidiana:

*“trata-se dos casos em que o nome não só é esquecido, como também erroneamente lembrado. Em nosso afã de recuperar o nome perdido, outros – nomes substitutivos – nos vêm à consciência; reconhecemos de imediato que são incorretos, mas eles insistem em retornar e se impõe com grande persistência. O processo que deveria levar à reprodução do nome perdido foi, por assim dizer, deslocado, e por isso conduziu a um substituto incorreto. Minha hipótese é que esse deslocamento não está entregue a uma escolha psíquica arbitrária, mas segue vias previsíveis que obedecem a leis. Em outras palavras, suspeito que o nome ou os nomes substitutos ligam-se de maneira averiguável com o nome perdido” (Op. Cit., p. 19-20, negritos nossos).*

Freud (1969[1901]), explica que o fenômeno do esquecimento se deve ao fato de que se esquece alguma coisa contra a própria vontade, quando se quer

esquecer outra coisa intencionalmente. Com isso, ocorre a supressão de um traço significante. As falhas no funcionamento psíquico podem ser facilitadas por semelhança fonética e/ou associações psicológicas próximas.

Lacan (1999[1956-57]) nos diz que o esquecimento de nomes “*não é um esquecimento absoluto, um buraco, uma hiância, é que outra coisa se apresenta em seu lugar, outros nomes*” (Op. Cit., p. 41).

Assim como os esquecimentos, os lapsos da fala, da escrita e da leitura funcionam segundo os mesmos processos ou mecanismos, quais sejam: o deslocamento, a condensação e a associação e ainda, “*os lapsos de linguagem que observamos nas pessoas normais dão a impressão de serem um estágio preliminar das chamadas ‘parafasias’ que surgem em condições patológicas*” (Freud, 1969[1901], p. 67).

Os estudos sobre as parafasias têm como norte teórico os sintomas de distúrbios cerebrais orgânicos – encontrados na afasia – não pelas postulações da teoria das localizações cerebrais (Freud, 1891), mas sim pelo funcionamento do aparelho de linguagem. Por essa via, Freud explica que os sintomas afásicos não se diferem do uso incorreto dos empregos na fala, dos lapsos de fala que as pessoas normais podem observar em si mesmas.

Convém explicitar que as afasias na obra freudiana “*constituíram solo fértil para a teorização que viria dar origem ao nascimento de um outro campo – a psicanálise -, chama a atenção que os afásicos não tenham conquistado espaço no campo desta clínica*” (Fonseca e Vorcaro, 2006, p. 414). Isto quer dizer que,

apesar dos casos dos sujeitos afásicos terem sido descritos a partir dos dois processos ou distúrbios: da similaridade e da contigüidade, assim como as elaborações oníricas, lapsos, esquecimentos, vemos que há algo que escapa à clínica psicanalítica quando se trata das falas estilhaçadas e do corpo despedaçado pela lesão cerebral.

No que tange as explicações freudianas para os acontecimentos dos lapsos de fala, Freud (1969[1901]) tece duas formas de causalidade, que apresentam como semelhança, a simultaneidade da excitação e como diferença, situar-se dentro ou fora da frase ou contexto, vejamos:

1) *“a perturbação da fala que se manifesta no lapso pode ser causada, em primeiro lugar, pela influência de outro componente do mesmo dito – isto é, por uma antecipação ou uma perseveração do som -, ou por outra formulação das idéias contidas na frase ou no contexto que se tenciona a enunciar”* (Op. Cit., p. 69).

2) *“poderia resultar de influências externas à palavra, frase ou contexto, e provir de elementos que não se pretende enunciar e de cuja excitação só tomamos conhecimento justamente através da própria perturbação”* (Idem).

O mecanismo das parafasias encontra paralelo nos lapsos, esquecimentos e nos sonhos, pois os pensamentos inconscientes acham caminhos incomuns, condensações, deslocamentos e associações para encontrar expressão.

Lacan (1999[1956-57]) introduz a noção de sanção para explicar a

diferença entre o sintoma e as outras formações do inconsciente:

*“o que constitui a ênfase e o peso do fenômeno deve ser buscado em seu próprio centro, isto é, por um lado, **no nível da conjunção dos significantes**, e por outro, naquele – que já lhes indiquei – da **sanção dada pelo Outro** a essa criação. É o Outro que dá à criação significativa um valor de significante em si, valor de significante em relação ao fenômeno da criação significativa. **É a sanção do Outro que distingue a tirada espirituosa do puro e simples fenômeno do sintoma, por exemplo**” (Op. Cit, p. 49, negritos nossos).*

Devido à noção de sanção ser uma peça chave da proposta de multiestratificação estrutural dos sintomas de linguagem, reservamos capítulo para o aprofundamento da conceituação da sanção e dos seus tipos nas diferentes esferas. Isso porque, de acordo com a citação acima, Lacan nos mostra que é a partir da sanção que podemos distinguir os sintomas de outros acontecimentos de linguagem no psiquismo. Por essa via, a nossa hipótese é de que a sanção é um dos eixos para a constituição dos sintomas de linguagem.

A noção significativa na cadeia da fala é outra acepção fundamental para o funcionamento dos sintomas de linguagem, uma vez que é a partir do significante e do corte operado pela sanção do Outro sobre as cadeias metonímica e metafórica que se concentra a economia de funcionamento da linguagem e dos sintomas que ali se submetem: *“a promoção do significante como tal, a emergência dessa subestrutura sempre escondida que é **a metonímia, é a condição de toda investigação possível dos distúrbios funcionais da***

***linguagem na neurose e na psicose***” (Lacan, 2002[1955], p.262, negritos nossos).

Para finalizar este capítulo, tecemos alguns pontos dos quais nos distanciaremos e nos aproximaremos para a trajetória de redimensionamento da noção de sintoma de linguagem que gravita em torno do que chamamos de multiestratificação do funcionamento estrutural dos sintomas de linguagem, levando em consideração as cinco questões formuladas por Dunker (2000), no texto “Clínica, Linguagem e Subjetividade”, no qual levanta um debate sobre a clínica fonoaudiológica.

Nesse sentido, nos afastaremos dos seguintes pontos:

1) das descrições e classificações dos sintomas de linguagem ancorados por uma fonoaudiologia de viés cartesiano ou empirista;

2) da noção de sinais e sintomas num perfil quantitativo referido na previsibilidade;

3) do predomínio da noção de sintoma enquanto signo ao olhar;

4) da remissão a doenças ou desordens enquanto transtornos na comunicação de natureza orgânica, comportamental, neurológica, lingüística articulatória, cognitiva;

5) da homogeneização das falas e escritas sintomáticas;

6) de uma noção singela de linguagem, que apaga os eixos constitutivos da linguagem do sujeito;

7) das descrições postuladas pelo CID-10 e pela plataforma DeCs/MeSH no que se refere aos ditos problemas de linguagem.

Em contrapartida, nos aproximaremos da:

- 1) noção de escuta;
- 2) noção de cadeia significativa;
- 3) noção de processos metafórico e metonímico;
- 4) noção de estrutura de sujeito;
- 5) noção de sanção.

Frente às questões formuladas por Dunker (2000):

1) *Seria a fonoaudiologia uma clínica do olhar ou da escuta?* Certamente, podemos dizer que para abarcar as especificidades dos sintomas de linguagem é preciso se afastar de uma clínica do olhar e se aproximar da noção de escuta da fala, uma vez que, como já dito, é justamente a demanda que se faz no campo/corpo da fala e da linguagem do falante que se ancora a escuta do fonoaudiólogo e não no corpo orgânico ou cognoscitivo, que exclui o sujeito da fala.

2) *Em qual lugar encontra-se o centro de sua ação: no ouvir ou no escutar?* Pode-se dizer que o centro de ação é a escuta da própria fala do fonoaudiólogo e para a fala do sujeito.

3) *De que tipo é a sua semiologia: dominada pelo referente, pelo signo ou*

*pelo significante?* O redimensionamento da semiologia deve ser dominado pelo significante, uma vez que é o significante que emerge e governa a estrutura de linguagem.

4) *Qual a consistência entre suas hipóteses etiológicas e sua terapêutica, no que toca o lugar conferido ao sujeito?* 5) *De que modo sua diagnóstica comporta tal admissão?* 6) *Qual o lugar que a ética ocupa em seu fazer: exterioridade ou interioridade?* Deixaremos estas últimas três questões para serem respondidas ou apontar possíveis caminhos, nas considerações finais desta dissertação.



## **Sanção: termos, empregos e acepções.**

Este capítulo se inicia frente ao reconhecimento de que a *sanção* é um elemento operatório que, articulado ao trinômio sujeito-língua-fala, produz efeitos significantes que se dão a ver tanto no funcionamento da linguagem em sujeitos ditos normais e em sua aquisição pelo *infans*, como na configuração e manutenção dos sintomas que emergem ou se manifestam na linguagem, isto é, nas cadeias textuais, discursivas e dialógicas.

Ainda, na dimensão clínica fonoaudiológica, a noção de *sanção* pode contribuir para o remanejamento necessário à determinação do lugar e posição do fonoaudiólogo para a trajetória de mudança e transformação das cadeias discursivas e dialógicas dos sujeitos que ali buscaram acolhimento.

No entanto, o solo de discussões sobre a *sanção* é pouco explorado na literatura do campo fonoaudiológico. Embora conceitualmente, a *sanção* não seja mencionada, seu manejo pode ser identificado na dimensão clínica. Uma forma de *sanção* que emprega valores assentados na posição de saber do fonoaudiólogo que visa ensinar ou reabilitar a comunicação, em castigar ou recompensar um comportamento articulatório realizado pelo paciente, e, ainda, na forma de conduzir a avaliação dita de linguagem, realizada via provas e testes. Esta forma de *sanção* apaga o sujeito e o fonoaudiólogo, isto é, a relação dialógica que se dá entre eles, reconhece a oposição acerto e erro, se há um não há o outro<sup>1</sup>. Este tipo de *sanção* faz forte presença na

---

<sup>1</sup> Dialética do ou-ou exclusivo, isto é, a *sanção* como reconhecimento **ou** da doença **ou** da normalidade.

Fonoaudiologia, uma vez que é a que funda e estrutura tal clínica, assentada sobre o paradigma pedagógico, lingüístico, médico e moral.

Portanto, este capítulo destina-se a realizar um breve levantamento sobre os termos, usos e concepções de sanção na: 1) Filosofia, 2) Fonoaudiologia de tradição cartesiana ou empirista, 3) esfera jurídica, 4) religião, sociedade e sátiras, 5) semiótica e 6) dimensão da psicanálise, com a finalidade de acessar o comparecimento do termo nos diferentes lugares a fim de articular ao modo de presença do termo na clínica ou literatura fonoaudiológica.

Etimologicamente o termo *sanção* deriva do latim *sanctiō*, isto é, tornar sagrado, inviolável, estabelecer solenemente uma lei, ordenar, proscrever (Cunha, 1986).

De acordo com Lalande (1999[1926]) a *sanção* significa *“chancela ou garantia; em particular, garantia de eficácia de uma regra que se pode considerar como implicando somente uma possibilidade de realização, ou por mais forte razão, cuja realização sendo desejável, é contingente”* (Op. Cit., p. 977). Ainda, o autor explica que: *“existem sanções para as leis humanas, consideradas como referentes a um ser cuja natureza dada não é a única a comandar os atos, quer dizer, como capaz de modificar essa natureza e como verdadeiramente atuante”* (Idem). Outra noção de *sanção* descrita no vocabulário de Lalande gravita em torno da submissão à lei: *“são os pactos aos quais as coisas estão submetidas e que não podem transgredir”* (Idem).

A *sanção* na esfera fonoaudiológica debruça sobre os princípios de valor atrelados ao positivismo médico ou pedagógico. Isto quer dizer que a sanção não faz relação com a estrutura da linguagem a que o sujeito submete-se, mas com a condição neuroanatomofisiológica do corpo em estados normais ou patológicos, ou seja, a *sanção* é governada pela determinação da presença ou ausência de doença. Nesse sentido, a *sanção* se assenta no papel do fonoaudiólogo em homologar se aquela fala é normal ou esperada para a idade cronológica, ou se é patológica.

Outro tipo de *sanção* utilizada comumente pelo fonoaudiólogo é semelhante à *sanção* do pedagogo, ou seja, de quem possui um saber sobre a língua para “ensinar” e dar “aulas clínicas”, mas que conserta os erros na linguagem. Quero dizer com isto, que a *sanção* está atrelada ao “saber” do fonoaudiólogo e ao “não saber” do paciente.

Muitas vezes a *sanção* é utilizada como ratificação/prêmio/confirmação, por exemplo, no caso da execução do exercício fonoarticulatório pelo paciente, em que há o reconhecimento por parte do fonoaudiólogo da boa execução do exercício, ele o presenteia com elogios e/ou recompensas no final da sessão. Por outro lado, há a *sanção* como castigo, quando os exercícios fonoarticulatórios não são executados em casa pelo paciente ou quando o sujeito não responde às demandas do fonoaudiólogo durante a sessão, e este convoca os pais e a criança para uma conversa de cunho repreensivo e suprime a recompensa.

A noção de *sanção* que esta dissertação busca é radicalmente outra, uma vez que seu redimensionamento deve servir de base para a proposta de

multiestratificação estrutural do funcionamento dos sintomas de linguagem, e como tal deve funcionar de maneira multiestratificada e se ancorar na linguagem. Por essa via, avancemos para a dimensão jurídica, berço da *sanção*.

A *sanção* na esfera jurídica é empregada como norma fundante e estruturante do Estado, no qual todos os cidadãos estão submetidos às leis aprovadas pelo Estado democrático de Direito:

*“1) Aprovação que o chefe do Estado dá a uma lei. 2) Parte da lei em que se indicam as penas contra os que a transgredirem. 3) Recompensa ou pena com a qual se busca assegurar a execução de uma lei. 4) Ratificação; confirmação. 5) Providência fixada em cláusula penal de contrato para o caso de arrependimento ou inexecução. 6) Sanção legal: a pena ou castigo determinados por lei. 7) Sanção moral: a decorrente da consciência do erro praticado” (Sidou, 2003[1918]).*

Por essa via, a *sanção* jurídica se assenta no positivismo, é a essência da estrutura da norma jurídica, isto é, suporte de sustentação para a lei ser aplicada, destina-se a modificar o estado das coisas, valendo pelos efeitos que produz e enquanto produz. Se os efeitos só podem ser vistos à luz do significativo, a *sanção* nesta dimensão é polissêmica, adotada para o fundamento de validade da norma jurídica, ou seja, para a eficácia do ordenamento jurídico, no qual homologa em face do cumprimento e do descumprimento de uma norma.

A validade da norma jurídica emana de um ato legítimo de autoridade, a partir da relação estabelecida entre as normas do sistema, com isso, o pressuposto soberano da ordem jurídica estatal se expressa por meio da unidade e da validade exclusiva do sistema escalonado/estratificado de normas com o qual o próprio Estado se confunde.

Os princípios que operam são o da causalidade e o da imputação que se estruturam logicamente sob a forma de juízos a partir do estabelecimento da relação entre uma condição e uma conseqüência. Nesse sentido, o juízo enquanto regra de direito, formulado pelo jurista para descrever seu objeto constituído pelas normas jurídicas criadas dentro do marco de uma ordem jurídica, imputa uma conseqüência normativamente estabelecida a uma condição, por exemplo: “se o sujeito comete um roubo, deve ser condenado à pena de prisão”. Dessa maneira, a ilicitude do ato do sujeito leva a uma coação, isto é, a privação ao sujeito do direito à liberdade, negando-a, a partir da sanção enquanto reconhecimento da ilicitude – princípio retributivo da sanção como pena/castigo. Os tipos de sanção que o Estado pode aplicar são, dentre uma variedade, o de poder suprimir os direitos de ir e vir do sujeito, dedicar-lhe trabalhos comunitários, bem como o pagamento de multas e taxas.

A norma jurídica expressa um "dever ser", e, assim, uma vez constatada determinada conduta, seguir-se-á determinada sanção. Então, entende-se que a conduta que condiciona a sanção é a proibida, ao passo que a conduta oposta é a correta, a prescrita. O duplo juízo se fundamenta sobre a sanção como elemento central e específico da norma, de punir e de orientar ou

premiar, como no caso: “aqueles que recolherem o imposto A, dentro do prazo B, terão direito à um abatimento C”.

Em suma, pode-se dizer que a sanção jurídica é disciplinada pelo Direito e, portanto, pelo próprio Estado.

Existem outros tipos de sanção, como as sanções místicas que são os castigos oriundos da desobediência aos imperativos relacionados à religião, acarretando a necessidade da expiação dos pecados pelo infrator. Há, ainda, as sanções morais que se referem à infrações dos hábitos sociais, sujeitando o indivíduo à sofrer o remorso, o arrependimento ou a reprovação da opinião pública. As sanções satíricas constituem a conseqüência, a reprovação social de certos procedimentos que acarretam o ridículo do sujeito, por exemplo, a vaia, o riso, a pilhéria.

A sanção que se dá a ver na dimensão semiótica, diz sobre uma das fases da transformação da narrativa. Ela é dividida em quatro fases, das quais a sanção é a última fase:

1) Manipulação: incide sobre a idéia de que *“um sujeito transmite a outro um querer e/ou um dever. Essa fase pode ser concretizada como um pedido, uma súplica, uma ordem, etc. Temos, por exemplo, uma manipulação por provocação, quando o manipulador diz ao manipulado que ele é incapaz de realizar uma ação, esperando que, como reação, ele a execute com vistas a provar que é perfeitamente capaz de fazê-la* (Fiorin, 1999).

2) Competência: debruça sobre a idéia de que *“um sujeito atribui a outro um saber e um poder fazer. Quando, num conto maravilhoso, uma fada dá a um príncipe um objeto*

*mágico, que lhe permitirá realizar uma ação extraordinária, está dando-lhe um poder fazer, figurativizado pelo referido objeto mágico” (Idem).*

3) Performance: se assenta na *“transformação principal da narrativa. Num conto de fadas em que a princesa foi raptada pelo dragão, a performance será a libertação da princesa” (Idem).*

4) Sanção: se divide em dois tipos: *“a cognitiva e a pragmática. Aquela é o reconhecimento por um sujeito de que a performance de fato ocorreu. Em muitos textos, essa fase é muito importante, porque é nela que as mentiras são desmascaradas, os segredos são desvelados, etc. A sanção pragmática pode ou não ocorrer. Pode ser um prêmio ou um castigo. Na chamada narrativa conservadora, porque tem a finalidade de reiterar os valores colocados na fase da manipulação, os bons são premiados e os maus castigados. Já numa novela como Justine, de Sade, cada vez que a personagem age segundo os ditames da moral cristã, recebe um castigo” (Idem).*

Em outros termos, o glossário lacaniano nos diz que a sanção na dimensão semiótica pode ser explicada pelos seus tipos: pragmática ou cognitiva:

*“figura discursiva correlativa a la manipulación, donde una vez insertada en el esquema narrativo se inscribe tanto en la dimensión pragmática como en la cognoscitiva. La sanción pragmática consiste en un juicio epistémico emitido por el Destinador - juez sobre la conformidad de los comportamientos efectuados por el destinatario-sujeto con respecto al eje axiológico. La sanción pragmática recae sobre el hacer, y corresponde a la retribución, en cuanto resultado de la*

*performance desplegada por del destinatario. La sanción cognoscitiva consiste en el juicio epistémico sobre el ser del destinatario-sujeto, y los enunciados de estado conforme a las modalidades epistémicas y veridictorias. Desde el punto de vista del Destinador-sujeto, la sanción cognoscitiva puede homologarse al reconocimiento del héroe” (Albano, Levit, & Gardner, 2006, p, 150).*

A noção de sanção na obra lacaniana reside sobre a maneira pela qual uma fala é homologada e reconhecida pelo Outro, isto é, qual o valor que uma fala adquire em relação ao que o Outro recebe como mensagem na cadeia simbólica. Em outros termos:

*“En el ámbito del psicoanálisis, la “sanción” corresponde al procedimiento asertorio-atributivo por medio del cual el sujeto recibe “reconocimiento” del Otro como un medio de garantizar su inscripción en lo simbólico. A diferencia de la semiótica narrativa, la “sanción”, en el marco de la teoría analítica, se vincula con la “existencia” del sujeto, y el reconocimiento del Otro, de quien proviene el “asentimiento” (Idem).*

Diante disso, pode-se dizer que a noção de sanção está atrelada ao reconhecimento do significante no campo do Outro:

*“o que constitui a ênfase e o peso do fenômeno deve ser buscado em seu próprio centro, isto é, por um lado, no nível da conjunção dos significantes, e por outro, naquele – que já lhes indiquei – da sanção dada pelo Outro a essa criação. É o Outro que dá à criação significante um valor de significante em si, valor de significante em relação ao fenômeno da criação*



*significante. É a sanção do Outro que distingue a tirada espirituosa do puro e simples fenômeno do sintoma, por exemplo” (Lacan (1999[1956-57], p. 49).*

Os termos sanção, emprego significativo e a acepção de valor e juízo que a fala e a sanção do Outro operam sobre as formações do inconsciente na obra lacaniana, nos servirão para a proposta de multiestratificação estrutural dos sintomas de linguagem sob vários propósitos:

1) A noção de sanção é um conceito nodal para traçarmos a hipótese a ser defendida nesta dissertação, uma vez que, a partir da idéia de sanção, poderemos articular, clínica e teoricamente, o lugar dos sintomas de linguagem em relação à própria fala do sujeito e a fala do fonoaudiólogo, bem como estabelecer os manejos clínicos ditos fonoaudiológicos e seu alçamento teórico-clínico.

2) Por ter como base da noção de sanção, as falas do sujeito e do Outro, no caso da clínica fonoaudiológica, o paciente/sujeito e o fonoaudiólogo enquanto falantes e escutantes, poder-ser-á pensar em outros tipos de sanção, de acordo com as próprias estruturas da linguagem.

3) A possibilidade de entrever e determinar os lugares dos sintomas de linguagem em relação à fala do sujeito, à sanção da fala do outro/Outro, os processos metafórico e metonímico nas entrelinhas da escrita, da língua e da fala/escuta, isto quer dizer que, assim como os sintomas de linguagem funcionam de maneira multiestratificada, a noção de sanção opera pelos

estratos simultâneos encadeados pela teoria de valor homologada entre os falantes.

4) As variedades de sanção podem estar associadas a uma possível etiologia ou causalidade na formação e na manutenção dos sintomas de linguagem, tanto no que diz respeito aos percalços na aquisição de linguagem, como na constituição e dissolução da linguagem.

5) A sanção em sua articulação com os outros estratos pode contribuir e possibilitar a construção de uma grade diagnóstica, isto é, uma forma de adesão dos sintomas de linguagem em seu percurso enigmático pelos arranjos e rearranjos na teia de funcionamento da linguagem. Com isso, pode-se estabelecer a distinção entre uma exploração lingüística, um acontecimento da vida cotidiana, um sintoma de linguagem.

6) A sanção pode operar nos caminhos terapêuticos para outros modos de funcionar na linguagem, ou seja, como uma fala sancionada pela Outra fala pode se dissolver ou se transformar no tempo.

7) A sanção serve para a subversão da noção e da natureza dos sintomas de linguagem na clínica fonoaudiológica.

## **Estratificação: conceitos e implicações.**

O verbo estratificar, etimologicamente, originou-se do latim científico *strātificāre*<sup>1</sup> que quer dizer dispor em camadas sucessivas e superpostas, seja por ação natural dos elementos, seja artificial, como na formação do leito das estradas. O substantivo estrato, do latim *strātrum-i*, designa, em termos geológicos, *cada uma das camadas das rochas estratificadas*; na meteorologia nomeia *as nuvens que se estendem pelo céu* e, na botânica, *a camada de células de uma estrutura vegetal*.

Irei privilegiar uma visita às obras de Freud (1996[1886]), Hjelmslev (1975[1954]), Jakobson (1975[1955]) e Lévi-Strauss (1997[1962]), não só por compartilharem uma dimensão estrutural de linguagem que organizaria o sistema estratificado do psiquismo em Freud, o sistema semiótico em Hjelmslev, os padrões fonêmicos em Jakobson e as classes sociais em Lévi-Strauss, mas porque meu interesse nesta dissertação é correlato: propor e explicar o funcionamento dos sintomas na linguagem a partir de uma estrutura estratificada e múltipla.

Dado que o sintoma possibilita múltiplas leituras e se apresenta sob formas diversas na superfície lingüística, examinarei neste capítulo alguns princípios que sustentam a idéia de multiestratificação presente naquelas obras clássicas<sup>2</sup> para chegar ao funcionamento dos sintomas na e da linguagem.

---

<sup>1</sup> Cunha, A.G. (1986) Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. 2 ed. 16 impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 333.

<sup>2</sup> As obras citadas acima.

A proposta a ser feita assenta-se sobre a afirmação de que os sintomas na e da linguagem pertencem a uma estrutura organizada como uma grade composta por três estratos<sup>3</sup>: 1) o da escrita; 2) o da língua e 3) o da fala articulados à três elementos operantes: 1) a sanção do Outro; 2) a metáfora e a metonímia e 3) o sujeito.

A visita aos modos estruturais estratificados se faz necessária para fundamentar as leis que balizam o funcionamento dos elementos entretelados dos sintomas na/da linguagem.

A noção que permeia os sistemas estratificados que apresentaremos a seguir<sup>4</sup> é a de que o traço é um elemento operatório que representa um sistema de valor ancorado pelas diferenças - num determinado tempo (para alguns em uma escala hierárquica e, para outros, em uma escala lógica) e espaço simultâneos a diversas instâncias/estratos, organizados numa relação binária e replicados a um trinômio ou polinômio.

Saussure (2003[1916]) afirma que a linguagem é um sistema de valor e a compara a um “*jogo de xadrez*” (*Op. Cit.*, p.128), pondo em cena que o sistema lógico da linguagem tem a propriedade de seus valores poderem, simultaneamente, entrar em relação com coisas dessemelhantes e semelhantes. Um sistema de valor está fundamentado, do ponto de vista saussureano, na diferença. A diferença implica considerar as entidades negativas, relativas e opostas. Ou seja, “os valores correspondem (...)”

---

<sup>3</sup> Ver o Capítulo intitulado “Multiestratificação Estrutural dos Sintomas na Linguagem”, no qual o leitor poderá se aprofundar.

<sup>4</sup> Nas próximas páginas serão apresentados os diferentes sistemas estruturais de estratificação.

*negativamente por suas relações com outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são” (Op. Cit., p. 136); os valores são relativos e diferenciais em razão da arbitrariedade dos signos lingüísticos. Um exemplo de entidade negativa, relativa e opositiva é o fonema.*

O princípio da diferença é central para o sistema da língua e Saussure define duas diferenças ou relações fundamentais para a “*vida da língua*” (Op. Cit., p. 142) e para a “*existência de um valor*” (Op. Cit., p. 134): uma que é chamada de relações sintagmáticas, ou seja, diz respeito ao encadeamento de um elemento após o outro na cadeia da língua em que “*um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos*” (Op. Cit., p.142) e a outra que é entendida como relações associativas que são as que “*fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada um*” (Op. Cit., p.143).

Além da noção de diferença, cabe destacarmos as leis de sincronia e diacronia do sistema da língua, no qual Saussure diz que a primeira se ocupa “*das relações lógicas e psicológicas que unem os termos **coexistentes***” (Op.Cit., p. 116), e a define como os “*fatores constituintes de todo estado de língua*” (Op.Cit., p. 117). Tal estado de língua deve ser concebido como um “**espaço de tempo**”, de maneira que o tempo de transformação sincrônico se dá pelas combinações sucessivas, por outro lado, a diacronia, diz das relações entre “*termos sucessivos que se substituem uns aos outros no tempo*” (Op. Cit., p.163).

Os sistemas estruturais estratificados a seguir, pautados na noção de estrutura inaugurada pela lingüística de Saussure, serão expostos obedecendo

a lógica de sucessão temporal em que foram escritos, lembrando-se que cada autor opera de acordo com as necessidades e contingências próprias aos seus campos: a lingüística, a psicanálise, a antropologia e que serviram de base para a proposta de multiestratificação estrutural do funcionamento dos sintomas na linguagem.

### **I. Freud e a Estratificação do mecanismo psíquico:**

A base do modelo de estratificação do mecanismo psíquico é a combinação entre instâncias do psiquismo e dimensões da linguagem que implicam em pelo menos três modos de tempo, dessa maneira, podemos dizer que este sistema funciona de forma paradoxal. A contradição lógica que aí opera é a de que a memória é uma língua e está a serviço de espaços temporais e lingüísticos que seguem regras distintas.

Na Carta 52 que Freud elabora a Fliess em 6 de dezembro de 1886 (Freud, 1996[1886])<sup>5</sup> consta a afirmação que o aparelho psíquico é um aparelho de memória “... *que essa memória está sujeita a reordenamentos segundo novas articulações, e que esses reordenamentos constituem uma sucessão de inscrições e retranscrições*” (Garcia-Rosa 1991[1936], p. 199) Dessa maneira, “*a memória não preexiste de maneira simples, mas múltipla, está registrada em uma variedade de signos*” (Freud, 1996[1886], p. 283). Nesse sentido, pode-se dizer que a carta 52 é um “*modelo lingüístico*” (Dunker,

---

<sup>5</sup> Esta é uma reprodução quase completa da carta 52. A reprodução integral pode ser vista em *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, Rio de Janeiro: Imago, 1986.

1996, p. 52) para representar o psiquismo. Embora este modelo esteja apoiado na primazia do organismo, pelo fato de ser um esboço pré-psicanalítico e por estar ligado aos elementos cerebrais, seu teor “*possui uma textura... lingüística e temporal*” (Op.Cit., p. 52), que possibilita compreender um sistema multiestratificado, ao qual Dunker faz alusão no modelo da Carta 52 como um esboço elementar de uma “*metáfora geológica*” e de uma “*metáfora ótica*”, por ser um esquema próximo daquele que Freud vai desenvolver em “A interpretação dos sonhos”.

A primeira hipótese de Freud nesta carta é a de que o:

“... **mecanismo psíquico tenha-se formado por um processo de estratificação**: o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um **rearranjo** segundo novas circunstâncias – a uma retranscrição (...) a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas **se desdobra em vários tempos**; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações”. (Freud, 1996[1986], p. 281, negritos meus).

Por essa via, o aparelho psíquico é um aparelho de memória que implica na insistência de traços. De acordo com Garcia-Roza (1991[1936]) “*é através dos traços mnêmicos que os acontecimentos psíquicos ficam gravados de forma permanente na memória, sendo reativados por efeito de investimento*” (Op. Cit., p. 201).

Os traços podem ser decifrados a partir de três estratos, pois cada um deles tem seu registro nas variedades de signos. Sobre estes estratos, Dunker

(1996) enfatiza que *“nexos entre signos é o que define uma língua, pode-se afirmar que cada estrato equivale a uma língua”* (Op. Cit., p. 53) e que a análise desse sistema de multiestratificação obedece a uma ordem lógica ou semiótica diferente para cada estrato e interestratos.

O primeiro estrato diz respeito à primeira inscrição sígnica das percepções: *“Wz (Wahrnehmungszeichen) é o primeiro registro das percepções; é praticamente incapaz de assomar à consciência e se dispõe conforme as associações por simultaneidade”* (Op.Cit., p. 282). Dessa maneira, o princípio regulamentado neste estrato é o da simultaneidade que anuncia não operar sobre as noções de hierarquia, linearidade e cronologia, uma vez que a *“simultaneidade implica na ausência de anterioridade ou posterioridade temporal e na ausência da relação de causalidade”* (Lalande, 1999[1926], p.1023) por isso a ordem é da *“sincronia significativa”* (Lacan, 1998[1964], p. 48).

O estrato que representa a transcrição *“Ub (Unbewusstsein) [inconsciência] é o segundo registro, disposto de acordo com as relações (talvez causais). Os traços Ub talvez correspondam a lembranças conceituais; igualmente sem acesso à consciência”* (Freud, 1996[1886], p. 282). Pode-se dizer que esse estrato implica a noção de causalidade que, de acordo com Dunker (1996), deve ser lida enquanto uma *“estrutura gramatical da proposição que expressa a causalidade”* (Op. Cit., p. 55), que faz pensar numa concepção lógica da linguagem, uma vez que: *“na inconsciência não se trata apenas de uma coexistência entre signos em co-presença (como nos*



*‘Wahrnehmungzeichen’), mas da linguagem como um conjunto de proposições articuladas segundo uma sintaxe específica” (Op.Cit., p. 56).*

A retranscrição diz respeito ao terceiro estrato:

*“Vb (Vorbewusstsein) [pré-consciência] é a terceira transcrição, ligada às representações verbais e correspondendo ao nosso ego reconhecido como tal. As catexias provenientes de Vb tornam-se conscientes de acordo com determinadas regras; essa consciência secundária do pensamento é posterior no tempo e provavelmente se liga à ativação alucinatória das representações verbais, de modo que os neurônios da consciência seriam também neurônios da percepção e, em si mesmo, destituídos de memória” (Freud, 1996[1886], p. 282-283).*

O tipo de traço mnêmico envolvido no terceiro estrato é o da representação-palavra que implica no princípio do sistema de diferença, ou seja, *“diferença esta que expressa a preferência por um caminho em detrimento de outro”* (Garcia-Rosa 1991[1936], p. 202). Por essa via, a retranscrição não implica na abolição do estrato da segunda transcrição, mas funciona de maneira inversa, como uma simultaneidade de outra ordem de modo que, uma falha ou ausência de tradução em outro patamar do estrato implique no que Freud denominou de recalque (*Verdrängung*):

*“dentro de uma mesma fase psíquica e entre registros de uma mesma espécie, forma-se uma defesa normal devida à produção de desprazer. Já a defesa patológica somente ocorre contra um traço de memória de uma fase anterior, que ainda não foi traduzido” (Freud, 1896[1986], p. 283).*

A defesa psíquica é desencadeada pela lembrança, a recordação quando despreendida de desprazer marca um funcionamento defensivo normal, mas se a marca da rememoração produz um outro desprazer, está indiciado um funcionamento patológico.

## II. Hjelmslev e a estratificação do sistema semiótico:

O núcleo central da proposta de estratificação da linguagem defendida por Hjelmslev gravita em torno da noção de que a língua consiste, de forma específica, de duas distinções fundamentais entre as substâncias de conteúdo e expressão. Portanto, o campo da linguagem é delimitado pelos pólos lingüístico e não lingüístico.

Nessa perspectiva, a tese de Hjelmslev é que a estratificação do sistema semiótico é caracterizada por quatro *strata*, submetidos dois a dois, em pares que funcionam de maneira coordenada, ou seja, há uma relação entre a substância do conteúdo e a forma do conteúdo; a forma de expressão e a substância de expressão, de modo que se respeite o funcionamento das diferenças e analogias.

A aproximação à doutrina glossemática<sup>6</sup> situa quatro traços particulares de *strata* que conduzem a estratificação do sistema semiótico à

---

<sup>6</sup> A teoria glossemática foi inaugurada pelo lingüista Louis Hjelmslev e diz respeito a uma teoria de linguagem que trabalha com a noção de “álgebra da língua”, ou seja, opera sobre as menores unidades lingüísticas no estudo semiótico. Para melhores detalhamentos acessar a obra do autor “*Principles de Grammaire Générale.*”

análise sobre a forma lingüística e a forma conteúdo, balizada no sistema que comporta as dimensões mínimas da língua de forma e substância.

No estudo semiótico, usa-se o jogo de símbolos analíticos fundamentais para sustentar o sistema de valor que opera na tese de Hjelmslev, ou seja, esse uso ocorre pela disposição arbitrária do signo para designar um *stratum* ou classe de *strata*, e complementa da seguinte maneira: "os símbolos e suas combinações são úteis mesmo nos casos em que já se dispõe de um termo consagrado, visto que aos termos consagrados não falta ambigüidade" (Op. Cit., p.162).

Para examinar as diferenças entre as classes de *strata*, Hjelmslev apóia-se na idéia saussureana dos dois planos: significante (expressão) e significado (conteúdo) e paradigmático (substância) e sintagmático (forma).

O princípio de análise dos *strata* se aplica a qualquer classe de hierarquia, uma vez que o princípio de simplicidade exige que a análise incida sobre as distinções que a ausência de conformidade denuncia.

Dessa maneira, o autor indica que a análise inicialmente deve ser realizada pela primeira distinção ou encruzilhada: "a distinção entre o conteúdo e expressão é superior à distinção entre forma e substância" (Op. Cit., p. 163), o que nos aponta para a segunda distinção subordinada à primeira. A multiplicação das duas distinções permite estabelecer três classes de *strata*, em que "as classes são concebidas do ponto de vista sintagmático ou do ponto de vista paradigmático, portanto como cadeias ou como paradigmas" (Op.Cit.,

p. 164), as análises podem ser realizadas via correlações e/ou pelas relações entre *strata*:

*“uma vez que a forma é, no interior de cada plano, selecionada pela substância, é possível em parte (...) concentrar a relação entre dois planos (...) de modo a considerar essas relações contraídas pela forma de conteúdo (...) e a forma da expressão (...) fazendo-se abstração nos dois planos da substância” (Op.Cit., p. 165).*

Nesse sentido, Hjelmslev faz alusão à determinação do ponto de vista sintagmático sobre o paradigmático, uma vez que *“a interdependência constituída pela função semiótica é de ordem nitidamente sintagmática”* (Op.Cit., p. 165), no que diz respeito às formas de conteúdo e de expressão, mas que na oposição em relação à forma e a substância não há uma subordinação entre as dimensões sintagmática e paradigmática.

Para tanto, as noções de forma e substância adotadas por Hjelmslev são da ordem semiótica, em outras palavras, *“a substância significa substância semiótica”* (Op.Cit., p. 168), pelo fato de que *“uma única e mesma forma de expressão pode ser manifestada por substâncias diversas: fônica, gráfica, sinais por bandeiras, etc.”* (Op.Cit., p. 167). Dessa maneira, o caráter arbitrário que opera a função semiótica sob a forma desencadeia a idéia de que a regra para cada plano deve ser considerada à parte, ou seja, *“uma única e mesma forma pode revestir substâncias diversas, mas não inversamente”* (Op.Cit., p. 169). Por essa via, uma substância comporta diversos níveis, por exemplo a substância fônica carrega uma descrição fisiológica e física, embora em graus

variados elas se confundam e se supram num movimento de interpenetração hierárquico.

Em suma, as substâncias e os níveis de relações operam de maneira diversa, mas “*nem as substâncias nem os níveis constituem strata diferentes*” (Op.Cit., p. 173) e sim um conjunto da categoria composto das diversas substâncias de uma forma em um *stratum*.

Desse modo, o primeiro nível da substância fônica deve ser considerado em relação a um vasto repertório de categorias que se refletem num subsistema cujos pólos opostos são: sonoro e surdo, nasal ou oral, arredondado e não arredondado, lateral não lateral; e que o nível acústico opera pelo mesmo princípio, uma vez que “*este princípio vale para toda substância e para todo o nível, e que sempre se está na presença de categorias mutuamente solidárias*” (Op.Cit., p. 176). Além do princípio de solidariedade das categorias pode também haver estruturas diferentes quanto aos seus princípios e a denominação enquanto nível permite que cada *strata* opere de acordo com a multiplicidade dos elementos que o constituem, uma vez que a análise depende do uso, da arbitrariedade e das variantes da língua.

Portanto, para Hjelmslev um *strata* opera por três pares: o primeiro diz respeito à substância de conteúdo e à forma de conteúdo; o segundo sobre forma de conteúdo e forma de expressão e o terceiro par é o da forma de expressão e substância de expressão. As leis que operam podem ser das relações analógicas, interestráticas e no interior de um mesmo *stratum*.

### III. Jakobson e a estratificação dos padrões fonêmicos<sup>7</sup>:

A estratificação do sistema fonológico proposta por Jakobson (1975[1955]) se deu a partir dos estudos sobre a estruturação dos fonemas e dos traços distintivos que estão à disposição dos falantes da língua.

De acordo com o autor, essa estrutura é estratificada pelos diferentes tipos de traços da função distintiva dos sons da fala, em relação ao articulatório, ao acústico e ao auditivo.

Os tipos de traços fonológicos podem ser de natureza distintiva, configurativa, expressiva e redundante. Por essa via, *“os traços distintivos se reúnem em feixes simultâneos chamados fonemas; os fonemas se concatenam em seqüências; o padrão elementar sotoposto a um dado grupo de fonemas é a sílaba”* (Op.Cit., p. 75) e a organização estrutural dos fonemas da sílaba é regida por um sistema de regras que se ancora na recorrência regular pelo contraste de traços sucessivos.

Os traços configurativos estão à disposição do falante e funcionam pela *“divisão da enunciação em unidades gramaticais”*(Op.Cit., 69) numa escala hierárquica e demarcativa. Por essa via, os traços expressivos operam por meio da oposição de diferentes enunciações e os redundantes possibilitam identificar um traço sucessivo.

---

<sup>7</sup> No capítulo sobre a multiestratificação estrutural dos sintomas na linguagem apresentaremos e discutiremos sobre os dois eixos da linguagem e os dois distúrbios afásicos que Jakobson defende.

O funcionamento da estrutura dos traços distintivos tem como princípio o sistema de oposição que “*envolve uma escolha entre dois termos de uma oposição que apresenta uma propriedade específica diferencial em divergência com as propriedades de todas as demais oposições*” (Op.Cit., p. 66) e o de contrastes entre vogais e consoantes.

A hipótese do autor, assentada sobre a aquisição e o funcionamento sintomático da linguagem do sujeito afásico, pauta-se na idéia de que a linguagem é de uma **ordem elementar, fundada na articulação**, que opera a sílaba nuclear pela oposição entre vogal e consoante. Nas palavras de Jakobson:

*“geralmente a linguagem infantil começa e a dissolução afásica da linguagem, como passo preliminar da sua perda completa, culmina com o que os psicopatologistas denominaram “o estágio labial”. Nesta fase, a criança e o afásico só são capazes de um único tipo de emissão, que usualmente se transcreve como /pa/” (Op.Cit.,p.86).*

Nessa perspectiva, os dois elementos constituintes dizem respeito às “*configurações polares do tubo vocal*” (Op.Cit., p.86), isto quer dizer que, parafraseando Jakobson, os tempos articulatórios da emissão trabalham nos pólos mínimo e máximo de gasto de energia sob a primazia do contraste entre duas unidades sucessivas.

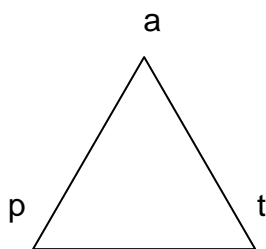
O papel da consoante nasal fundada pela ordem do som é dado pela oposição de oral *versus* nasal pelas marcas do tubo fechado e tubo aberto – ordem articulatória, presença e ausência – ordem auditiva, na relação da

distinção entre vogal e consoante, que de acordo com o autor pertence tanto à aquisição quanto à regra *“mais resistente na afasia e ocorre em todas as línguas do mundo”* (Op. Cit, p. 87).

Dessa maneira, o estrato dos dois elementos opositivos labial e dental, segundo Jakobson é o:

*“primeiro veículo semântico nos primeiros estágios da linguagem infantil, em que a criança conserva durante algum tempo um esquema constante de sílaba e cinde os dois constituintes dessa sílaba, primeiro a consoante e depois a vogal, em alternativas distintas”* (Op. Cit., 87).

O triângulo primário (figura abaixo), postulado como o estrato pautado pelo atributo básico da altura, atua nas dimensões opositivas de tonalidade grave *versus* agudo em relação ao predomínio entre os pólos de concentração de energia no espectro das freqüências altas e baixas de contraste:

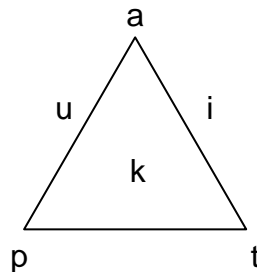


(Jakobson ilustra O Triângulo Primário, p. 88).

Mediante a esquematização da estruturação fonêmica pela tríade primária da cisão da consoante, a oposição de tonalidade também é replicada à vogal e com isso, ocorre *“a cisão do triângulo primário em dois triângulos, o consonantal e o vocálico”* (Op. Cit., p. 88) e é interessante destacar que a



repartição – consoante e vogal – passa a operar numa ordem linear em que há a emergência de dois eixos próprios de tonalidade, por um lado grave e agudo e pelo eixo vocálico compacto e difuso:



(Jakobson, A cisão do triângulo primário em consonantal e vocálico, p. 89)

Nas formulações sobre a estruturação dos traços/estratos de ressonância oral, Jakobson nos diz que, para o falante em aquisição e para as falas do sujeito afásico, os traços de oposição do volume, do formato do aparelho ressonador oral e os de tonalidade têm outros modos de funcionamento, produzindo padrões fonêmicos distintos.

Dessa maneira, o autor nos explica que a triangulação em alguns tipos de funcionamento da língua se transforma numa estrutura quadrangular pelos binômios velar e palatal, de um lado e os eixos vocálico e consonantal, por outro. Cabe esclarecer que esta estrutura não é linear e funciona pelo princípio autônomo da relação com outros traços de tonalidade, em outros termos: a antinomia do sistema quadrangular nas palavras de Jakobson:

*“... essa alternância se reforça com a variação em tamanho em um ou ambos os orifícios da cavidade bucal. O estreitamento dos orifícios posterior e anterior, operando com uma cavidade oral expandida e indivisa, serve para abaixar as frequências na ressonância, ao passo que a ação combinada dos orifícios dilatados de uma cavidade estreitada e*

*compartimentada torna alta as freqüências. Mas a mudança de tamanho de cada um desses orifícios pode ter autonomia própria e pôr em ação traços secundários de tonalidade (som rebaixado ou som incisivo, **ou um e outro**)” (Op.Cit, 89, negritos nossos).*

Os traços de sonoridade em relação com a consoante e a vogal ótimas dizem respeito à oposição oclusivas *versus* constrictivas. Sob a luz da hipótese que Jakobson apresenta, na aquisição de linguagem são as oclusivas que emergem primeiramente em relação às constrictivas e na dissolução da fala do sujeito afásico são as constrictivas que desaparecem primeiro.

#### **IV. Lévi-Strauss e a estratificação estrutural:**

O mecanismo de análise etnográfico opera pela lógica da ordem estrutural que rege a vida e o pensamento das sociedades primitivas. Estas são movidas por “cortes diferenciais” dos registros de parentesco, classificações totêmicas<sup>8</sup> e mitos. Estes registros são analisados pela articulação no interior das cadeias paradigmáticas e sintagmáticas:

*“formam um sistema utilizável à maneira de uma grade que, a fim de decifrá-lo, se aplica sobre um texto cuja ininteligibilidade primeira confere a aparência de um fluxo*

---

<sup>8</sup> O totemismo “corresponde a certas modalidades arbitrariamente isoladas de um sistema formal, cuja função é garantir a convertibilidade ideal dos diferentes níveis da realidade social” (Lévi-Strauss, 1997[1962], p. 93). Nesse sentido, o totem é um instrumento simbólico do clã para reger o sistema de parentesco de uma coletividade, além disso é um objeto de mitos e deveres particulares.

*indistinto e no qual a grade permite introduzir recortes e contrastes, ou seja, as condições formais de uma mensagem significativa” (Lévi-Strauss, 1997[1962], p. 91).*

Dessa maneira, os sistemas totêmicos apesar de serem diferentes quando regidos por uma lógica formal podem ser interpretados pelo *“princípio lógico [que] é o de sempre poder opor” (Ibid. Ibidem)*. Com isso, as sociedades primitivas são que nem uma língua que pode ser transcrita em outras línguas, uma vez que em seu próprio sistema de mitos, parentesco e de classificações veiculam mensagens por encadeamentos diferentes.

Nesse sentido, poderíamos dizer que a estrutura social funciona pela contradição/oposição, algumas de maneira mais simples e outras em macroestruturas, no entanto, operam *“simultaneamente sobre vários eixos. As relações que colocam entre os termos são, o mais das vezes, baseadas na contigüidade (...) ou na semelhança” (Op.Cit., p. 79)*.

Diante disso, as dimensões da linguagem e os registros ou modos culturais estão implicados no modelo de pluriestratificação estrutural social, de maneira que os elementos dos estratos se organizam nas densas teias dos rearranjos de inversões de posições dos homens na sociedade, uma vez que a estrutura de contradição corresponde a certas modalidades arbitrárias e assume formas diferentes no tempo e no espaço, em suas relações entre o homem e a natureza, o homem e o outro homem, cujo escopo é sancionar e manter o sistema cultural em funcionamento, em outros termos:

*“primeiro, o homem é semelhante ao jogador que, quando se senta à mesa, toma na mão cartas que não inventou, pois o jogo de cartas é um dado da história e da civilização. Em segundo lugar, cada repetição das cartas resulta de uma distribuição contingente entre os jogadores e se faz sem que eles percebam. Há mãos aceitas passivamente mas que cada sociedade, assim como cada jogador, interpreta nos termos de vários sistemas, que podem ser comuns ou particulares: regras de um jogo ou regras de uma tática. E se sabe muito bem que com a mesma mão jogadores diferentes não farão a mesma partida, se bem que não possam, coagidos também pelas regras, jogar qualquer partida com qualquer mão” (Lévi-Strauss, 1997[1962], p. 111).*

Na obra de Lévi-Strauss existem diversos modelos de classificações totêmicas, pois o lugar atribuído a cada termo no sistema diz respeito a uma marca/detalhe, cada espécie está apta a preencher diversas funções nos sistemas simbólicos, as traduções zoológica, botânica e geográfica devem ser encadeadas ao sistema, e este sistema se transforma no tempo e no espaço.

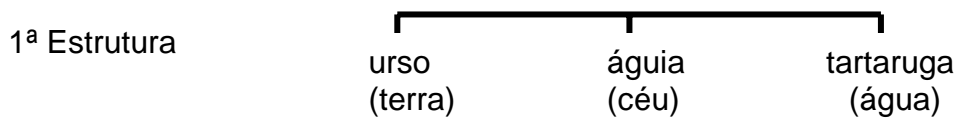
Escolhemos a análise de classificação totêmica de Lévi-Strauss que trata da semelhança entre os sistemas lingüísticos e o totêmico. A semelhança entre os sistemas lingüísticos e totêmicos, apontada por Lévi-Strauss, na obra “O pensamento selvagem”, diz respeito ao conflito entre sincronia e diacronia que se dá a ver tanto na lingüística quanto na etnografia.

Por essa via, se os caracteres estruturais da língua se transformam de acordo com a mudança de falantes pelos desdobramentos do tempo e do espaço, com a evolução demográfica pode desaparecer uma língua falada. Não obstante, *“o laço entre sincronia e diacronia não é rígido, primeiro*

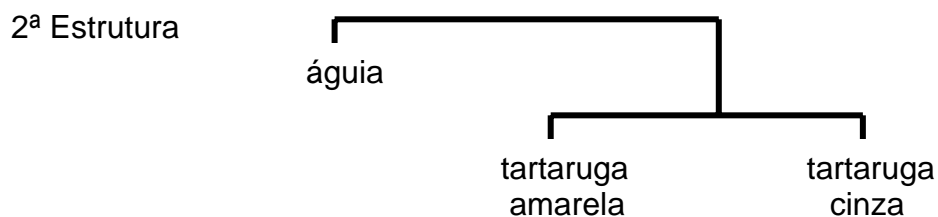
*porque... todos os falantes se equivalem... e sobretudo, porque a estrutura da língua está relativamente protegida por sua função prática, que é assegurar a comunicação” (Op.Cit., p. 83).*

O sistema totêmico opera sobre os meios de pensar e pertence a uma estrutura lingüística. Com isso, *“as estruturas sincrônicas dos sistemas ditos totêmicos são extremamente vulneráveis aos efeitos da diacronia” (Ibid.Ibidem).* Isto quer dizer que o funcionamento estrutural e cultural de uma sociedade insiste e se transforma no tempo.

A aplicação deste sistema pode ser visto pela ilustração de Lévi-Strauss sobre a divisão de uma tribo em três clãs<sup>9</sup>, *cada um com o nome de um animal símbolo de um elemento natural:*



A evolução demográfica provocou a extinção do clã do urso e a proliferação do clã da tartaruga, com isso a estrutura se transformou e se bipartiu em dois subclãs que se tornaram clãs em outro tempo. Dessa maneira, a antiga estrutura desaparece e dá lugar a um outro tipo de estrutura:



<sup>9</sup> A definição dada pelo dicionário etimológico diz da tribo constituída por pessoas de ascendência comum.

A análise realizada por Lévi-Strauss foi a seguinte:

*“numa primeira hipótese, o sistema inicial poderá sobreviver na forma mutilada de uma oposição binária entre céu e água. Uma outra solução resultaria do fato de que, no início, havia três termos e que três termos subsistem no fim; entretanto, os três primeiros termos exprimiam uma tripartição irreduzível, ao passo que os outros três resultam de duas dicotomias sucessivas, antes entre céu e água, depois entre amarelo e cinza. Recebendo essa oposição de cores um sentido simbólico, por exemplo, sob a relação do dia e da noite, têm-se não mais uma mas duas oposições binárias: céu/água e dia/noite, isto é, um sistema de quatro termos” (Op.Cit., p. 84).*

Vê-se que Lévi-Strauss opera sobre uma multiestratificação estrutural dos sistemas totêmicos e o corte incide sobre as oposições binárias, de maneira que “a evolução demográfica pode romper a estrutura mas, se a orientação estrutural resiste ao choque, a cada perturbação ela dispõe de vários meios para restabelecer um sistema senão idêntico ao sistema anterior pelo menos formalmente do mesmo tipo” (*Ibid.Ibidem*).

Cabe esclarecer que a estrutura tripartite não funciona apenas no estrato das denominações do clã, uma vez que o “sistema estava baseado em mitos de criação e de origem e impregnava todo o ritual” (*Op.Cit.*, p. 85). Como podemos observar na ilustração, a perturbação da primeira estrutura totêmica não se aplicou a todos os planos e ainda os mitos e os ritos se transformaram “mas com um certo atraso e como se fossem dotados de uma persistência que, durante um tempo, preservasse neles toda ou parte da orientação primitiva” (*Ibid.Ibidem*).

Em suma, nos afastaremos dos pontos abaixo por serem zonas de divergências entre os modos de funcionamentos estratificados apresentados e a proposta de multiestratificação estrutural do funcionamento dos sintomas na linguagem:

- 1) A noção de hierarquia entre os estratos;
- 2) A idéia de tempo cronológico;
- 3) As estruturas de parentesco, de mito e de classificações totêmicas.

Em contrapartida, nos aproximaremos:

- 1) dos arranjos estruturais realizados por Lévi-Strauss;
- 2) da noção de que os sintomas na linguagem encadeiam-se em uma estrutura múltipla de estratos e interestratos;
- 3) da idéia de simultaneidade, sucessividade entre os estratos e os interestratos;
- 4) da concepção de insistência de traços na determinação de cada estrato;
- 5) do sistema de valor lógico;
- 6) dos elementos de contradição, oposição e diferenças;
- 7) dos modos de operar no tempo;
- 8) das leis sintagmáticas e paradigmáticas;

9) das leis sincrônicas e diacrônicas;

10) dos binômios e trinômios na estrutura.



## **Multiestratificação estrutural dos sintomas de linguagem:**

### **I. Notas preliminares**

À guisa de introduzir a cadeia de valor pela qual operam os eixos pluriestratificados da estrutura dos sintomas de linguagem, realizar-se-á um mergulho sobre a estrutura constitutiva da linguagem e de seus efeitos na escrita da dissertação.

Tomamos como ponto de partida a teia que envolve o jogo intersubjetivo da demanda e do campo dos sintomas na fala e na linguagem. Por essa via, estruturado desde a ordem significante que atravessa o campo do Outro e se articula simultaneamente aos efeitos da sanção da fala/escuta, da língua e da escrita, o sintoma parece poder ser capturado pelos arranjos e rearranjos do funcionamento do sujeito que dão-nos algumas pistas acerca do funcionamento lógico do sintoma nas grades na/da linguagem.

Os princípios que regem a proposta de descrever o funcionamento dos sintomas de linguagem, tal como eles emergem e sustentam a dimensão clínica fonoaudiológica, debruçam-se sobre a demanda de se elaborar um estudo sobre a problemática dos sintomas de linguagem que advém dos casos clínicos enigmáticos que acompanho e que atravessam a minha experiência clínica e acadêmica, nos quais operam de maneira multiestratificada, isto é,

simultaneamente sobre os eixos clínicos, os eixos de discussões com o Outro<sup>1</sup>, o eixo acadêmico.

Os estudos em Clínica Fonoaudiológica da linha de pesquisa intitulada “Linguagem e Subjetividade”, se aproximam da noção de que os sintomas de linguagem e *“a forma pela qual se exprime a linguagem define por si só, a subjetividade”* (Lacan, 1998[1966], p. 299).

A aproximação com a noção de estrutura será entendida aqui como uma proposta em que os elementos que a compõem devam ser da mesma ordem e obedecer aos mesmos princípios. A singularidade será entendida como a emergência do imprevisível que afeta a ordem da estrutura a qual se encontra submetida.

A linguagem em seu funcionamento não é independente da natureza do sujeito, o que significa que o *“sujeito é capturado e estruturado pela linguagem”* (Idem). A linguagem é entendida enquanto funcionamento simbólico, o quer dizer que o sujeito nasce em um mundo de discurso, em que a linguagem antecede o nascimento do sujeito e terá continuidade após sua morte. Nas palavras de Lacan, *“o homem, desde antes de seu nascimento e para-além da morte, está preso na cadeia simbólica, a qual fundou a linhagem antes que nela bordasse a história”* (Idem, p. 471). Dessa forma, a criança já ocupa um lugar no universo discursivo dos pais antes mesmo de nascer. Cabe esclarecer que este lugar é o lugar de desejo da mãe/Outro. Pode-se dizer que, antes do nascimento do bebê a existência do sujeito está no Outro:

---

<sup>1</sup> Isto é, com os meus orientadores, colegas de leituras e estudos, de trabalho, as relações entre o sujeito e a minha função de fonoaudiólogo, a literatura da área, entre outros.

*“...o desenvolvimento do bebê humano não opera por simples automatismo biológico; seu corpo não se organiza por suas funções musculares ou fisiológicas, mas, sim, pelas marcas simbólicas que o afetam; o que marca o ritmo do desenvolvimento é o desejo do Outro que opera sobre a criança através de seu discurso...”* (Cirino, 2001, p. 109, apud Jerusalinsky).

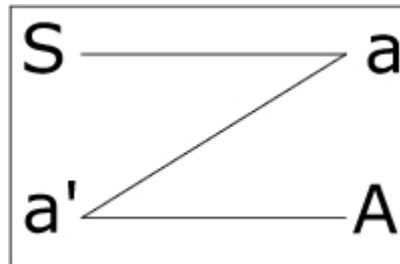
O conceito Outro, grafado com maiúscula, significa o *tesouro dos significantes, como lugar do depósito* (Lacan, 1999[1956-57], p. 162), ou seja, *“... o significante que funda o significante, como o significante que instaura a legitimidade da lei ou do código”* (Idem, p. 156-157).

Em outros termos, conforme anteriormente mencionado:

*“o que autoriza o texto da lei se basta por estar, ele mesmo, no nível do significante. Trata-se do que chamo Nome-do-Pai, isto é, o pai simbólico. Esse é um termo que subsiste no nível do significante, que no Outro como sede da lei, representa o Outro. É o significante que dá esteio à lei, que promulga a lei. Esse é o Outro no Outro”* (Lacan, 1999[1956-57], p. 152).

Já o outro com minúscula é o pequeno outro, isto quer dizer, o outro como semelhante, o eu. Nesse viés, *“... sua própria fala está no outro que é ela mesma, o outro com minúscula, seu reflexo no seu espelho, seu semelhante”* (Lacan, 2002[1955], págs. 63-64).

Para explicar a dialética do sujeito e o Outro, nos reportaremos ao Esquema L elaborado por Lacan, que diz respeito à estrutura quadripartida de ordenação psíquica nos processos intersubjetivos, a partir das noções de estrutura e corte, que operam nos quatro campos que constituem o sujeito do inconsciente/linguagem com as suas singularidades.



Esquema L, (Lacan, 1998[1966], Escritos, p. 555).

Os quatro campos são os lugares em que se situam o sujeito, **S**, o outro, **a'**, o eu imaginário, **a**, e o Outro, **A**:

*“... ele [o sujeito] o é, com efeito, enquanto repuxado para os quatro cantos do esquema, ou seja, S sua inefável e estúpida existência, a, seus objetos, a', seu eu, isto é, o que se reflete de sua forma em seus objetos, e A, lugar de onde lhe pode ser formulada a questão de sua existência” (Lacan, 1998[1966], p. 555).*

A estrutura quadripartite se envolve em um esquema “que significa o estado do sujeito S (neurose ou psicose) depende do que desenrola no Outro A. O que nele se desenrola articula-se como um discurso (o inconsciente é o discurso do Outro)” (Idem).

A constituição do *eu* se dá pela captura à linguagem, por meio do que Lacan nomeou “estádio do espelho como formador da função do eu” que debruça sobre a identificação com o campo do Outro, isto é, “*a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem*” (Op. Cit., p. 97). O *infans* precisa de um olhar que lhe dê uma identidade e lhe diga/fale quem é, viabilizando, assim, o seu ingresso na dimensão do simbólico.

A estruturação do *eu* depende da identificação da criança com a própria imagem, o que submeterá a vivência singular do *fantasma do corpo esfacelado*, através do qual a criança experimenta o seu corpo como algo disperso:

*“... o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental”* (Op. Cit., p. 100).

Cabe esclarecer que é preciso do suporte humano ou artificial para que o sujeito possa se sustentar:

*“a assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de infans parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa*

*forma primordial, antes de se objetivar a dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito” (Idem).*

A função do estágio do espelho é “estabelecer uma relação do organismo com a sua realidade” (Op. Cit., p. 100), isto é, função da imago.

O estágio do espelho percorre três tempos lógicos que marcam a transformação da imagem do corpo pela criança: 1) O primeiro tempo consiste numa confusão entre o *eu* e o outro, isto é, pelo outro que a criança se vivencia: “*A criança que bate diz que bateram nela, a que vê cair, chora*”, que marca a identificação da criança alienada ao registro do imaginário. 2) No segundo tempo, a criança se afasta do outro do espelho como real, e se aproxima da própria imagem. Com isso, é possibilitada a distinção entre a imagem do outro e a realidade do outro. 3) No terceiro tempo, ocorre a dialética do reconhecimento de si pela imagem. A imagem desse corpo é decisiva para a estruturação da identidade do sujeito, sendo através dela que o sujeito realiza sua identificação.

O estágio do espelho e o complexo de Édipo são fundantes pelo olhar e pela fala do Outro. Os efeitos do (não) olhar e do (não) falar desse Outro - e um conseqüente fracasso na instauração da fase do espelho e da entrada do significante primordial, isto é, o traço unário – desembocará numa neurose ou numa psicose. As estruturas subjetivas que decorrem das posições do sujeito frente à sua constituição psíquica implicam em diferentes modos de negação.

De acordo com Freud (2001[1925]), a negação diz respeito à maneira pela qual o recalcado entra na consciência a partir da função intelectual de juízo de afirmar ou negar os conteúdos do pensamento:

*“um conteúdo de representação ou de pensamento recalcado pode penetrar na consciência, sob a condição de que se deixe negar. A negação é um modo de tomar conhecimento do recalcado, no fundo já uma suspensão do recalque, mas na verdade nenhuma aceitação do recalcado (...) Com a ajuda da negação se faz retroceder apenas uma das conseqüências do processo de recalque, a de não chegar seu conteúdo de representação à consciência” (Op. Cit., p. 11).*

Acerca da negação, Lacan (1998[1966]), nos diz que:

*“a morte nos traz a questão daquilo que nega o discurso, bem como de saber se é ela que introduz neste a negação. Pois a negatividade do discurso, na medida em que faz existir o que não está ali, remete-nos à questão de saber o que o não-ser, que se manifesta na ordem simbólica, deve à realidade da morte” (Op. Cit., p. 381).*

Dessa maneira, a negação que opera pela via do recalque se dá na origem do eu:

*“negar algo no juízo significa no fundo: “Isso é algo que preferiria melhor recalcar.” A condenação é o substituto intelectual do recalque, seu “não”, a marca do mesmo, um certificado de origem, algo como ‘made in Germany’” (Freud, 2001[1925], p. 11).*

A distinção entre o recalque e o juízo reside no fato de que o: “*recalque é algo diferente de um juízo que rejeita e escolhe*” (Lacan, 1998[1966], p. 389, apud Freud).

Lalande (1999[1926]), no Vocabulário de Filosofia, explica que o juízo consiste na “*decisão mental pela qual retemos de uma maneira refletida o conteúdo de uma asserção e a pomos a título de verdade*” (Op. Cit., p. 599-600). Freud (2001[1925]) refere que: “*o julgar é a ação intelectual que decide sobre a escolha da ação motora, coloca um fim à protelação do pensamento, e conduz do pensar ao agir*” (Op. Cit., p.15).

A função do juízo ocorre para a criação do símbolo da negação, de maneira que o reconhecimento do eu se exprima em uma fórmula negativa:

**“a função de juízo tem que tomar essencialmente duas decisões. Deve atribuir ou negar uma qualidade a uma coisa e deve conceber ou impugnar a existência de uma representação na realidade (...) Isso deve estar em mim ou fora de mim”** (Op. Cit., p.11, negritos nossos).

Existem alguns tipos e decisões da função de juízo que gostaríamos de esclarecer. Por essa via, o juízo de existência consiste na “*natureza do ser ou do nada*” (Lalande, 2001[1926], p.362). Por outro lado, o juízo de atribuição se refere à: “*proposição que afirma ou nega uma qualidade de um sujeito, por oposição tanto à proposição concebida como decomposta num sujeito e num predicado (compreendendo a copula) quanto à proposição formada por dois termos unidos por uma relação*” (Op. Cit., p. 110). Há ainda, o juízo desejante que diz respeito ao oposto à volição e o juízo lógico em que repousa “a



*existência de uma relação determinada entre dois ou vários termos. O primeiro termo que se parte, que se chama sujeito. Segundo, um termo geralmente que se afirma ou se nega o sujeito, chama-se o predicado” (Op. Cit., p. 600).*

Em outros termos, Freud (2001[1925]) nos fala:

*“a outra das decisões da **função de juízo**, aquela sobre a **existência** real de uma coisa representada (...) Já não mais se trata de que algo percebido (uma coisa) deva ou não ser acolhido no eu, mas se algo **existente no eu como representação possa ser reencontrado também na percepção** (realidade). É, como se vê, de novo uma questão do fora e dentro” (Op. Cit., p. 12, negritos nossos).*

Com a noção de juízo podemos destacar a revelação do ser:

*“o estudo do juízo talvez nos abra a visão, pela primeira vez, para o surgimento de uma função intelectual a partir do jogo das moções pulsionais primárias. **O julgar é a evolução objetivada da inclusão no eu ou expulsão do eu**, realizadas originalmente conforme o princípio de prazer. Sua polaridade parece corresponder ao caráter de oposição dos dois grupos de pulsões admitidos por nós. **A afirmação – como substituto da unificação – pertence a Eros, a negação – sucessão da expulsão – à pulsão de destruição.** O prazer universal de negar, o negativismo de mais de um psicótico deve ser entendido provavelmente como sinal do desamalgamar das pulsões por subtração dos componentes libidinais. O desempenho da função de juízo só é possibilitado pelo fato de que a criação do símbolo da negação permitiu ao pensar um primeiro grau de independência dos resultados do recalque e, com isso, também da coerção do princípio de prazer” (Op. Cit., p. 15, negritos nossos).*

Todavia, na neurose a negação aparece sob uma falta determinada, lida como denegação, no qual o sujeito recalca a falta de objeto. Por outro lado, na psicose a negação é caracterizada por uma negação indeterminada, em que a falta de objeto é caracterizada pela forclusão, e na perversão, há um terceiro tipo de negação, cunhado por Freud como renegação, que se executa pela negação da falta de objeto (Dunker, s/d). Lacan (1998[1966]) nos diz que a Introdução no sujeito e expulsão para fora do sujeito:

*“constitui o real, na medida em que ele é o domínio do que subsiste fora da simbolização. E é por isso que a castração, aqui suprimida pelo sujeito dos próprios limites do possível, mas igualmente subtraída, por isso, das possibilidades da fala, vai aparecer no real, erráticamente, isto é, em relações de resistência sem transferência” (Op. Cit., p. 390).*

Nessa direção, o sintoma advém de um modo *“particular de relação sujeito-linguagem”* (Lier-De Vitto, 2003, p. 237), se na clínica psicanalítica diz sobre os efeitos na estrutura da neurose e da psicose, na clínica fonoaudiológica, recai sobre os sintomas de linguagem as estruturas da escrita, da língua, da fala, pois *“é da clínica que vêm as falas sintomáticas e que dela emerge a indagação sobre a natureza do sintoma na linguagem”* (Lier-De Vitto, 2005, p. 144).

O termo fala sintomática se refere à idéia de significante que pede interpretação (Fonseca, 2000), linguagem desestruturada, de uma fala que faz furo, que tropeça, que está estilhaçada, equivocada, errada, confusa, sem autoria, que faz sintoma na fala, que demanda uma organização na

estruturação lingüístico-discursiva (Lier-De Vitto, 2003). Sintomática, no sentido do mal-estar no campo da linguagem.

Sobre esta questão, Jerusalinsky afirma que “*quando cometemos erros sintáticos ou gramaticais (...) não estamos cuidando do sistema da língua*” (2004, p.90), pois, o percurso da criança na língua não é comandado pela área 4 de Brocca mas sim a partir do discurso (Idem, p. 69).

Nesse sentido, os sintomas de linguagem “*expõem o falante em sua falha*” (Lier-De Vitto p. 238). Amoroso e Freire destacam que o sintoma da linguagem é o efeito de “*estranhamento do outro diante da fala do sujeito*” (2001, p.20) e que esse sintoma na clínica fonoaudiológica, deve ser “*concebido como uma elaboração discursiva sobredeterminada*” (Op. Cit., p. 23).

Além do estranhamento do Outro, a cristalização em uma posição discursiva, pode-se dizer que os sintomas de linguagem podem aparecer também de maneira alienada, refratária e invertida da fala do Outro, que incide predominantemente nas estruturas da escrita, da língua e da fala, sob diferentes posições de juízo e modos de negação.

A partir das cadeias textuais que debruçam sobre os princípios de descrever os sintomas na linguagem, que devemos levar em conta como estes se dissolvem no tempo, como podem ser diagnosticados e formular hipóteses sobre a sua causa.

Para tanto, o procedimento de escrita da fala permitirá dar materialidade aos dizeres do sujeito com sintomas na linguagem e abrir um

acesso ao funcionamento de sua linguagem de forma a contrapor a sua singularidade ao que é da ordem da estrutura, enquanto um sistema de princípio lógico, ordenado pelas relações de valor que se fundam pela diferença/oposição do que é colocado em jogo na estrutura, articulados no âmago da própria lógica significativa, que ganham sentido no estabelecimento do lugar que cada elemento ocupa, na estrutura, de maneira a se alinharem (Lévi-Strauss, 1962; 1970).

A concepção de pluriestratificação dos sintomas de linguagem ancora-se numa estrutura múltipla de estratos, que opera por simultaneidade, negação e diferenças que se marcam/inscrevem por traços nas grades da escrita, da língua e da fala que, articulados, atravessados, enganchados, arranjados pelos estratos do sujeito, da metáfora e da metonímia e da sanção do Outro, criam um campo intersubjetivo que se adere aos modos de funcionar e romper a grade/teia dos sintomas de linguagem. A partir disso, pretende-se subverter e reconhecer a mola própria dos diferentes sintomas de linguagem na dimensão fonoaudiológica.

Pode-se dizer que a noção de multiestratificação da estrutura do funcionamento dos sintomas de linguagem pertence a um processo nodal da linguagem que pode permitir ao fonoaudiólogo aí adentrar para, em seu sistema clínico, articular metodologicamente a mudança de posição estrutural das falas e escritas do sujeito em direção a outros modos de funcionar na linguagem.

Avancemos nossa exposição no ponto em que “... **o sujeito recebe sua mensagem do outro sob uma forma invertida...**” (Lacan, 2002[1955], p.47, negritos nossos).

Eis aí de onde partimos, *o sujeito recebe sua própria mensagem invertida do Outro*, que representa, nesse trabalho, a ordem de existência das combinações que engendram a proposta de multiestratificação estrutural do funcionamento dos sintomas de linguagem.

É notório que a obra de Lacan é extensa e densa no que concerne à estrutura do sujeito falante. Dessa maneira, nessa dissertação, a releitura sobre *o sujeito recebe sua própria mensagem invertida do Outro e as posições ocupadas entre o sujeito e o Outro no corte operado pela sanção num significante*, irá centrar-se nos seminários: livro 3, *As Psicoses*, o livro 5, *As Formações do Inconsciente*, o livro 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise e os Escritos*.

Cabe esclarecer que foi a vizinhança com a lingüística e o retorno à Freud que permitiram à Lacan separar-se desta para alçar o inconsciente, enquanto o lugar do ser estruturado pela linguagem.

Diante disso, o importante, com efeito, não é visitar a vasta teoria lacaniana, mas sim, retornar e aproximar-se de alguns conceitos nodais que fortaleçam a tentativa de explicar, na dimensão fonoaudiológica: *o que é funcionamento dos sintomas de linguagem? Por que ocorre? Como o sujeito sucumbe pela via das falas e escritas sintomáticas?* Cabe esclarecer que a vertente aqui não é nem aquela que a medicina apresenta sob o olhar do signo

médico, nem aquela utilizada pela psicanálise enquanto metáfora à escuta do clínico, mas pelos caminhos da própria linguagem em seu funcionamento.

Os sintomas de linguagem serão compreendidos a partir de sua posição em uma estrutura multiestratificada, composta por pelo menos três elementos operatórios: eixos metafórico e metonímico, do Outro e do sujeito pelos estratos da escrita, da língua e da fala.

Por isso, a ligação deste trabalho entre uma certa teoria de aquisição de linguagem e Lacan com o retorno aos sintomas de linguagem que são vivenciadas na clínica fonoaudiológica, tem por fim realizar a releitura de certos conceitos nodais para explicar como e por quê a fala e a escrita produzem efeitos que marcam uma posição sintomática do sujeito frente à sanção do Outro.

A ordem do funcionamento dos sintomas de linguagem diz sobre o funcionamento do sujeito com o campo do Outro que se dá a ver pelas estruturas da escrita, da língua e da fala

Com isso, os sintomas de linguagem podem ser abarcados pelos efeitos da sanção do Outro e dos diferentes tipos ou modos de negação:

*“a partir de uma **palavra** um jogo se **institui**, comparável em todos aspectos ao que se passa em Alice no país das maravilhas, quando os **servidores** e outras **personagens** da corte da rainha se põem a **jogar** cartas **vestindo-se** com estas cartas, e **tornando-se eles próprios** o rei de copas, a rainha de espadas e o valete de ouros. Uma palavra exorta vocês a **sustentá-la** pelo **discurso** de vocês, ou a **renegá-la**, a **recusá-la** ou a **confirmá-la**, a **refutá-la**, mas*

*ainda mais, a se **curvarem** a muitas coisas que estão **na regra do jogo**. E mesmo se a rainha **mudasse** a todo instante a regra, isso mudaria nada no essencial – uma vez introduzido no **jogo dos símbolos**, você é sempre **forçado** a se **comportar** segundo uma **regra**” (Lacan, 2002[1955], p. 63, negritos nossos).*

## II. Aquisição de Linguagem:

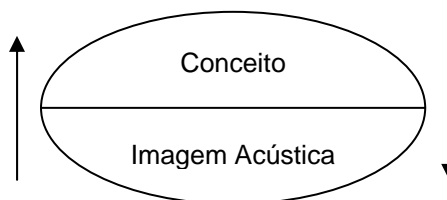
A partir da idéia de que “o signo é a noção básica de toda a ciência da linguagem” (Ducrot & Todorov 2007[1972], p. 101) e que é “institucional” (Op. Cit., p. 102) faremos um breve retorno à Lingüística saussureana, com a finalidade de destacar a noção de língua, depois passaremos pela jakobsoniana, com o intuito de resgatar o duplo caráter da língua na fala para, logo após, escrever o caminho do sujeito em seu percurso como falante, tal como proposto pela aquisição de linguagem escrita por Lemos, salientando, as influências lacanianas sobre a constituição da linguagem.

Saussure (2003[1916]) introduz a estrutura da linguagem enquanto o total resultante da associação língua e fala, de maneira que a linguagem opera por um sistema de valor comparado a um “*jogo de xadrez*” e a uma “*folha de papel*”.

A idéia de língua destacada por Saussure (2003[1916]) é entendida como de natureza social e ganha materialidade na fala, sendo que no sistema da língua encontram-se leis e um funcionamento que estão na dependência da relação entre sentido e signo. Considera-se o signo como a menor unidade da

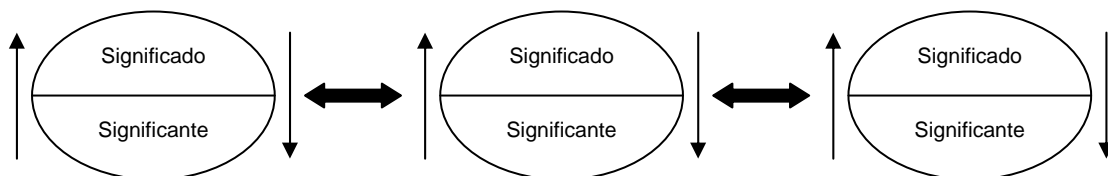
língua, formada por “duas faces”, significado e significante, dessa maneira, o signo torna-se, portanto, relação de um significado a um significante.

Dessa forma, o autor reconhece algumas características peculiares à língua, quais sejam: 1) a arbitrariedade do signo lingüístico; 2) a imutabilidade do signo; 3) fixação do signo e 4), o caráter linear do significante, que possibilita analisar a língua segundo duas dimensões: sintagmática, que estabelece as relações de oposição e a dimensão paradigmática, que ordena-se pelas relações de combinação.



(Saussure (2003[1916]), p. 80)

Em outros termos, “visto ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão somente da presença simultânea de outros” (*Op. Cit.*, p. 133), Saussure nos apresenta o seguinte esquema:





Lacan (1998[1966]) subverte a noção de significante e significado e explica que a “*barra que separa as duas etapas*” (Op. Cit., p. 500), o ponto de basta, reside em “*mostrar como o significante entra de fato no significado, ou seja, de uma forma que, embora não seja imaterial, coloca a questão de seu lugar na realidade*” (Op. Cit., p. 503). O autor diz ainda que, “*é que esse acesso, pelo menos, não deve comportar nenhuma significação, se o algoritmo S/s com sua barra lhe convêm. Pois o algoritmo, na medida em que ele mesmo é apenas pura função do significante*” (Op. Cit., p. 504).

Por essa via, o significante está submetido a duas funções: 1) o de ser composto por elementos articulados pela diferença/oposição/negação:

*“esses elementos (...) são os fonemas, onde não se deve buscar nenhuma constância fonética na variabilidade modulatória em que se aplica esse termo, e sim o sistema sincrônico dos pareamentos diferenciais necessários ao discernimento dos vocábulos numa dada língua”* (Idem, negritos nossos).

2) A segunda propriedade do significante consiste na necessidade:

*“de se **compor segundo as leis** de uma ordem fechada, afirma-se a necessidade do substrato topológico da qual a expressão ‘cadeia significante’, que costumo dizer, fornece uma aproximação: **anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis**”* (Op. Cit., p. 505, negritos nossos).

Com relação à função da barra ou dos “*pontos de basta*” se configura “*a dominância da letra na transformação dramática que o diálogo pode operar no sujeito*” (Op. Cit., p. 506) ou ainda, como a “*barreira resistente à significação*” (Idem). Nesse sentido, Lacan nos diz que os efeitos de sentido advêm da ordem significante determinada pelas leis estruturantes da primazia do significante sobre o significado.

Jakobson (2003[1963]), a partir dos estudos sobre o funcionamento da língua postulado por Saussure e do seu contato com as afasias, inclui o falante no funcionamento da língua. Dessa forma, faz referência ao “*duplo caráter da linguagem*”, em que a fala demanda “*a seleção de certas entidades lingüísticas e sua combinação em unidades lingüísticas*” (Op. Cit., p. 37).

Para Jakobson (2003[1963]), os “*pólos metafórico e metonímico*”, permitem compreender o discurso como a oscilação entre os dois modos de operações: as metafóricas, que admitem as substituições significantes: “*uma seleção entre termos alternativos implica a possibilidade de substituir um pelo outro, equivalente ao primeiro num aspecto e diferente em outro*” (Op. Cit., p. 40) e as metonímicas, que possibilitam as combinações significantes: “*todo signo é composto de signos constituintes e/ou aparece em combinação com outros signos*” (Op. Cit., p. 39).

Lemos (1992), quando empenha-se em explicar como a criança passa de uma posição de *infans* para sujeito-falante de uma língua, recorre às postulações de Saussure e Jakobson, de acordo com a função de captura da língua.

Nesse sentido, as reflexões da autora, voltam-se para “os processos metafóricos e metonímicos como mecanismos de mudança cuja direção é a estabilização da língua na fala da criança, isto é, a consolidação de categorias e estruturas” (Lemos, 1992, p.12). A autora salienta que esses processos permitiram vislumbrar as particularidades dos “erros” e do sujeito, uma vez que os fragmentos de fala considerados dispersos e desconexos deixaram de ser higienizados e entraram em cena para se compreender o processo de aquisição da linguagem.

Na pesquisa dessa autora (1995), destaca-se o papel do outro na estruturação da criança tanto do ponto de vista lingüístico como subjetivo. Essa estrutura promove a mudança do sujeito na língua, uma vez que o outro ocupa o lugar de intérprete e de funcionamento da língua.

A direção para a estruturação da criança como sujeito-falante de uma língua, nas postulações de Lemos (2002) é conhecida como funcionamento da “Curva-em-U”<sup>2</sup>.

O funcionamento percorre três posições, quais sejam:

1) a primeira que se caracteriza pela fala da criança estar circunscrita à fala do outro, em que a criança incorpora os fragmentos da fala do adulto e que esse outro interpreta esses fragmentos como fala. É conhecida como a posição do “acerto”, em que a criança é falada pelo outro.

---

<sup>2</sup> A Curva-em-U advém da psicologia do desenvolvimento/cognitiva de Annette **Karmiloff-Smith** (1986), na qual ilustra o processo das representações internas na criança, mediante mudanças sofridas nos níveis progressivos da consciência. A Curva-em-U assenta-se em quatro noções básicas: de estrutura, mudança, passagem e coincidência.

2) a segunda posição faz referência ao falante submetido ao movimento da língua, que se caracteriza pela ocorrência dos erros na fala da criança e a impermeabilidade da criança à correção do erro pelo adulto, podendo considerar que os processos metafóricos e metonímicos estão circunscritos a um efeito de semelhança ou espelhamento entre cadeias, ganhando seu estatuto na língua, fora da esfera do outro. Essa posição é marcada pelo “erro”, em que a criança não consegue escutar a diferença entre o que ela fala e o que o outro diz.

3) a terceira posição representa o deslocamento do falante em relação à sua própria fala e à fala do outro, o que caracteriza essa posição é a homogeneidade e a ocorrência na fala da criança de pausas, reformulações, correções provocadas pela interpretação do interlocutor e as auto-correções, sob forma de substituições. Essa posição é marcada pelo “acerto” em que a criança consegue escutar o outro e se próprio escutar.

No nível da estrutura, onde o sujeito recebe sua própria mensagem invertida do Outro, dá-se a subjetivação pela linguagem, no que o falar a outros e reconhecer-se e ser reconhecido por esse Outro, implica na escuta da própria fala e na escuta para a fala do outro.

Em outras palavras, a constituição do sujeito é marcada pela inscrição no campo do Outro “... onde a mensagem repercute e de onde retoma uma resposta divergente, uma resposta outra” (Lemos, p. 64, 2002).

Importante destacar que o sujeito é visto como efeito da linguagem, ou seja, em que a natureza humana é submetida ao campo do Outro.

*“... a criança enquanto corpo pulsional, como capturada pelo funcionamento da língua na qual é significada, por um outro como falante, antes mesmo de o ser. Nesse sentido, pode-se dizer que essa captura tem o efeito de colocá-la em uma estrutura em que comparece o outro como instância de interpretação e o Outro como depósito e rede de significantes. Essa estrutura é a mesma em que se move o adulto (que é também o outro da criança), enquanto sujeito falante também submetido ao Outro” (Lemos, 2001, p. 06).*

Posto isto, pode-se dizer que a submissão à rede significante é o que faz do sujeito ser falante, nesse sentido, nas palavras de Lacan: *“... o sujeito humano é impossível de desatrelar do discurso, ou mais precisamente, da cadeia significante”* (Lacan, 1999[1956-57], p. 526). Pode-se dizer que as posições da criança frente ao processo de aquisição de linguagem percorrem três estratos ou níveis lógicos.

Num primeiro estrato, o que predomina é a submissão do *infans* ao campo do Outro, na medida em que esse Outro fala e escuta pelo *infans*, ou seja, o *infans* se inscreve no lugar da metonímia da mãe/Outro, nas palavras de Lemos (2002):

*“no que concerne à primeira posição, isso significa, a despeito do **caráter fragmentado** dos enunciados cronologicamente iniciais e de sua **dependência da fala/interpretação do outro**, que fragmentação e dependência não implicam um “antes da língua” nem uma assimilação do tipo reprodutivo relativamente aos enunciados do outro. Isto é, **há desde sempre uma língua em funcionamento, o que determinaria um processo de subjetivação**, o qual, por sua*

vez, impede que se pense em termos de uma coincidência entre a fala da criança e a do outro” (Op. Cit., p. 57).

No seminário sobre os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Lacan (1998 [1964]) explica que a alienação é o “primeiro acasalamento *significante* que nos permite conceber que o sujeito aparece primeiro no Outro” (Op. Cit., p. 207), isto quer dizer que esta é a operação que funda o sujeito que, por ser submetido ao campo da linguagem, é lido pelos efeitos dos significantes. Dessa maneira, “o *significante* é a primeira marca do sujeito” (Op. Cit., p. 63).

A operação a ser representada, a partir da primeira posição da Curva-em-U, como mecanismo metonímico que se dá a ver como restos da fala da mãe/Outro sendo incorporados pelo *infans* e vice-versa, quer dizer que os restos metonímicos e fragmentos de fala da criança, vindos da fala da mãe, produzem um efeito de dominância no *infans* em ser falado pelo Outro. Para exemplificar essa dominância da fala da criança, de forma a incorporar restos metonímicos vindos da fala do Outro (mãe), retomaremos dois episódios de Lemos do artigo: *Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismo de cambio* (1992):

1) (A criança (Ma.) dá uma revista de atualidades para a mãe (M.)).

- (1) Ma.: ó nenê/o auau
- (2) M.: Auau? Vamo achá o auau? Ó, a moça tá tomando banho.
- (3) Ma.: ava? eva?

- (4) M.: É. Ta lavando o cabelo. Acho que essa revista não tem auau nenhum.
- (5) Ma.: auau
- (6) M.: Só tem moça, carro, telefone.
- (7) Ma.: Alô?
- (8) M.: Alô, quem fala? É a Mariana?

(Mariana 1;2.15)

A estrutura dialógica que envolve a fala da Mariana com a fala da sua mãe, diz respeito a uma estratégia lógica das estruturas constitutivas da linguagem. A fala de Ma. comparece em (1) enquanto fragmento metonímico apoiado na oposição e sucessão sonora que em (2) entra pela via do retorno ou duplicação da mensagem na linha da interrogatividade que abre a cadeia metonímica, desliza para outros significantes que se dão ver em (3) em uma substituição signifiante de banho por **ava? eva?**. Que, se de um lado mostra a deformação do signifiante, por outro mostra o movimento da fala de Ma. assujeitada à fala da mãe. Estamos predominantemente no nível do traço, da distinção básica entre signifiante e significado, no nível do fonema, do olhar, do murmúrio, do silenciamento, do balbucio, das holófrases.

Com efeito, no campo da narrativa na fala da criança, a repetição primária que se dá a ver, também passa, num primeiro momento, sob a alienação ao campo do Outro.

De acordo com Lemos (2001), o percurso sob as primeiras narrativas, pode ser visto na fala do sujeito como restos da fala da mãe/Outro, de forma que a incorporação prosódica da fala do Outro, durante as interações dialógicas de leitura de livros de histórias, é vista na narrativa da fala da criança

e refeita no campo do outro; isto quer dizer que, embora a narrativa da criança esteja alienada à fala da mãe/Outro, supõe um sujeito que narra. Assim, segue o episódio em que a captura da criança no campo do Outro se faz pela via do arcabouço prosódico:

2) M. (mãe) e R (criança)

- (1) M. pega um livrinho e dá para R. Cê conta?
- (2) R.: conto (entonação descendente). Então... (ascendente e forte).
- (3). M.: Hum.
- (4). R.:Nanão (ascendente).
- (5). M.: Hum.
- (6). R.: foilaqui (descendente)

(Lemos, 2001).

Neste diálogo, tanto a fala da mãe quanto a fala da criança gravitam sob o mesmo eixo fragmentário dos gestos, da ausência de fala, das interjeições em (3) e (5), em torno da designação ostensiva em (6). Pode-se observar que o sentido da mensagem fica à deriva, pela indeterminação de ambas as falas.

Já o indício de mudança de posição do infans em sujeito falante, isto é, para o segundo estrato, aponta para o distanciamento do nível do Outro e avança para a relação da criança com os elementos originais do código, com isso, a criança estabelece o lugar de onde articula a mensagem, em outros termos:

*“de fato, uma mudança significativa no modo de a criança estar na língua (...) se dava a ver concomitantemente à*



*produção de ‘erros’: a impermeabilidade da criança à correção do erro pelo adulto. Assim, se o ‘erro’, do ponto de vista lingüístico, já marcava, na fala da criança, um distanciamento da fala do outro, essa mudança também se dava a ver pelo não reconhecimento, pela criança, da diferença entre a sua fala e a fala do outro” (Lemos, 2002, p. 55).*

Tal posição pode ser dimensionada pelo processo de separação que ocorre entre o sujeito e o Outro, de maneira que a separação ocorre no intervalo, no corte, ou seja, na torção do *vel* da alienação. Com efeito, é na ruptura com o campo do Outro em direção ao desejo, neste intervalo que reside a operação de separação como *“aquilo pelo quê o sujeito encontra a via do retorno do vel da alienação”* (Lacan, 1988 [1964], p. 207).

É importante destacar, que no momento pelo qual o sujeito se posiciona predominantemente nesse pólo estruturante, além de estabelecer uma relação com a língua fundamental também exerce um movimento de mudança estrutural que, com efeito, podemos vislumbrar a partir do seguinte episódio de encadeamento paralelístico:

3) (desenhando um avião)

- (1) ó o avião que a **Cuca** vai comprá chapéu pra **mim**
- (2) ó o avião que o **Michel** vai comprá chapéu pra **Cuca**
- (3) ó o avião que a **Cuca** vai comprá chapéu pro **Michel**
- (4) vai comprá **casinha pra nós morá**

(Michel 2:7.15, In.: Lemos, 2002, p. 59)

No episódio 3) a cadeia discursiva na qual se insere a fala da criança está circunscrita à oposição sujeito e significante que por meio do eixo paralelístico nos mostra que o retorno ao eixo da língua opera pelas associações metonímicas significantes entre os elementos do código via a homofonia dos elementos da composição da sintaxe.

Nesse sentido, como indica outro trabalho de Lemos (2001), no processo lingüístico e discursivo da narrativa na fala da criança, o princípio discursivo consiste na oposição significante e sujeito:

4) (Vendo livro da Branca de Neve: M. (mãe) e R. (criança)).

- (1) M.: Então conta a estória prá mim, conta.
- (2) R.: Então (ascendente forte).
- (3) M.: Hum.
- (4) R.: a **banca** de neve...
- (5) M.: Hum.
- (6) R.: deu **u/u/u passalinho...**
- (7) M.: **O que que ela falou pro passalinho?**
- (8) R.: **ela falou? ela avoou, voou. O passalinho voou, voou, voou, voou!**
- (9) M.: E depois?
- (10) R.: depois o (S.I.) pintô.
- (11) M.: O que que é?
- (12) R.: (assoando o nariz).
- (13) M.: Pronto... vamô Raquel. Eu quero ouvir a estória da Branca de Neve que cê vai me contá. Chega de limpar o nariz, deixa eu dobrá o lencinho.
- (14) R.: Hum. Então (ascendente forte).
- (15) M.: Hum.
- (16) R.: **O tavalô correu, correu, correu, correu, correu, correu, correu... a banca di neve.**
- (17) M.: Hum.
- (18) R.: **Foi danqui, tó qui de vê,** ahn.

- (19) M.: ahn? Conta!  
(20) R. (não quer mais contar mas volta depois a fazê-lo por insistência de M.).

[...]

- (21) R.: Então (ascendente, gritando)  
(22) M.: Hum.  
(23) R.: Então...  
(24) M.: Hum.  
(25) R.: (inspiração profunda) pá... banca di neve.  
(26) M.: Hum.  
(27) R.: pediu po pai dela.  
(28) M.: Hum  
(29) R.: eu quero chocolate  
(30) M.: Hum.  
(31) R.: **chocolate e pilulito**  
(32) M.: Ah, é? E o pai dela deu?  
(33) R.: deu  
(34) M.: E depois?  
(35) R.: ele num deu  
(36) M.: **Num deu? O que que o pai dela falou?**  
(37) R.: **o pai dela falô (S.I) ela fechô os óio pa i duimí.**

(Lemos, 2001).

Neste episódio, em que o diálogo inscreve o segundo tempo da narrativa na fala da criança, movido pelo jogo dialógico com a fala da mãe, podemos observar que em (6), (7) e (8) há um descompasso entre aquilo que a criança fala – *passalinho* - e o que existe na ordem da língua – *passarinho*, de forma que a fala da mãe retorna de maneira impermeável à escuta da fala da criança e a do outro, no entanto, a infração do código não prejudica a transmissibilidade da mensagem pela fala da criança.

As substituições/oposições no nível do fonema não são sancionadas pela fala da mãe no mesmo eixo da fala da criança, uma vez que, a fala da mãe aparece mais como um suporte para a narrativa na fala da criança, pela linha da linha da interrogatividade e das interjeições. Já a fala da criança comparece sob as cadeias da sintaxe enquanto erros estruturantes.

O “erro” em Aquisição de Linguagem tem efeito estruturante, ou seja, é o que promove a transformação do *infans* em sujeito-falante. Nessa perspectiva, o “erro” adquire o estatuto de “*emergência do sujeito na cadeia significativa*” (Lemos, 1997, p. 01), uma vez que os “erros” são efeitos dos processos metafóricos e metonímicos, que promovem a mudança na “*relação da criança com a língua no decurso de sua constituição como falante*” (Op. Cit., p.05). Dessa maneira, “*embora reine o imprevisível e, portanto o singular na fala da criança, há zonas privilegiadas de ‘erros’, de réplicas, de dispersões*” (Lemos, 2002, p. 64).

No último estrato, a criança retorna ao campo do Outro indiciando a sua diferença, na articulação entre a própria fala do sujeito, a escuta da sua fala e a escuta para a fala do Outro: “*... a terceira posição seria inicialmente caracterizável pela maior homogeneidade da fala da criança...*” (Op. Cit., p. 61), ou ainda, “*...para a emergência de um sujeito em outro intervalo: naquele que se abre entre a instância que fala e a instância que escuta*” (Op. Cit., p. 62), isto é, “*o reconhecimento pela criança da discrepância entre o que diz e o que deve dizer*” (Idem). Lacan nos diz sobre a metáfora na fala da criança: “*o gato faz au-au, o cachorro faz miau. Eis como a criança soletra os poderes do discurso e inaugura o pensamento*” (Lacan 1998[1966], p. 905)

Na psicanálise de orientação lacaniana, o reconhecimento da instância da fala e da escuta, opera no significante e no sujeito:

*“há somente **duas maneiras de falar** desse S, desse **sujeito** que radicalmente somos, ou seja, **ou dirigindo-se verdadeiramente ao Outro**, A maiúsculo, e dele **recebendo a mensagem** que concerne a você sob uma forma **invertida**, ou indicando sua direção, sua existência, sob a forma da **alusão**”*  
(Lacan, 2002[1955], p. 64, negritos nossos).

No que concerne à terceira posição ou tempo da fala da criança, este, enquanto falante, se divide entre aquele que fala e que escuta a própria fala, para tanto, reformula, reconhece, retoma, escuta a fala do outro, nestes termos:

5) (Uma amiga (T.) da mãe da criança (V.) traçou no chão os quadros para ela e a V. brincarem de amarelinha, menos um)

- (1) V.: **Quase que** você não fez a amarelinha.
- (2) T.: O que, Verrô?
- (3) V.: **Faz tempo que** você não fez a amarelinha sua.
- (4) T.: O que, verrô? Eu não entendi.
- (5) V.: **Está faltando** quadro na amarelinha sua.

(Lemos, 1992)

Este episódio inscreve-se na auto-reformulação da fala e da escuta da criança, a partir da fala do Outro incidir sobre o reconhecimento do significante e do sujeito na cadeia dialogal.

No que diz respeito ao estatuto narrativo:

6) (R. (criança) contando a estória do Chapeuzinho Vermelho para M. (mãe))

- (1) R.: Era uma vez o sapeuzinho vermelho ia na floresta (inspiração) e... (SI)
- (2) M.: (SI) continua.
- (3) R.: **e ele contô o lobo:... o lobo e/e e ...depois sabe que o lobo ia fazê? Pegô o revolve dele e matá... matá o sapeuzinho e depois...**
- (4) M.: Fala, conta.
- (5) R.: **e depois a ota pequenininha /minha filha foi lá na flo (SI) na floresta também (inspiração) e eu encontrei o lobo.**
- (6) M.: Ah.
- (7) R. Floresta.
- (8) M.: E daí, que que cê fez?
- (9) R.: Eu matei o lobo. Ah, caiu.
- (10) M.: Ih, sua filha caiu da rede.
- (11) R.: **Depois, sabe o que que o lobo fez? ele pegô na (SI) e depois pegô o revolve dele e matô... a filhinha.**

(Lemos, 2001)

A auto-reformulação que ocorre na narrativa da fala da criança opera sobre uma predominância da criança em narrar e sustentar a estrutura dialógica, que a partir da escuta para a própria fala, retorna e reformula o dizer em direção à mensagem.

Pelo fato de, tanto os estudos sobre a aquisição de linguagem quanto os dos sintomas de linguagem compartilharem da noção constitutiva da linguagem, tanto em termos subjetivos, como lingüísticos e corporais, pela via das operações do sujeito ao campo do Outro (Lacan, 1998[1964]), que procuramos aprofundar o sistema explicativo do encadeamento de uma estratificação que vislumbra a posição ocupada pelo sujeito frente à constituição dos sintomas de linguagem.

Em outras palavras, o sistema de relação que opera o sujeito, no encadeamento lógico da multiestratificação estrutural do funcionamento dos sintomas de linguagem, é proposto na camada/estrato, tal como postulado por Lemos (1992, 2001, 2002 e outros), de maneira que os sintomas de linguagem replicariam as posições do *infans*<sup>3</sup> como captura ao “*funcionamento lingüístico-discursivo que não só o significa, como lhe permite significar outra coisa, para além do que o significou*” (Lemos, 2002, p. 55) em sua trajetória da fala da criança na sua transformação e mudança para sujeito-falante.

Diante disso, os percalços pela aquisição de linguagem parecem estar ligados, isto é, às marcas dos sintomas na linguagem, que carregam os efeitos conjuntivos e disjuntivos da sanção/fala do Outro frente à fala do sujeito. Assim, se na aquisição fala-se de um trinômio sujeito-língua-fala, no que se refere aos sintomas de linguagem reescrevemos com o polinômio: sujeito-língua-fala-sanção.

### **III. Estrutura da Escrita:**

#### **Repetição primária: alienação na sanção do Outro**

A palavra repetir advém do latim *repetere*, que diz respeito ao movimento de “*tornar a dizer ou escrever*” (Cunha, 1986) e se distingue da imitação, uma vez que imitar significa “*fazer da mesma maneira, tomar como modelo, reproduzir, arremedar*” (Idem).

---

<sup>3</sup> Etimologicamente o termo se originou no latim *infāns* que significa aquele que não fala.

Elegemos o termo repetição pelo seu caráter paradoxal e constituinte da estrutura do sujeito no campo do Outro (esquema L). O paradoxo da repetição refere-se, de um lado, à impossibilidade de encontro com o mesmo, e por outro lado, pela instauração do novo ou diferente. A noção de repetição é alçada na constituição do sujeito, isto é, no que se refere à *“primeira composição do símbolo primordial ... [que] faz aparecer a ligação essencial da memória com a lei”* (Lacan, 1998[1966], p. 53). Cabe esclarecer que, *“sendo essa repetição uma repetição simbólica, averigua-se que a ordem do símbolo já não pode ser concebida como constituída pelo homem, mas constituindo-o”* (Op. Cit., p. 50).

Por essa via,

*“o jogo com que a criança se exercita em fazer desaparecer de sua vista, para nela reintroduzir e depois tornar a obliterar um objeto, aliás indiferente por sua natureza, mas que modula essa alternância com sílabas distintivas, essa brincadeira, diríamos, esse jogo se manifesta em seus traços radicais a determinação que o animal humano recebe da ordem simbólica”* (Op. Cit., p. 51)

podemos dizer que a repetição primordial opera no nível do traço significante opositivo instaurado pelo fonema, vejamos:

*“o homem literalmente dedica seu tempo a desdobrar a alternativa estrutural em que a presença e a ausência retiram uma da outra sua convocação. É no momento de sua conjunção essencial e, por assim dizer, no ponto zero do desejo, que o objeto humano sucumbe à captura que anulando*



*sua propriedade natural, passa desde então à sujeitá-lo às condições do símbolo” (Idem).*

A repetição primária se configura no campo dos sintomas de linguagem a partir da noção de captura à alienação na sanção do Outro. Como base de sustentação de uma estrutura multiestratificada, de maneira que os sintomas na linguagem se grudam nos estratos/pilastras simultâneos da grade composta por pelo menos três elementos operatórios: nas cadeias das sintaxes e dos sentidos, do Outro e do sujeito, que repercutem nos modos ou arranjos do *“automatismo de repetição (Wiederholungszwang) [que] extrai o seu princípio (...) de insistência da cadeia significante”* (Lacan, 1998[1966], p. 13) e ainda, em vista que a alienação gravita em torno das *“operações do sujeito em sua dependência significante ao lugar do Outro”* (Lacan, 1998[1964], p.196), a repetição primária que emerge na fala e na escrita do sujeito pode ser vista como uma articulação constitutiva dos sintomas de linguagem no sujeito.

Poderíamos dizer que o mecanismo de negação primário é um dos lugares em que o funcionamento dos sintomas de linguagem é determinado pelas relações rudimentares da linguagem no campo da alienação à sanção do Outro.

Ao ser falado pelo Outro, o sujeito ocupa a posição de alienação ao discurso do Outro em seu imaginário, pelas marcas escriturais repetitivas do gesto, do olhar, do silenciamento, do murmurar, do ronronar, das ruínas metonímicas, do riso, dos ruídos, da prosódia, do rabiscar, do desenhar, e os efeitos da dialética sujeito-linguagem no campo do Outro, como traços

sancionados pelo apagamento das idiossincrasias e pela abolição do significante enquanto letra inscrita no próprio ser.

Não obstante, os indícios inscritos no corpo espedaçado e na voz olhar, riso, silêncio, gestos, ações, murmúrios, resmungos, variação melódica, deixam rastros sobre a falta do significante; nesse sentido, sendo o corpo sobredeterminado à captura pela estrutura da escrita, faz-nos pensar que este corpo também é articulado pela sua relação à sanção do Outro, uma vez que ocupa o lugar do significante na cadeia, enquanto um elemento estratificado.

Diante disso, as relações entre a fala e as modalidades de funcionamento do corpo estabelecem subsídios primordiais ao campo do funcionamento da linguagem sintomática.

A estrutura da escrita pertence à lógica do traço, como sendo a primeira marca de diferença recebida pelo sujeito. Nesse sentido, o traço é o elemento mínimo de um enigma, que engloba os efeitos de rasura, apagamento e abolição. Mais ainda, a estrutura da escrita organiza-se no sistema simbólico e é possível de ser lida quando esvaziada de sentidos e destituída da função representativa.

O significante, tal como definido por Lacan (1996, Mais, ainda, p. 68), “... caracteriza por representar um sujeito para outro significante”. Ou ainda, como qualquer condição de experiência.

As características do significante, nas palavras de Lacan, são:

“... as da existência de uma **cadeia articulada** que (...) tende a formar grupos fechados, isto é, compostos de uma

*série de anéis que se prendem uns aos outros para constituir cadeias, as quais, por sua vez prendem-se a outras cadeias à maneira de anéis. (...) A existência dessas cadeias implica que as articulações ou ligações do significante comportam duas dimensões, aquela que podemos chamar de combinação, continuidade, concatenação da cadeia; e a de substituição, cujas possibilidades estão sempre implicadas em cada elemento da cadeia” (Lacan, 1999[1956-57], p. 34).*



(Figura dos anéis. In.: [www.knotplot.com](http://www.knotplot.com))

A operação da alienação reside no “*sujeito em sua dependência significante ao lugar do Outro*” (Lacan, 1998[1964], p. 196), isto é, “*trata-se do vel e da primeira operação essencial em que se funda o sujeito*” (Op. Cit., p. 199), de maneira que depende de uma escolha que tem como consequência “*nem um, nem outro*” (Op. Cit., p. 200). Nesse sentido, Lacan utiliza-se do seguinte exemplo: “*a bolsa ou a vida! Se escolho a bolsa, perco as duas. Se escolho a vida, tenho a vida sem a bolsa*” (Op. Cit., p. 201), assim a dialética do sujeito (ser) e o Outro (sentido) na alienação se dá pela escolha:

*“escolhemos o ser, o sujeito desaparece, ele nos escapa, cai no não-senso – escolhemos o sentido, e o sentido só subsiste decepado dessa parte de não-senso que é, falando propriamente, o que constitui na realização do sujeito, o inconsciente” (Op. Cit, p. 200).*

Com isso, essas duas funções aparecem, como uma “*presentificação em ato*” (Lacan, 1999[1956-57], p. 52), pois retornam sempre ao mesmo lugar como função significante, ou seja, “*do sujeito em relação constituinte ao próprio significante*” (Idem, pág. 46). Isto quer dizer que são **traços** que podem informar sobre a **doença: a compulsão** - que dá caráter à repetição - e a **paralisia discursiva** - ainda que haja fala (Palladino, aulas).

O caráter compulsivo da repetição aponta para a questão do funcionamento simbólico enquanto um laço que não se consegue dar e anuncia a urgência de sentido, que no caso das falas e escritas pode representar o sintoma. No entanto, esta noção de repetição está montada na idéia de diferença, ou seja, não é reflexo e sim, presença significante, no qual “*tudo que, na repetição, varia, modula, é apenas alienação de seu sentido*” (Idem, p. 62).

Freud (1977[1914]) em “*Recordar, Repetir e Elaborar*” nos diz que “*o paciente repete ao invés de recordar e repete-o sob as condições da resistência*” (Op. Cit., p. 198), uma vez que, “*o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (acts it out). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber o que está repetindo*” (Op. Cit., p.196). Não obstante, “*repete tudo o que já avançou a partir das fontes do reprimido para sua personalidade manifesta – suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter. Repete também todos os seus sintomas, no discurso do seu tratamento*” (Op. Cit., p. 198, negritos nossos).

A trajetória do sujeito no funcionamento dos sintomas linguagem, parece também passar pela relação de dominância à fala do Outro. Com efeito, os restos metonímicos que indiciam a cristalização, nesse estrato, de forma a configurar um tipo de quadro patológico em que as repetições primárias, ou seja, os fragmentos de fala do sujeito, não são supostos como fala, mantém as relações do sujeito alienadas ao campo do Outro. Cabe destacar que entende-se a relação do sujeito no campo do Outro, como alienação da fala do sujeito à sanção/fala do Outro.

Ao situar a paralisação ou a dominância sintomática do sujeito nessa relação da estrutura do funcionamento sintomático da linguagem, aqui objetivado nas relações discursivas do sujeito através da alienação à fala do Outro, cabe dizer que, no sentido sintomático, a repetição primária difere daquela apontada pela aquisição da linguagem e da narrativa, no entanto, se aproxima destas como indício de posição subjetiva.

Tomemos como retorno sintomático, aquilo que é sancionado pelo Outro como tal. Como dito anteriormente, a repetição no campo dos sintomas de linguagem, pode ser vislumbrada pelo sistema de relação que está em jogo: o sujeito alienado à sanção do Outro. É fato que, quando um sujeito comparece à clínica fonoaudiológica, há o encontro articulado entre uma fala e a sanção do Outro, como efeito sintomático.

Na dissertação de Oliveira (2001), é posto em questão o que faz de uma fala repetitiva algo que se qualifique como patológico e para explicar esta inquietação a autora retorna à própria fala do sujeito e à sanção do Outro, vejamos:

7) (T. (terapeuta) e P (paciente) durante uma sessão fonoaudiológica):

- (1) T: Você gosta de carrinho?
- (2) P: *Cê gosta de carrinho? E você gosta de carrinho! SI -----*
- (3) T: Olha que carro bonito!
- (4) P: *Oia o carro nito! Seiscentos e oitenta e cinco reais. SI*

(Oliveira, 2001).

Salienta-se que a transcrição, na pesquisa de Oliveira, foi alçada para vislumbrar o que é da fala do próprio sujeito e o que é da fala do outro – clínico - possibilitando à escuta, aberta a “deslizes”, deixar descoberta a idéia estereotipada de que uma fala seja fruto da cópia fiel da fala do outro quando diante de um quadro de “ecolalia”. Existiu também a contribuição do ato de ouvir a gravação de dados e de transcrevê-la com critérios que não deixaram de lado a transposição de características da fala como entonação, curva melódica, qualidade vocal, dentre outras, de suma importância ao processo de interpretação realizado. Oliveira (2001), ao analisar o texto terapêutico transcrito, acaba por encontrar cifras que são justamente o lugar em que o terapeuta pode abrir sua escuta para o quê, de particular, movimentar a fala do sujeito.

Nesse sentido, a autora aponta que há uma *coincidência com a fala do outro* e uma *“mesmice que produz um efeito de não reconhecimento, pelo Outro, de uma fala e de um falante”* (Idem). Não obstante, podemos dizer que há reconhecimento do significante, mas há uma alienação à interrogação da fala da fonoaudióloga, isto é, não ocorre a inversão da interrogação no estrato dialógico.

Na clínica com crianças “que não falam”, ou seja, crianças que falam predominantemente pela via da ausência de submissão à fala e da presença insistente em falar pela grade do silêncio, olhar, gestos, resmungos, gritos, risos, corpo, murmúrios, apontar, tocar; pode-se observar a implicação do sintoma estar circunscrito aos efeitos do assujeitamento da fala da criança à sanção do Outro.

Tenho observado na clínica fonoaudiológica que os pais/Outro da criança que se movimenta ou se cristaliza neste tipo de funcionamento de linguagem, tem suas falas - da criança e a do Outro - submetidas e deslocadas do seu lugar/posição nas cadeias dialogais, uma vez que não é somente a fala da criança que está alienada à fala do Outro, bem como esta fala do Outro está assujeitada à paralisia, à abertura ou ao fechamento das cadeias discursivas fora de tempo e de lugar.

O discurso dos pais/Outro sobre a própria fala da criança e da sua, durante as entrevistas fonoaudiológicas resgata o que fica à deriva, condensado e reduzido nas cadeias discursivas parental: “acho que ele tem preguiça de falar”, “não fala quase nada”, “não entendo a fala dele”, “ ele não fala direito”, “fala na lingüinha dela”, e desloca para uma seqüência associativa aparente que recai sobre a obediência ou desobediência e as sanções e revogações aplicadas pelos pais frente à tais comportamentos, e/ou sobre as “inteligências” ou “ignorâncias” da criança, e/ou sobre os exames e diagnósticos médicos e psicológicos, aos problemas de interação/inclusão escolar, às relações familiares entre pai-mãe-criança, avô-avó-criança e muitas

vezes os percalços da adoção da criança pela família. Nesse sentido, ocorrem poucos dizeres sobre o lugar da fala da criança.

Com efeito, essa amarração feita na grade que o move o discurso dos pais e Outro da criança, com a própria grade de funcionamento da linguagem da criança e os norteadores clínicos que constituem a posição do fonoaudiólogo frente a esta entretela dialógica, diz respeito ao movimento de leitura da estrutura clínica que subverte a natureza dos sintomas de linguagem, na qual se debruçam os entrecruzamentos da demanda, dos sintomas de linguagem e o lugar do fonoaudiólogo.

Na literatura fonoaudiológica dos últimos anos encontramos explicações e diferenciações entre os sintomas como marca na fala da criança e da família, na escuta da criança e da família, como efeito no clínico, como aquilo que se diferencia em cada instância. Em outras palavras, a interpretação que cabe ao fonoaudiólogo, seja na fala ou da escrita da fala, se ancora na letra que governa a estrutura do funcionamento do sujeito-linguagem, nas produções da sintaxe e nas produções dos sentidos, que permitem a resignificação das marcas textuais que se materializam nas teias da fala. É fato que o objetivo do fonoaudiólogo é a mudança de relação que o sujeito-linguagem tem frente à própria fala, ou seja, que outras possibilidades nas redes discursivas sejam criadas. Nesse sentido, a interpretação alça o estatuto de método teórico-clínico fonoaudiológico.

Para análise da fala de uma criança alienada à fala/sanção do Outro, recorreremos de um lado à rememoração da história clínica e de outro lado, a fragmentos de um diálogo clínico.



Um menino, com cinco anos de idade, iniciou o seu percurso na clínica de linguagem por meio de quatro falas: 1) “ele não se comunica” – a **fala do pai** -, 2) “ninguém entende o que ele diz” – a **fala da mãe** -, 3) “silêncio” – a **fala na criança**-, 4) “não falava” com a fonoaudióloga a não ser debaixo da mesa, fora do campo visual do seu rosto, as primeiras conversas se davam predominantemente na aposta de que este menino é um sujeito que fala, com isso emprestava a minha fala à ele, como um movimento de abertura do silêncio em sua voz, anotado em meus rascunhos: “entra mudo e sai calado”. Na verdade, este texto deveria ser reescrito e substituído por: “entra alienado à fala do Outro e se submete a se separar deste”, pois se sua fala estivesse fadada exclusivamente à recusa de si e do significante, o silêncio e a designação ostensiva de seus gestos não poderiam compor o lançamento e os estremecimento nas cadeias corporais, subjetivas e lingüísticas que marcavam os nossos atos – a **fala da fonoaudióloga**.

Por essa via, a sanção estava circunscrita ao lugar de onde fonoaudióloga fala com alguém. Com quem? A criança e os pais que estão diante dela fazendo do pedido um jogo discursivo. Como? Pelos entrecruzamentos da fala e escuta da criança, dos pais e da fonoaudióloga. Para que? Para a obtenção de uma resposta/aposta. Quando? No tempo lógico do discurso. Aonde? Na sala de terapia e nos bancos acadêmicos.

A fonoaudióloga fala com os pais, em encontros mensais para falar-se da criança, em que falam os pais e a fonoaudióloga, uns frente aos outros e em que a criança fala e é falada pela fala destes.

A fonoaudióloga fala com a criança por meio dos efeitos corporais, lingüísticos e intersubjetivos que encenávamos em nossos jogos de brincar<sup>4</sup> com e pela linguagem, que se manifestavam nas brincadeiras que percorriam a escrita do corpo, da língua e da fala como as de: “esconder e achar”; “ligarmos um para o outro pelos diversos tipos de telefones, para contar uma novidade, para saber como o outro está, fazer um pedido para que traga para a casa, a ração do cachorro que acabou”; “cantar, dar comida, colocar para dormir, ler para os animais, bonecos e familiares”; “simular desde a ida ao posto de gasolina, a oficina mecânica, estacionamentos, até atropelar as bruxas que atravessavam as ruas, cujos limites, faixas de pedestre, semáforos, lombadas, traçávamos com fita crepe; a auxiliar no socorro às vítimas de atropelamento e aos automóveis; ir a lojas e fazer se passar pelo lugar de vendedor e comprador de carros, motos, caminhões”; e também para o jogo dialógico que reinou em algumas sessões: o de ocuparmos diferentes posições e juízos dos “super-heróis e robôs criados com a mistura e transformação dos objetos”, num jogo de forças da oposição forte versus fraco, bom versus mal, gritar versus sussurrar, resmungar versus murmurar, falar debaixo da mesa versus ser falado por cima, falar versus silenciar. Com isso fomos criando outras formas de nos movimentarmos pelas grades da linguagem, que fez delas advirem as cadeias da sintaxe e dos sentidos engendrados pela sanção que estabelecíamos juntos, na linguagem, de nossas brincadeiras vocais, articulatórias, corporais, visuais, sintáticas, semânticas, fonéticas, simultâneas,

---

<sup>4</sup> É indicado aqui a leitura da Dissertação de Mestrado de Cláudia Pollonio (2005), na qual a autora tece uma discussão e aprofundamento sobre o brincar na Clínica Fonoaudiológica e redimensiona o seu estatuto. Nesta pesquisa, nos aproximamos da noção de brincar tecida por Pollonio.

repetitivas, opositivas, negativas, reformulatórias, silenciosas, esquisitas, com e sem efeito de sentidos, interrogatórias, exclamativas, afirmativas, incertezas, antecipações, espera, pausa, abertura e fechamentos metonímicos e metafóricos. Com este envolvimento, emergiram outros modos de representar e brincar com a própria fala.

Portanto, com a fonoaudióloga, quando se aventura pelas duas instâncias ou instantes do olhar sobre a fala /escuta dos pais e da criança -, pelo tempo de compreender, pela leitura incessante de ler e confrontar com o vivido e com as discussões com colegas, pelos arranjos e rearranjos da escrita destas falas/escutas:

8) Em F. temos a fala da Fonoaudióloga e em C. a fala da criança durante uma sessão, na qual brincam com a linguagem:

- (1) C.: *Ai, ai, ai, ai.*
- (2) F.: *Até parece a bruxa!*
- (3) C.: *Não!*
- (4) F.: *Não é a bruxa, então quem é?*
- (5) C.: *urárará (gritos)*
- (6) F.: *É o macaco?*
- (7) C.: *Ééé...*
- (8) F.: *Ah, então urárará é o macaco! E é um macaco bravo!*
- (7) C.: *Hum, hum (descendente)*
- (8) F.: *Ah, então você é um macaco do mal?*
- (9) C.: *Ééé (descendente)*
- (10) F.: *É do mal? Nossa!*
- (11) C.: *iiiiiiiiii póh póh póh puah*
- (12) F.: *Ai, ai ai, estou queimando, estou ferida!*

[silêncio]

- (13) F.: *Qual é o poder do seu macaco do mal?*
- (14) C.: *Inrá Inrá di fo! (gritando)*
- (15) F.: *Ah, o seu poder é o da bola di fogo! Socorrooooo ... vou me queimar, aaai tá duendu, di novu!*
- (16) C.: *Rememe de robô... i:e:é!*
- (17) F.: *Rememé ieé! Agora você quer me dar remédio, eu não tomo o remédio do robô! Não quero a sua ajuda! Eu não tenho mais medo do seu super mega robô macaco, porque agora eu tenho um tigrão para me defender! Ele tem o poder de curar as queimaduras do da bola di fogo! .*
- (18) C.: *Não!*
- (19) F.: *Tenho sim, um tigre!*
- (20) C.: *Idaídaqui.*
- (21) F.: *Agora, você quer ser o tigre, né!*

Na fala da criança em (1) observa-se a sucessão sonora da vocalização num jogo opositivo entre *a* e *i*, isto é, o nível elementar do traço fonemático que se dá a ver na fala. Para que em (2), a fala da fonoaudióloga repercute no nível da cadeia da mensagem, esta aliena a fala da criança à sanção no nível dialogal. Em (5) a fala da criança novamente insiste na sucessão sonora. Com isso, em (8) a fala da fonoaudióloga incide no retorno à estrutura de sucessão sonora e avança para a mensagem invertendo-a – *urárará* – que se transforma em *macaco*.

O trabalho de Pavone & Rubino (2003) se constitui por relatos clínicos dos atendimentos fonoaudiológicos e psicanalíticos a uma criança autista, cujo foco “*é a emergência e os desdobramentos da leitura e da escrita nesse sujeito*” (*Op. Cit.*, p. 68). Aqui teceremos apenas as considerações referentes

ao atendimento fonoaudiológico, uma vez que, apesar das considerações psicanalíticas serem de suma importância ao caso, é na escrita do caso pela fonoaudióloga que emerge o lugar da sanção na fala dos pais e na determinação da posição da fala e da escrita na criança no discurso parental.

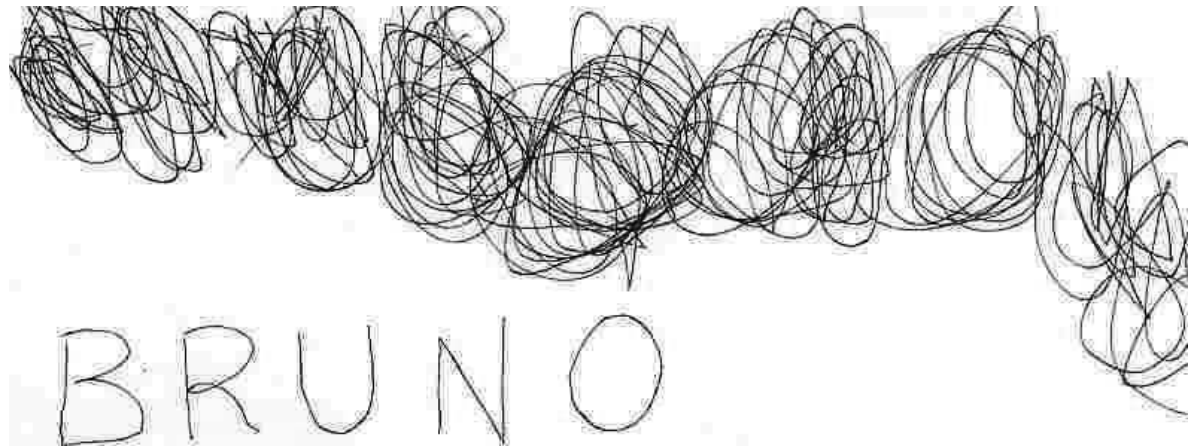
Pode-se dizer que tanto as falas quanto a escrita assumem o lugar de não reconhecimento de um sujeito falante e escrevente na sanção homologada pelos pais no seguinte trecho:

*“Bruno já atende e entende a fala dos outros. Mas não fala. A mãe relata que a professora não está conseguindo alfabetizá-lo, nem conseguindo fazer nada com ele. Segundo o pai, a professora teria dito que ele não faz nada, ‘só rabiscos’. O pai acrescenta, neste momento, que ‘Bruno sabe os números’. A mãe diz: ‘Mas ele não escreve nada ainda, nem sabe ler’. Ela prossegue dizendo: Eu queria que ele falasse, para ele poder estudar” (Op. Cit.,p. 79).*

Observamos no relato acima tecido pelos pais sobre a fala e a escrita de Bruno, que o lugar da sanção dos pais é estabelecido no que diz respeito à fala da criança no lugar de quem não fala e ainda que não fala para os outros.

Um recorte de escrita é apresentado no artigo das autoras, durante uma das sessões de avaliação fonoaudiológica:

(9) A escrita de Bruno:



*“num primeiro momento, os traçados de Bruno são quase sempre circulares. Seu gesto custa a se interromper, de maneira que essas formas assemelham-se a “novelinhos” (são quase “pre-enchidas” por dentro). Um outra observação importante em relação à produção de Bruno é que esses traçados sempre se dispõem em uma série. Ou seja, ele não produz um ‘novelinho’, mas uma seqüência deles. Vejo aí um outro indício de que se trata de uma criança de algum modo capturada pela escrita” (Op. Cit., p. 80-81).*

Em suma, podemos dizer que a articulação do lugar do sujeito no campo da sanção do Outro é uma posição que permite inicialmente explicar porque uma fala e uma escrita são lidas como sintomáticas pelos pais; e por outro lado, pela fala da Fonoaudióloga há uma aposta e reconhecimento de um sujeito que escreve, submetido às leis de funcionamento interno da linguagem. A diferença entre as falas e o lugar que estas ocupam – dos pais e a da fonoaudióloga – é fundamental para o trabalho terapêutico, uma vez que a fonoaudióloga ocupa o lugar do Outro que reconhece aquele que escreve e lê. Certamente, a escrita de Bruno aparece numa estrutura elementar de

linguagem, mas quando a sanção do Outro incide sobre as estruturas da escrita, da língua e da fala em outro lugar e tempo discursivo que resgata a fala e a escrita da criança, promove mudanças de direção das grades da linguagem.

#### IV. Estrutura da Língua:

##### **Refratário à sanção do Outro: negação ou do sujeito ou do significante:**

O substantivo feminino **refração** etimologicamente originou-se do latim medieval *refrāctiō* que significa *ato ou efeito de refratar (-se)*, na física diz-se da *modificação da forma ou da direção de uma onda que, passando através de uma interface que **separa** dois meios, tem, em cada um deles, diferentes velocidades de propagação* (Cunha, 1986). Um exemplo de material refratário é o cimento, utilizado como revestimento de caldeiras de usinas de aço, que serve para separar o aço derretido de um lado e a própria caldeira de aço sólido do outro.

A separação de que se trata no estrato da língua funda-se na **divisão do sujeito e o Outro**, de maneira que o movimento metonímico da língua na sintaxe dos efeitos sintomáticos marca a grade de funcionamento da linguagem.

A língua em sua usura adquire o valor de buraco, falta, nas palavras de Vorcaro (2004): *“a língua como não toda, ou seja, considera que a língua é habitada por falhas”* (Op. Cit., p. 58).

Esta falta que faz função da língua, na acepção lacaniana, gravita em torno da noção de significante e sujeito, dessa maneira:

*“o que essa estrutura da cadeia significante revela é a possibilidade que eu tenho, justamente na medida em que sua língua me é comum com outros sujeitos, isto é, em que essa língua existe, de me servir dela para expressar algo completamente diferente do que ela diz. Função mais digna de ser enfatizada na fala que a de disfarçar o pensamento (quase sempre indefinível) do sujeito: a saber, a de indicar o lugar do sujeito na busca da verdade”* (Lacan, 1998[1966], p. 508).

A explicitação acerca das leis das cadeias significantes aponta ser no nível da combinação que situa-se a dimensão de valor, uma vez que essa dimensão consiste na *“função propriamente significante”* (Idem), ou seja, pela maneira assumida por um significante no que ele se relaciona com outro significante na continuidade da cadeia. A partir dessa relação, há um jogo em que o tomar o significante num certo contexto com o sentido que ele tem em outro, permite uma combinação entre os contextos e os empregos, entendida pela cadeia metonímica.

Nesse modo, o exemplo dado para explicar no que se debruça a metonímia vem de *“onde se vê que a ligação do navio com vela não está em outro lugar senão no significante, é que é no de palavra em palavra dessa conexão que se apóia a metonímia”* (Op. Cit., p. 509).

A função metonímica foi descrita por Freud na obra *“A interpretação dos sonhos”* (2001[1900]) como um dos processos de funcionamento do inconsciente, assim Lacan (1998[1966]), nos diz que:



*“a Entstellung, traduzida por transposição, onde Freud mostra a precondição geral da função do sonho, é o que designamos anteriormente com Saussure, como o deslizamento do significante sob o significante, sempre em ação (inconsciente, note-se) no discurso” (Op. Cit., p. 514).*

Sendo assim, a cadeia metonímica é aquela que permite que o menor nível da constituição de uma rede significante seja articulado em uma sucessão combinatória.

A simbolização da estrutura metonímica é representada por Lacan (1998[1966]) pelo seguinte esquema:

$$f (S...S') S'' \cong S (-) s$$

*“a estrutura metonímica, indicando que é a conexão do significante com o significado que permite a elisão mediante a qual o significante instala a falta do ser na relação de objeto, servindo-se do valor de envio da significação para investi-la com o desejo visando essa falta que ele sustenta. O sinal -, colocado entre ( ), manifesta aqui a manutenção da barra -, que marca no primeiro algoritmo a irredutibilidade em que se constitui, nas relações do significante com o significado, a resistência da significação” (Op. Cit., p. 519).*

Por essa via, podemos destacar que a primeira vertente ou função significante diz-se do campo metonímico, lugar em que o sujeito alça o sentido.

Com efeito, é a partir dessa sucessão combinatória que surge a relação de substituição, uma vez que é:

*“... pelo jogo da substituição de um significante por outro num lugar determinado, que se cria a possibilidade não apenas de desenvolvimentos do significante, mas também de surgimentos de sentido sempre novos, que vêm sempre contribuir para aprimorar, complicar, confundir, aprofundar, dar sentido de profundidade àquilo que, no real, não passa de pura opacidade”* (Lacan, 1999[1956-57], p. 35)

A estrutura metafórica é a segunda função significante que está fadada à “conjunção de dois significantes” (Lacan, 1998[1966]), p. 510). Em outros termos, *“ela brota entre dois significantes dos quais um substitui o outro, assumindo o seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia”* (Idem). Aqui trata-se de *“uma palavra por outra”* (Idem).

Diante disso, pode-se averiguar que a substituição é a via onde se instaura o ato da metáfora. Essa via *“preside não apenas à criação e à evolução da língua, mas a evolução e a criação do sentido (...) no qual o sujeito se inclui...”* (Lacan, 1999[1956-57], p. 37).

Não obstante, no processo de condensação dos sonhos foi observado que *“a Verdichtung, a condensação, é a estrutura de superposição dos significantes em que ganha campo a metáfora, e cujo nome, por condensar em si mesmo a Dichtung, indica a conaturalidade desse mecanismo com a poesia”* (Lacan, 1998[1966], p. 515).

Por essa via, a esquematização da função metafórica foi escrita por Lacan (Op. Cit., p. 519), na fórmula seguinte:

$$f \left( \frac{S'}{S} \right) S'' \cong S (+) s$$

*“a estrutura metafórica, que indica que é na substituição do significante pelo significante que se produz um efeito de significação que é de poesia ou criação, ou, em outras palavras, do advento da significação em questão. O sinal +, colocado entre ( ), manifesta aqui a transposição da barra -, bem como o valor constitutivo dessa transposição para a emergência da significação” (Idem).*

Por essa via, o lugar que o sujeito ocupa na passagem do significante para o significado na metonímia e na metáfora (Dunker & Assati, 2001, p. 86) explica a “condição provisória” da posição do sujeito, uma vez que:

*“esse jogo significante da metonímia e da metáfora, incluindo sua ponta ativa que fixa meu desejo numa recusa do significante ou da falta do ser e ata minha sorte à questão de meu destino, esse jogo é jogado, até que a partida seja suspensa, em seu inexorável requinte, ali onde não estou, porque ali não me posso situar” (Lacan, 1998[1966], p. 521).*

A recusa do significante e a falta do ser gravitam em torno da separação do sujeito e do significante, ou seja, da própria fala do sujeito e naquilo pelo quê ele encontra a via do retorno do *vel* da alienação na sanção do Outro. A presença ou a identificação com o Outro, “só pode ser

*compreendida num grau secundário da alteridade, que já o situa, a ele mesmo, numa posição de mediação em relação ao meu próprio desdobramento de mim comigo mesmo como também com o semelhante” (Op. Cit., p. 529).*

Aqui o desejo inconsciente é o discurso do Outro que aponta “o *para-almém em que se ata o reconhecimento do desejo ao desejo de reconhecimento*” (Idem).

No seminário 11 de Lacan (1998[1964]), encontramos a explicação que envolve a divisão do sujeito pela separação, para a superação do fantasma, que se dá no intervalo, ponto de falta, em que o sujeito retorna ao *vel* da alienação para efetuar o desaparecimento do desejo – afânise. É nesse ponto de falta que se constitui o desejo. A operação lógica da separação funciona por não reciprocidade e torção no retorno, uma vez que tem a função de recobrimento de duas faltas: a do sujeito e a do Outro. Este movimento pode ser um fator letal para a constituição dos sintomas na linguagem.

Diante disso, a recusa e a negação repousam sobre o juízo de existência ancorados pela oposição do sistema dual: ou o sujeito ou o significante, de um *vel* exclusivo que inverte o código em mensagem.

Na aquisição de linguagem, a refração diz do que acontece na fala da criança em sua relação com o funcionamento da língua, posição conhecida como do “erro”. Aqui a posição da criança frente à escuta da fala do outro e à sua própria fala é marcada pela impermeabilidade à correção pelo outro.

Nos sintomas de linguagem que emergem e se desdobram na fala do sujeito, ancorados pelo “erro” que marca a sua relação com língua, opera no

sujeito como reconhecimento de si mesmo como Outro. Em outros termos, a posição do “erro” pode ser redescrita em termos da – ou pela noção de sanção, de maneira que há reformulação, ou seja, o retorno invertido dele desde o Outro até o sujeito, uma vez que o erro é entendido:

*“...como indício de movimento e mudança. (...) tanto no que ele se apresenta como irregularidade inesperada quanto como regularização da exceção, antes para um movimento singular da língua na fala da criança em direção a uma organização/reorganização” (Lemos, 1995, p. 02).*

Na cadeia em que o sujeito é refratário à sanção do Outro, *“supõe-se um sujeito da ideologia, digamos, uma ilusão de sujeito promovida pelo sistema da língua” (Vorcaro, 2004, p. 58).*

A noção de negativismo e recusa deriva da idéia dos efeitos de rasura, apagamento e desaparecimento, pelo fato de que a posição escolhida pelo sujeito renuncia o eu. A negação envolvida percorre por vias de conservação problemática, pelos eixos metonímico e metafórico.

Pela via dos sintomas de linguagem, o sujeito também pode vir a se apresentar como refratário à sanção do Outro, no entanto, num sentido contrário, em que o negativismo ou recusa à escuta da fala do outro ou a sua própria fala determinariam a aparição de traços estruturais da ordem da fala e/ou da escrita, pois o funcionamento está fadado à uma escolha e uma renuncia: ou o sujeito ou o significante.

E ainda, pensamos que nesse nível da emergência dos sintomas de linguagem pela estrutura da língua, o sujeito pode não enfrentar a questão da escolha, pois só escuta a língua e recusa e nega a escuta para a fala do outro e/ou para a sua própria fala. O lugar que o sujeito ocupa é o funcionamento da língua e nesse lugar não há espaço para a escuta da fala, seja de si ou do Outro.

Em contrapartida, podemos estabelecer que a partir da relação do sujeito com o código, a sanção pode funcionar como reconhecimento **ou** do sujeito **ou** do significante. Em outras palavras, trata-se dos diferentes tipos de relações da negação e recusa que incidem ou sobre o sujeito, ou no significante, ou no outro, ou no Outro.

Sob essa ótica, a primazia do sujeito seria sobre a sanção em que opera o ouvir, por exemplo, a gagueira, e negar a aquisição e, por outro lado, sob a primazia dos significantes em que a sanção é da ordem do ouvir a aquisição e negar a gagueira. Por essa via, encontramos a seguinte consideração na literatura do campo fonoaudiológico:

***“o adulto pode interpretar a fala da criança (...) como gaguejante. Prevalece neste caso, um discurso autoritário, que coloca a criança em uma relação de ordem de cima para baixo. Esse discurso é dominado pela ausência de reversibilidade: Fale direito! Respire Fundo! Pense antes de falar! Essa fala do adulto ao recusar sentido à fala que se presentifica por repetições, hesitações, silêncios e reformulações, distancia a criança da posição discursiva de reconhecimento ou de identificação com o erro”*** (Azevedo & Freire, 2001 ,p. 151, negritos nossos)

As autoras explicam no artigo “Trajetórias de silenciamento e aprisionamento na língua: o sujeito, a gagueira e o Outro” (Azevedo & Freire, 2001), que os efeitos da interpretação/sanção podem:

1) deslocar o sintoma na linguagem para outra instância de funcionamento da linguagem, lugar este da estrutura do corpo da fala, isto é, “o discurso do outro leva a criança a deslocar o erro para fora da esfera de sua fala, localizando-o em algum lugar do seu corpo ou mesmo nele todo” (Idem):

“o efeito da interpretação pode materializar-se no **silenciamento da criança ou na transformação da tensão** advinda desse silenciamento em movimentos como bater os pés, as mãos, movimentar a cabeça, contrair ou tensionar os órgãos fonoarticulatórios ou mesmo substituir palavras por outras tidas como mais fáceis” (Op. Cit., p. 151-152).

2) Recusar o significante na cadeia da fala: “as estratégias postergam a fala do sujeito para um depois” (Op. Cit., p. 152).

3) Sanção na cadeia da sintaxe: “o efeito da interpretação do outro é de deslocamento no eixo metonímico e não de sua substituição” (Idem).

4) Refratário à sanção: “de sujeito falante assemelhado ao outro, a criança depara-se com a diferença, a recusa ao assemelhamento” (Idem), a identificação com o campo do Outro.

Diante disto, recorreremos ao seguinte diálogo:

(10) Em (F) temos a fala da fonoaudióloga e em (L) a fala de Leonardo:

- (1) *L.: Eu tava no carro com mainha, né, e a gente tava perdido/perdido, né? Aí, mainha falou/falou assim: pergunta aí pra alguém... Eu abri/abri/abri o vidro, né? Mas aí veio o freio/o freio, né, e eu falei: fala você...*
- (2) *F.: Me explica esse freio...*
- (3) *L.: Uma parada/parada, né? Parou, num vai... penso assim: num vai, num sai, parou!*
- (4) *F.: Sei. Num adianta tentar, que eu não vou conseguir falar...*
- (5) *L.: ... Freio/freio... Num falo, pára tudo. Mas tem também o freio pequeno...*
- (6) *F.: Ah, é? Como é que é o freio pequeno?*
- (7) *L.: Ah... aquele freio/freio/freio que prende só um pouco, que eu gaguejo, mas que eu consigo/consigo falar um pouco.*
- (8) *F.: Sei. Então, antes de cada momento de gagueira, tem um freio pequenininho, que faz você ver que o que você vai falar, vai sair com gagueira...*
- (9) *L.: Vai sair aos pedaços.*
- (10) *F.: Vai sair partida.*
- (11) *L.: Mas o freio grande é muito pior/muito pior, porque não sai mesmo. Eu nem vi a pessoa/a pessoa. Veio o freio e eu ia conseguir/conseguir mesmo.*

Em (1) observa-se a alternatividade do jogo presença e ausência do sujeito e do sentido. Em (2) a sanção da fala da fonoaudióloga incide sobre o plano metonímico que em (3) ocorre o processo de substituição e reconhecimento do sujeito e a negação do sentido, instauração da metáfora enquanto sanção de negação. Por essa via, em (4) a fala opera no mesmo eixo que a fala do sujeito. A insistência no retorno é fundante em (5), retorno este refratário que permite novas conjunções significantes em favor do pareamento metonímico em (7) que possibilita em (9) novas criações de sentido. No



entanto, em (11) retornam os percalços pela separação do sujeito e do significante, na proposição da primazia ou do significante ou do Outro.

Outro ponto significativo é o da primazia do Outro em que a sanção incide no reconhecimento para o erro e na recusa para a aquisição ou ainda, na escuta para a aquisição e não reconhecimento do erro, que diria a respeito à primazia do outro.

A hipótese é a de que não há reversibilidade entre metáfora e metonímia nos efeitos dos sintomas de linguagem em 1) no caso da substituição de casa por “sachassa” e em 2) na refração negativa: baiata.

1) Certa vez, uma cena textual inaugurou a sessão, com o dito do sujeito: - *Meu pai é bêbado*. Ao questionamento do fonoaudiólogo: - *Bêbado?* Exclamou: - *ele bebe sachaça*.

*Meu pai é um bêbado* é ruído, pois ali onde a fala falha, SACHAÇA, é que pode se assentar a escuta do fonoaudiólogo para a lógica que governa os efeitos dos sintomas de linguagem na estrutura da língua. Sachaça, o que é isso? Será cachaça, um erro ou uma marca na grade da linguagem do sujeito? É uma marca do estrato da língua no sujeito, uma vez que ai é possível reconhecermos o mecanismo metonímico de reversibilidade na sucessão combinatória. A fim de dar visibilidade à lógica significante que comanda tal funcionamento, esta pode ser esquematicamente apresentada, onde primeiro se inscreve, casa e, abaixo, caixa. Sob a ótica fonética são heteromófonos sa/cha/za, no entanto, sob a sintaxe é na homofonia sa/xa que se condensa e no intervalo entre os dois, surge sachassa. Vejamos o esquema:.

caixa

casa

---

Sachassa

Com efeito, também podemos vislumbrar a partir das duas cadeias, do discurso e dos significantes, desdobrar-se a cadeia da mensagem.

1º ) CASA → **cadeia do discurso**

2º ) CAIXA → **cadeia dos significantes**

3º ) SACHAÇA → **cadeia da mensagem**

2) Um outro exemplo dos efeitos da estrutura da língua na fala, o estranhamento como sanção do Outro sobre a fala da criança reside na confirmação da negação, em que conserva o valor da mensagem em não se reconhecer no lugar do significante, vejamos:

(12) Em C. a fala da criança e em F. a fala da fonoaudióloga.

(1) C.: *Baiata.*

(2) F.: *Baiata?*

(3) C.: *Não! Baa::iii::aa:::ta*

(4) F.: *Ah, você está querendo me dizer que tem medo da barata?*

(5) C.: *Éé ... da baiata!*

Neste episódio, podemos observar os efeitos do funcionamento do eixo da língua como a falta do significante pela oposição – i e r -, num movimento de falha na combinação dos elementos na cadeia metonímica, que insiste em uma sanção refratária na fala da fonoaudióloga em (2), que se repercute em (3) na negação com conservação dos significantes “problemáticos” na fala da criança, que em (4) marca a sanção no nível da mensagem e não mais no nível elementar do significante, na qual a fonoaudióloga abre a cadeia metonímica e promove a inversão do significante, que em (5) provoca na fala da criança a oposição da negação com a afirmação.

## V. Estrutura da fala:

*“Mesmo que não comunique nada o discurso representa a existência da comunicação; mesmo que negue a evidência, ele afirma que a fala constitui a verdade; mesmo que se destine a enganar, ele especula com a fé no testemunho”.*  
(Lacan, 1998[1966], p. 253).

## Reformulação: sanção como reconhecimento no significante e no sujeito

A estrutura da fala se dá na alteridade, isto é, no encontro do sujeito com o Outro, uma vez que, **“falar é antes de mais nada falar a outros”** (Lacan, 2002[1955], p.47, negritos nossos). Saussure (2003[1916]) diz que a fala pertence a um circuito que *“supõe pelo menos dois indivíduos”* (Op. Cit., p. 19). A fala na concepção saussureana é individual e se define pela atividade do uso do código da língua, isto é, se dá nas correspondências entre o significante

e o significado pelos sujeitos que falam (Saussure, 2003[1916]). Assim Ducrot & Todorov (1972), afirmam que Saussure emprega a fala enquanto:

*“a organização dos signos em frases, e à combinação de seus sentidos para constituírem um sentido global da frase, seria necessário na medida em que elas implicam uma atividade intelectual, atribuí-las à fala, ao emprego da língua” (Op. Cit., p. 120).*

Podemos dizer que este circuito da fala consiste naquele que fala e naquele que escuta: *“daquele que fala e se faz ouvir”* (Lacan, 2002[1955], p. 19). Por essa via, entra em cena por um lado, quem diz, como diz, para que diz, de que posição diz e, por outro, quem escuta, como escuta, para que escuta, de que posição escuta, nas palavras de Lacan: *“em sua função simbolizadora, ela não faz nada menos do que transformar o sujeito a quem se dirige, através da ligação que estabelece com aquele que a emite, ou seja: introduzir um efeito de significante”* (Lacan, 1998[1966]), p. 297).

A fala ou as ligações dos significantes fundam a posição que o sujeito ocupa nas cadeias do discurso perante outros sujeitos. O Outro vem significar o que pertence à fala em tudo aquilo que comporta as duas dimensões: a da conjunção significante, bem como aquela que realiza a sanção, o corte ao que se fala/ escuta: *“não há falas sem respostas, mesmo que depare apenas com o silêncio, desde que ela tenha um ouvinte”* (Lacan, 1998[1966], p. 249). Por essa via, podemos dizer que existem pelo menos dois tipos de sanção pela via do silêncio que operam no par - falante e escutante, o primeiro tipo é aquele do

reconhecimento no significante e no sujeito, já o segundo tipo de sanção se caracteriza pela reformulação.

É a partir da estrutura de diálogo que a fala comporta que *“permite ao sujeito sustentar-se”* (Lacan, 2002[1955], p. 15). Por essa via, Lacan destaca dois tipos de fala: 1) a fala plena, que adquire o seu *“valor de transferência”* (Lacan, 1998[1966], p. 383), se define *“por sua identidade com aquilo que se fala”* (Idem) e, se constitui pelo preenchimento *“pelo ser do sujeito”* (Lacan, 2002[1955], p. 13). 2) Por outro lado, há a fala vazia ou palavra vazia que reside no *“discurso vazio que burburinha por sobre os atos humanos”* (Idem). Dessa maneira, *“o Outro é portanto o lugar onde se constitui o eu que fala com aquele que ouve”* (Lacan, 1998[1966], p. 308). Por essa via, a função do sujeito e a do Outro se constituem na estrutura dialogal:

***“o que busco na fala é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é a minha pergunta. Para me fazer reconhecer pelo outro, só profiro aquilo que foi com vistas ao que será. Para encontrá-lo, chamo-o por um nome que ele deve assumir ou recusar para me responder”***(Op. Cit., p. 207, negritos nossos).

Nesse sentido, a estrutura da fala permite a alternabilidade e reversibilidade entre os lugares do *eu*, do *tu*, do *ele* e de *nós*, no que confere ao lugar do falante e do escutante, da sanção, do significante, da metáfora e da metonímia em direção à constituição da mensagem, pelo jogo primitivo da presença-ausência, pois: *“pela palavra, que já é uma presença feita de*

*ausência, a ausência mesma vem a se nomear em um momento original” (Op. Cit., p. 277).*

Não obstante, *“a fala, mesmo no auge de sua usura, preserva seu valor de tésseira” (Op. Cit., p. 253)*, isto é, de um funcionamento multiestratificado na forma de grades que realizam arranjos e rearranjos enigmáticos, assim é pelo conjunto das marcas na entretela do discurso-diálogo nos seus interestratos ou ainda, *“pela intersubjetividade do “nós” que ela assume que se mede numa linguagem seu valor de fala” (Op. Cit., p. 300).*

Quanto ao tempo da estrutura da fala:

*“asserção subjetiva, ou seja, nela, o sujeito lógico não é outro senão a forma pessoal do sujeito do conhecimento, aquele que só pode ser exprimido por [eu]. Em outras palavras, o juízo que conclui o sofisma só pode ser cortado pelo sujeito que formou a asserção sobre si, e não pode ser-lhe imputado sem reservas por nenhum outro – ao contrário das relações do sujeito impessoal e indefinido recíproco dos dois primeiros momentos, que são essencialmente transitivos, já que o sujeito pessoal do movimento lógico os assume em cada um desses momentos... Introduce a forma do outro como tal, isto é como pura reciprocidade, porquanto um só se reconhece no outro e só descobre o atributo que é seu na equivalência do tempo próprio de ambos. O [eu], sujeito da asserção conclusiva isola-se por uma cadência de tempo lógico do outro, isto é, da relação de reciprocidade (...) o [eu] de que se trata aqui define-se pela subjetivação de uma concorrência com o outro na função do tempo lógico” (Op. Cit., p. 207-208).*

Quanto à noção de escuta, Lacan (1998[1966]) afirma que é “*para-  
além do discurso que se acomoda nossa escuta...*” (Idem), pelo fato de que: “*a  
propriedade que tem a fala de fazer ouvir o que ela não diz*” (Idem) *implica na  
noção de como o sujeito recebe sua própria mensagem - invertida, simétrica do  
Outro*. O autor insiste na diferença entre *ouvir* e *auscultar*, termos que  
adquirem, respectivamente, o sentido de escutar (reconhecer/interpretar) e de  
perceber (a tensão, a resistência, a palidez...). Outra referência sobre o termo  
escuta encontra-se com Barthes (1990) ao afirmar que ouvir é um fenômeno  
fisiológico distinto de escutar. O propósito da escuta é não se focar apenas no  
dito, mas no que o falante não diz, ou seja, algo que subjaz ao que é  
enunciado. Encontra-se a razão de defender uma escuta flutuante à fala.

Pelo exposto, podemos afirmar que a estrutura da fala está para além  
do movimento articulatório da língua, dos lábios e das bochechas, mas  
pertence a uma cadeia articulada, ou seja, um jogo de palavras entre fala e  
escuta enlaçado pela combinação da sintaxe e dos efeitos de sentidos que  
ocupam o movimento do discurso/diálogo.

A posição de interpretar a fala do Outro, faz com que o intérprete  
sancione essa fala de uma determinada maneira. Isto quer dizer que o  
intérprete de uma fala, quando posicionado no lugar do Outro, pode escutar e  
ver a fala e afirmar que é uma fala, como pode não escutar e não ver a fala e  
confirmar que a fala não existe, como pode vislumbrar um funcionamento  
sintomático que pode tanto barrar a emergência significante nas cadeias da  
sintaxe e dos sentidos como, ainda, possibilitar a mudança de posição  
discursiva do sujeito em relação à fala, à língua e à fala do Outro.

“...mensagem é incongruente, no sentido de não ser aceitável, de não estar no código...” (Lacan, 1999[1956-57], p. 27)

Esquemáticamente, o discurso funciona em três tempos. O primeiro tempo, diz respeito ao esboço da mensagem, no qual o discurso se inicia no Outro e vem refletir-se no próprio sujeito, isto quer dizer que a primeira via do discurso é a da mensagem ao código. Num segundo momento, surge a cadeia significante em que a mensagem retorna ao Outro, ou seja, é a linha do retorno – do código à mensagem. Frente a esse jogo constitui-se o terceiro tempo, onde as duas cadeias se encontram e convergem para a criação de sentido da mensagem.

Define-se: “A mensagem se produz num certo nível da produção significante, que ela se diferencia e se distingue do código, e que assume, por essa distinção e essa diferença, um valor de mensagem. A mensagem reside em sua diferença para com o código” (Lacan, 1999[1956-57], p.28). Isto quer dizer que a mensagem é uma rede que se discrimina pela via do retorno, num movimento de vai e vem do código para a mensagem e da mensagem para o código. Assim, é a partir da retroação das duas cadeias, a do discurso e a do significante, que a mensagem é produzida.

A mensagem invertida pode ser vista a partir do retorno da mensagem com a diferença, sendo criados sentidos outros àquele enunciado, até mesmo contrários.



O exemplo que pode explicar o que seria a mensagem invertida, no texto “A Negação” é a seguinte: “*Você pergunta, quem pode ser essa pessoa no sonho. A mãe não é. Nós retificamos: Então é a mãe* (Freud, 2001[1925], p. 9). Diante disso, pode-se observar que é pela via do retorno ao não que se pode dizer o sim. Ainda, quando a mãe diz: “você é minha filha” esta a significa como sua mãe.

Pensamos que, nesse outro nível, a negação é manifestadamente conservada na sanção no Outro ou na sanção no sujeito. Nesse sentido, a reversibilidade metáfora-metonímia.

Diante disso, podemos considerar que na articulação significante presentificada no discurso do sujeito é criada a trama própria à estrutura da linguagem, ou seja, que há disposição em forma de trama, de entrecruzamento, com linhas que se associam, em sentido vertical e horizontal, resultando na criação da mensagem.

No entanto, anterior ao movimento do *sujeito receber sua própria mensagem invertida do outro*, é fundamental que o sujeito tenha sido capturado pelo campo do Outro e se separado desse campo.

Sob a psicanálise lacaniana, seria a torção do vel da alienação, ou seja, a separação do sujeito do campo do Outro, no qual a diferença entre o sujeito e o Outro, se dá pelo sujeito se posicionar como emissor que recebe sua própria mensagem de forma invertida, ou seja, uma resposta divergente, uma resposta outra.

Pela via dos sintomas de linguagem, é da estratificação do sujeito quando já se ocupa da escuta para o funcionamento da língua, da fala do outro e da fala, que emerge a separação ou falta que poderia ser vista como efeito sintomático. Mesmo que o sujeito reformule, retome, escute, ressignifique, há o traço que não pode ser apagado ou negado, indiciando sua história pelo percurso de falante. Cabe, neste momento, esclarecer o lugar dos sintomas de linguagem, nesta pesquisa, uma vez que *“se o sintoma encontra-se na mesma situação da fala e da linguagem (...) traços diagnósticos estruturais devem ser extraídos deste registro de fala”* (Dor, 1991, p. 30).

Para análise do caso que aqui será trazido, um sujeito afásico, o Sr. N., em um processo de rememoração da sua fala, nos disse que em meados do verão a meados do outono, “perdera” a fala após um Acidente Vascular Cerebral.

Em outros termos, consideramos a associação AVC/dissolução da fala enquanto o rompimento do sujeito com a função e o campo da fala, isto é, na emergência de um buraco na sua condição de falante e escutante que passou a operar na grade da linguagem em uma outra ordem de funcionamento e instaurou outras posições corporais, discursivas e subjetiva, aos 61 anos de idade.

Esta consideração vai contra as idéias localizacionistas, uma vez que a hipótese que formulamos a partir da releitura de Freud (1996[1886]), é que o mecanismo do sintoma na linguagem do sujeito afásico tenha-se formado por uma lógica estrutural chamada de multiestratificação: a fala sintomática presente sob a forma de traços, simultaneamente, das ordens dos estratos da

língua, da díade e do sujeito, estaria a fala sintomática submetida, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias – corporais, discursivas e subjetivas. Dessa maneira, se a fala sintomática do sujeito afásico encadeou uma outra ordem de funcionamento da linguagem que se desdobra em vários tempos; é registrada em diferentes posições e direções, a partir das relações com as cadeias da sintaxe e dos sentidos, do sujeito e do Outro e que o fonoaudiólogo é submetido e lançado a pontuar, interpretar, ler e a reescrever as ligações significantes também em diferentes tempos e posições.

Com isso, em um primeiro momento, podemos dizer que a primeira marca sintomática que emergiu na grade diz respeito ao estrato da estrutura da escrita, de maneira que entrou em cena o silenciamento perturbador, conhecido tradicionalmente como mutismo que, em outros termos, o aliena ao Outro, não se reconhece enquanto sujeito, recusa as operações metafórica e metonímica e não possibilita a travessia pela ressignificação da inversão da mensagem. Isto quer dizer que, de falante o Sr.N. passou a ser falado pelo Outro. Parece que a recaptura ou novas organizações da linguagem tenham precisado, nesse tempo, de um espaço marcado pelo silêncio.

Lacan (1998[1966]) acerca da ausência de fala: “*manifesta-se pelas estereotípias de um discurso em que o sujeito, pode-se dizer, é mais falado do que fala: ali reconhecemos os símbolos do inconsciente sob formas petrificadas...*”

No segundo momento, o da imersão das cadeias discursivas na aposta do sujeito-falante; restos de fala emergem na teia significativa, segundo novos

nexos lingüísticos, para recriar a estrutura da teia e poder lançar outros modos de ser na linguagem. No entanto, os fragmentos da fala marcam outros sintomas na linguagem que se ancoram na lógica do traço e da língua. Isto quer dizer que a insistência da cadeia discursiva sobre o Sr.N., gravita em torno das “*operações do sujeito em sua dependência significativa ao lugar do Outro*” (Lacan, 1998[1964], p.196). Com isso, podemos dizer que os efeitos da problemática na estrutura dialogal emergem nos eixos da escrita e da língua.

No caso em tela, os erros, falhas, enganos, equívocos que a fala faz na língua e na escrita serão entendidos como formas de entrever o sujeito em seu funcionamento lingüístico discursivo.

Para exemplificar, o funcionamento do sintoma na linguagem do Sr. N., e as posições ocupadas pelo clínico e pelo sujeito, apresentaremos um fragmento:

(13) de uma cena em que a Fonoaudióloga (F) e o Sr. N. conversam sobre um livro de animais:

- (1) F.: *Como chama esse passarinho aí?*
- (2) Sr.N.: *Nu sei, é, num sei, como chama esse.*
- (3) F.: *Aqui tá dizendo que chama **pica-pau**.*
- (4) Sr.N.: *Isso, aquele que joga **tó-tó-tó-tó, to-tó-tó-tó**, é, **passarinho**, esse, (S.I.), ganta esse aqui.*

A primeira questão que podemos levantar é a sanção à fala do Sr.N. realizada pela fala da fonoaudióloga, que incide sobre a relação pergunta-resposta: “*Como chama esse passarinho aí?*”, ou seja, uma sanção da linha da interrogatividade, que faz transbordar o sintoma – anomia – em que o traço

apaga a coisa, que é a recusa por abolição: “*Nu sei, num sei, como chama esse*”, isto quer dizer que um dos sintomas que se manifesta na fala do Sr. N. é o da ordem do juízo de atribuição – isso se chama X – apontado por Lacan (1998[1966]) quando, sobre a questão do nome próprio que incide sobre o termo do circuito pergunta-resposta que entra em operação, afirma “*a função decisiva de minha própria resposta e que não é apenas, como se diz, a de ser aceita pelo sujeito como aprovação ou rejeição do seu discurso, mas realmente a de reconhecê-lo ou aboli-lo como sujeito*” (Op. Cit., p.301). A fala da Fonoaudióloga em (1) incide na fala do Sr.N. em (2) a rejeição à cadeia de substituição que, em (3) retorna e coloca no nível da cadeia da sintaxe e que possibilita em (4) que o Sr.N. deslize pelas duas cadeias, a da sintaxe e a dos sentidos.

Há outro ponto a discutir, no que diz respeito ao uso excessivo de dêiticos que são lançados: - “*Como chama **esse** passarinho **aí?***” e depois “*Nu sei, é, num sei, como chama **esse***” – e nas outras cadeias que comparecem - esse, aquilo, aqui, isso – a terapeuta opera no mesmo eixo do sintoma do Sr.N., ou seja, em que ambos escancaram uma relação pautada pela designação ostensiva, numa insistência significativa marcada pela indeterminação do designado.

(14) Continuação do diálogo:

- (4) Sr.N.: *Isso, aquele que joga **tó-tó-tó-tó, to-tó-tó-tó**, é, **passarinho**, esse, (S.I.), ganta esse aqui.*
- (5) F.: *Ele canta?*
- (6) Sr.N.: *Hum?*
- (7) F.: *Ele canta?*
- (8) Sr.N.: *Canta, fala, fala também, pequeno.*

- (9) F.: *Ele canta?*
- (10) Sr.N.: *Hum?*
- (11) F.: *Ele canta?*
- (12) Sr.N.: *Canta sim, pequeno esse aqui.*
- (13) F.: *Pequeno?*
- (14) Sr.N. *Ahn?*
- (15) F.: *Ele canta pequeno, seu Nelson?*

Este segmento nos mostra que a Fonoaudióloga fica presa à oposição fonemática do significante “ganta” - “canta” e aprisiona a mensagem numa circularidade que não faz laço na fala do Sr.N. Além disso, a insistência do indeterminativo – nos faz notar que seus efeitos fazem com que na fala do Sr.N. emerja o – Hum? Anh? – em uma súplica à Fonoaudióloga para que lance a sua fala no nível da mensagem, mas a “surdez” em cena da Fonoaudióloga não lhe permite posicionar-se em outro estrato discursivo. Este tipo de funcionamento pode ser explicado pela posição da sanção da fala da fonoaudióloga se manter no mesmo eixo dos sintomas na fala do Sr. N.

15) Recorte seguinte:

- (16) Sr.N.: *Não, grande é o grande mas é pequeno assim esse aqui ó esse aqui ó (aponta o pica-pau).*
- (17) F.: *É o mesmo.*
- (18) Sr.N.: *É, esse então, este aqui? (aponta o pica-pau).*
- (19) F.: *Este passarinho aqui?*
- (20) Sr.N.: ***É passa, para, passarapa, para. Pau. É.***
- (21) F.: *Ahn... pica-pau.*

Diante as falas do segmento 15, outras observações importantes devem ser colocadas além das apresentadas acima. A emergência sintomática na fala do Sr.N. em (16) das oposições grande e pequeno, sim e não e, por outro lado, a Fonoaudióloga quando faz da fala uma escrita observa que é preciso designar o que representa o -“aqui ó” - ou em (18) – Sr.N.: É, esse então, este aqui? - da fala do Sr.N., mas só o faz num momento fora da cena, lugar que pode abrir os parênteses e rearranjar a sua posição.

Em (20) – “**passa, para, passarapa, para. Pau.**”- o Sr.N. alinha as dimensões da sucessão sonora com a da substituição homofônica e padece por não alinhar as redes da sintaxe, justamente pelo fato de que as oposições sonoras e significantes estão aglutinadas – passarinho e pica-pau – numa espécie de homofonia sintática e semântica. O mesmo tipo de funcionamento insiste no segmento 4, vejamos:

16)

(22) F.: *Então fala, este passarinho aqui. (aponta o pica-pau).*

(23) Sr.N.: *Ahn? **Arapau, ara...***

(24) F.: *Pica-pau.*

(25) Sr.N.: ***Pi, picãu, pi, picáu. Pi, pi, picau.***

(26) F.: *Pica...*

(27) Sr.N.: ***Cau...***

(28) F.: *Pau.*

Assim, em:

*Arapau, ara*

*Pi, picãu, pi, picáu. Pi, pi, picau*

*Cau.*

a sucessão sonora e a decomposição significativa na fala do Sr.N. fazem com que a Fonoaudióloga sancione de maneira a reconhecer uma cadeia significativa nesta fala, no entanto, a fala da fonoaudióloga opera no mesmo eixo da fala do Sr. N., qual seja: o da sucessão sonora e da decomposição significativa, homofonia significativa, mensagem simétrica, sem reversibilidade.

A função sintomática neste caso é a de cobrir uma desarticulação na dimensão dialogal. Por isso, que os sintomas aparecem nos estratos da escrita e da língua.

Portanto, poderíamos dizer no que se refere ao funcionamento dos sintomas na linguagem do Sr.N, que os sintomas secundários no eixo da fala e da língua redundam na reaparição de estruturas próprias ao eixo da escrita, ou seja, um problema que se encontra no terceiro estrato dialogal gerando efeitos sintomáticos no primeiro e segundo estratos, escrita e língua, respectivamente.



## Considerações Finais:

---

A dissertação foi inaugurada com a entrada das descrições e explicações dos sintomas de linguagem, no capítulo “O *sintoma e a demanda clínica*”, com a finalidade de retomar as diferentes noções e usos clínicos de sintoma na Medicina, na Fonoaudiologia e na Psicanálise, para introduzir o remanejamento necessário à proposta aqui defendida, ou seja a da multiestratificação estrutural do funcionamento dos sintomas de linguagem, no campo fonoaudiológico.

Neste momento, retornamos às origens clínicas do emprego e do uso do sintoma nas raízes da clínica médica que contribuíram para os primeiros modos de descrever os sintomas de linguagem na clínica fonoaudiológica. Por essa via encontramos, nas descrições fonoaudiológicas, equívocos e falhas, em relação à raiz do sintoma de linguagem. Sob este foco, avistamos uma ordem densa de encruzilhadas teóricas, clínicas e metodológicas que inibem as fontes de luz e refletem a escuridão em que se assentam as descrições e classificações dos sintomas de linguagem que tomam por base uma fonoaudiologia assentada em paradigmas epistemológicos cartesianos e empiristas. Estes paradigmas projetam os sinais e sintomas em um perfil quantitativo referido à previsibilidade e apreendido pela via do signo derivado do olhar do clínico que, por homogeneização daquilo que vê, “limpa” aquilo que escuta das falas e dos falantes, inclusive da fala do fonoaudiólogo, para poder seguir a noção singela de linguagem e de sintoma pela via remissiva à doenças ou desordens como transtornos na comunicação de natureza orgânica,

comportamental, neurológica, lingüística, articulatória, cognitiva com fundamento nas descrições postuladas pelo CID-10 e pela plataforma DeCs/MeSH.

No entanto, avistamos outros eixos de luz que iluminavam um caminho em direção ao redimensionamento dos sintomas de linguagem, dos quais destacamos a escuta para a fala sob a luz da subjetividade, do imprevisível, do heterogêneo e da qualidade de uma fala. As conceituações e diferenciações tecidas acerca da esfera dos sintomas nos mostraram que as funções significantes da metáfora e metonímia na escrita da letra constitutiva do psiquismo sob os modos de entrada/efeitos da metáfora paterna e do jogo entre o desejo e o Outro são determinantes para o delineamento da noção de sujeito que está em jogo em nossa proposta. A noção de nó que enlaça as dimensões do sujeito – real/simbólico/imaginário - é útil quando articulada à concepção de sanção como o que determina/homologa o lugar dos sintomas de linguagem na fala da criança, do adulto e do fonoaudiólogo, além de servir de laço com as estruturas da escrita, da língua, e da fala.

No capítulo “*Sanção: termos, empregos e acepções*” foram descritos alguns tipos de sanção por meio do alçamento das seguintes noções: ausência e presença, reconhecimento, recusa, negação e juízo ancorados por uma espécie de valor. De sua análise foram deduzidos os elementos que deram sustentação, em momento posterior, à proposta de multiestratificação do funcionamento dos sintomas de linguagem.

Por outro lado, a visita à “*Estratificação: conceitos e implicações*” nos permitiu situar as noções de tempo e valor lógico, simultaneidade e

sucessividade entre os estratos e interestratos, com fundamento nos traços insistentes de contradição, oposição e diferenças que comparecem em cada estrato, das leis sintagmáticas e paradigmáticas que pertencem à qualquer tipo de estrutura.

No capítulo *“Multiestratificação estrutural dos sintomas de linguagem”*, pudemos apresentar os traços que constituiriam cada estrato da estrutura de funcionamento dos sintomas, ligados simultaneamente à três eixos verticais: do sujeito, da sanção do Outro e dos processos metafórico e metonímico, articulados aos três eixos horizontais da linguagem: a escrita, a língua e a fala.

Parece que o sintoma pertence à uma grade de estratos e interestratos como uma forma de adesão do sujeito à tela da linguagem.

O sintoma de linguagem veicula o lugar da fala/escuta do sujeito em relação à fala a escuta do Outro e os efeitos desta relação determinariam a constituição do sintoma de linguagem.

A interpretação dos sintomas de linguagem alça o seu estatuto na sanção das entretelas da fala da criança/adulto e da fala do Outro/fonoaudiólogo que, nos múltiplos estratos, nos dariam outros modos de explicar e interpretar os sintomas de linguagem.

Esquemáticamente, a grade diagnóstica poderia ser escrita da seguinte maneira:

**Estrutura da escrita** = repetição primária - alienação na sanção do Outro – lógica do traço/significante – juízo de atribuição – negação por

abolição.

**Estrutura da língua** = refratário á sanção do Outro – sanção como reconhecimento ou negação ou do sujeito ou do significante - lógica do código versus mensagem – juízo de existência – negação por oposição.

**Estrutura da fala** = reformulação – sanção como reconhecimento no sujeito e no significante – lógica dialógica – juízo “desejante” - negação por conservação.

A lógica desta grade é que os sintomas que se apresentam num estrato estariam ligados à um problema estrutural de outro estrato; dito de outro modo, pensamos que:

a) os sintomas primários no eixo da fala redundam na reaparição de estruturas próprias ao eixo da língua;

b) os sintomas primários no eixo da língua redundam na reaparição de estruturas próprias ao eixo da fala;

c) sintomas secundários no eixo da fala e da língua redundam na reaparição de estruturas próprias ao eixo da escrita.

Esta pesquisa introduz a hipótese de multiestratificação dos sintomas de linguagem na clínica fonoaudiológica, possibilitando a constituição preliminar do que poderá vir a ser uma proposta de quadros e tipos clínicos, cabendo aos pesquisadores e fonoaudiólogos analisarem e verificarem sua pertinência ou, ainda, refutarem a sua viabilidade.

## Referências Bibliográficas:

---

**Albano, Levit, & Gardner.** (2006). *“Glosario Lacaniano”*. Buenos Aires, Argentina: Editorial Quadrata.

**Allouch, J.** (1994). *“Letra a letra: Transcrever, Traduzir, Transliterar”*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora.

**Amoroso, M. & Freire, R. M.** (2001). *“Os sentidos do sintoma de linguagem na clínica fonoaudiológica”* In: Maria Consuelo Passos. (Org.). *A clínica fonoaudiológica em questão*. São Paulo: Plexus, 2001, p. 13-30.

**Andrade, C.R.F.** (1997). *“Prevalência das desordens idiopáticas da fala e da linguagem em crianças de um a onze anos de idade”*. *Rev. Saúde Pública*, out., vol.31, n. 5, p. 495-501.

**Arantes, L.** (2001). *“Diagnóstico e clínica de linguagem”*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – Lael. PUC-SP.

\_\_\_\_\_. (1994). *“O fonoaudiólogo, este aprendiz de feiticeiro”*. In: Lier-De Vitto, M.F. (org.). *Fonoaudiologia no sentido da Linguagem*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1997, p. 23-37.

**Azevedo, N.P. & Freire, R.M.** (2001). *“Trajetórias de silenciamento e aprisionamento na língua: o sujeito, a gagueira e o Outro”*. In.:Gagueira e Subjetividade. (orgs.) Silvia Friedman e Maria Claudia Cunha. Porto Alegre: Artmed., p. 145-160.

**Barthes, R.** (1985). *“Semiologia e Medicina”*. In: *A aventura semiológica*. Trad. Maria de Santa Cruz. Coleção signos. Lisboa: Edições 70, p. 191-200.

\_\_\_\_\_. (1990). *“O óbvio e o obtuso”*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

**Cirino, O.** (2001). *“Psicanálise e psiquiatria com crianças: desenvolvimento ou estrutura”*. Belo Horizonte: Autêntica.

**CID-10.** “*Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*”. Décima revisão. Vol. 1. Versão on line. In: <http://www.datasus.gov.br/cid10/webhelp/cid10.htm>. Acesso em: 17 de julho de 2007 às 22:30 horas.

**Committee For Children And Youths With Communication Disorders.** (1996). “*Inclusive practices*”. *Am. Speech-Lang. Hear. Assoc.*, 35, p. 44.

**Committee On Language, Speech And Hearing Association.** (1992). “*Communicative Disorders And Variations*”. *ASHA.*, 24 (11), p. 9-12.

**Committee On Language, Speech And Hearing Problems.** (1984). “*Prevention: a challenge for the profession*”. *ASHA*, 26 (8), p.35-37.

**Coudry, M.I.H.** “*Diário de narciso: discurso e afasia*”. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

**Cunha, A.G.** (1986). “*Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*”. 2ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

**Cunha, M.C.** (1997). “*Deslizamentos e deslizos do campo Fonoaudiológico*” In: *Fonoaudiologia e Psicanálise: a fronteira como território*. São Paulo: Plexus.

**Dias, M. G. L. Villela.** (2006). “*Le sinthome*”. In: *Revista Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, jan-jun. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>. Acesso em: 30 de agosto de 2007, às 21:27.

**Dicionário Digital de Termos médicos** (2007). Versão On line. In: [www.pdamed.com.br/diciomed](http://www.pdamed.com.br/diciomed). Acesso 14/07/07 às 20:20 horas.

**Dor, J.** (1991). *Estrutura e perversões*. Trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas.

**Ducrot, O. & Todorov, T.** (1972). “*Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem*”. 3ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Perspectiva.

**Dunker, C.I.L.** (2000). "*Clínica, Linguagem e subjetividade*". In: Revista dos Distúrbios da Comunicação 12(1), dez, p. 39-60.

\_\_\_\_\_. (1996). "*Tempo e linguagem na psicose da criança*". Tese de doutorado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_. (s/d). "*O que são estruturas clínicas?*". In: Lacan e a Clínica da Interpretação. São Paulo: Hacker/Cepus, 1996.

**Dunker, C.I.L. & Assadi, T.C.** (2004). "*Alienação e separação nos processos interpretativos em psicanálise*". In.: Revista Psychê, vol VIII, n. III, jan-jun, 85-100.

**Faim, M.G.T.C.** (2002). "*Clínica Fonoaudiológica: uma discussão sobre a terapêutica dos desvios de linguagem*". Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

**Fiorin, J.L.** (1999). "*Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva*". DELTA, São Paulo, v. 15, n. 1. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 12 de junho de 2007.

**Fonseca, S. C.** (2000). "*A Instância Clínico-Terapêutica da Fonoaudiologia*". In: Regina Maria Freire. (Org.). Fonoaudiologia - Seminário de Debates. 1ª ed. São Paulo: Roca, v. 03, p. 67-78.

**Fonseca, S.C. & Vorcaro, A.** (2006). "*O atendimento fonoaudiológico e psicanalítico de um sujeito afásico*". In.: Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem. Org. Maria Francisca Lier-De Vitto e Lúcia Arantes. São Paulo: Educ-Fapesp, p. 413-441.

**Foucault, M.** (2004[1963]). "*O nascimento da clínica*". 6ª ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

**Freire, R.M.A.C.** (2002). "*A Fundação da Clínica Fonoaudiológica*". In: Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia. (inédito).

\_\_\_\_\_. (2000). "*O diagnóstico nas alterações da linguagem infantil*". In.: Revista de Distúrbios da Comunicação. Vol. 12, nº 1. 2000. Pp107-116

\_\_\_\_\_. (1996). "O Objeto da Fonoaudiologia". In: Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia.

**Freire, R. M. A. C.; Cordeiro, D. T.** (1999). "*Patologia de Linguagem: Uma Nosologia*". In: Congresso Nacional da Abralín, Florianópolis. Caderno de Resumos. Florianópolis : UFSC, V. único. p. 190-190.

**Freud, S.** (1996[1886]). "*Extratos dos documentos dirigidos a Fliess - Carta 52*". In.: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 1. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 281-287.

\_\_\_\_\_. (2001[1900]). "*A interpretação dos sonhos*". Edição comemorativa 100 anos. Rio de Janeiro: Imago Editora.

\_\_\_\_\_. (1969[1901]). "*Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*". In.: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol VI. Rio de Janeiro: Imago Editora.

\_\_\_\_\_. (1977[1914]). "*Recordar, Repetir e Elaborar*". In.: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XII. Rio de Janeiro: Imago Editora..

\_\_\_\_\_.(2001[1925]). "*A Negação*". Letra Freudiana Escola, Psicanálise e Transmissão, Ano VIII, n. 5, tradução Eduardo Vidal.

\_\_\_\_\_.(2001[1926]). "*Inibições, Sintomas e Angústias*". Trad. Cristiano Monteiro Oiticicca. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1975[1937-39]). "*O Retorno do reprimido*". In.: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e Outros Trabalhos. Trad. Jayme Salomão. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

**Garcia-Roza, L.A.** (2001[1936]). "*A carta 52*". In: Introdução à metapsicologia freudiana. Vol 1. 5ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 197-206.



**Goldgrub, F.W.** (2001). *“A máquina do fantasma: Aquisição de linguagem & Constituição do sujeito”*. Piracicaba: Editora Unimep.

**Henckel, M. & Berlinck, M.T.** (2003). *“Considerações sobre inibição e sintoma: distinções e articulações para destacar um conceito do outro”*. Estilos da Clínica, v.8, n. 14. São Paulo, jun., p. 114-125.

**Hjelmslev, L.T.** (1975[1955]). *“A estratificação da linguagem”*. In: trad. José Teixeira Coelho Netto. Textos selecionados: São Paulo: Editor Victor Civita, p. 155-182.

**Jakobson, R.** (1975[1955]). *“A fonologia em relação com a fonética”*. In: Halle, M. Textos selecionados: São Paulo: Editor Victor Civita, p. 61-95.

\_\_\_\_\_.(2003[1963]). *“Lingüística e Comunicação”*. Editora Cultrix, São Paulo.

**Jakubovicz, R.** (1997). *“Avaliação, diagnóstico e tratamento em fonoaudiologia: psicomotricidade, deficiência de audição, atraso de linguagem simples e gagueira infantil”*. São Paulo: Revinter.

**Jerusalinsky, A.** (2004). *“Parte I: Seminários”*. In: Vorcaro, A.M.R. (Org.). Quem fala nessa língua? Sobre as Psicopatologias da fala. Salvador: Ágalma, p.29 – 119.

**Karmilloff-Smith, A.** (1986). *“From meta-processes to conscious access: evidence from children's metalinguistic and repair data”*. In.: *Cognition*, 23, 95-147.

**Kokanj, A. S.** (2003). *“O método em Fonoaudiologia: quando o discurso toma a palavra”*. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

**Lacan, J.** (1979[1953-54]). *“O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (2002[1955]). *“O seminário, Livro 3: As Psicoses”.* Trad. MD Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_.(1999[1956-57]. *“O seminário, Livro 5: As formações do Inconsciente”.* Trad. MD Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (1997[1960-61]). *“O seminário, livro 8: A transferência”.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_.(1998[1964]). *“O seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise”.* Trad. MD Magno. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (1998[1966]). *“Escritos”.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (1992[1969-70]). *“O seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise”.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_.(1996[1972-73]). *“O seminário, Livro 20: Mais, ainda”.* Trad. MD Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (2007[1975-76]). *“O Seminário, livro 23: o sinthoma”.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

**Lalande, A.** (1999[1926]). *“Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia”.* Trad. Fátima Sá Correia et. al. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

**Lemos, C. T. G.** (2002). *“Das Vicissitudes da fala da criança e de sua investigação”.* Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas-UNICAMP-IEL, v. 42, p. 41-69.

\_\_\_\_\_. (2001). *“Sobre o estatuto lingüístico e discursivo da narrativa na fala da criança”.* Lingüística, São Paulo, v. 13, p. 23-60.

\_\_\_\_\_.(1995). *Um percurso no interior do projeto de aquisição de linguagem do IEL-UNICAMP*.

\_\_\_\_\_ (1992) *Processos Metafóricos e Metonímicos: seu Estatuto Descritivo e Explicativo na Aquisição da Língua Materna*. Texto adaptado para aula. São Paulo.

\_\_\_\_\_. (1992) "Los Procesos Metafóricos Y Metonímicos Como Mecanismos de Cambio". *Substratum*, Barcelona, v. 1, n. 1, p. 121-135.

**Lévi-Strauss, C.** (1997[1962]). "O pensamento selvagem". Trad. Tânia Pellegrini. Papirus Editora.

\_\_\_\_\_. (1970). "Antropologia Estrutural". Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro. (2ª ed.).

**Lier-De Vitto, M.F.** (2005). "Falas sintomáticas: fora de tempo, fora de lugar". In.: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 47 (1) e (2), Campinas, p. 143-150.

\_\_\_\_\_. (2003) "Patologias da linguagem: subversão posta em ato". In: Nina Virgínia de Araújo Leite. (Org.). *Corpolinguagem; gestos e afetos*. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras edições e Livraria Ltda, v. 1, p. 233-246.

**Nasio, J.D.** (1993). "Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan". Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

**Nicolosi, Lucille; Harryman, Elizabeth; Kresheck, Janet.** (1996). "Vocabulário dos distúrbios da comunicação: fala, linguagem e audição". 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

**Palladino, R.; Souza, L.A. & Cunha, M.C.** (2004). "Transtornos de linguagem e transtornos alimentares em crianças". In.: *Revista Psicanálise e Universidade*. São Paulo, n. 21, p. 95-108.

**Palladino, R.R.R.** (2000). "A objetividade e a subjetividade na fonoaudiologia". In: *Revista dos Distúrbios da Comunicação*. São Paulo: 12(1), dez, p. 61-73.

\_\_\_\_\_. (1996). *“Encontros e desencontros da fonoaudiologia”*. In: Maria Consuelo Passos. (Org.). Fonoaudiologia: recriando seus sentidos. 1ª ed. São Paulo: Plexus, p. 45-52.

**Paredes, B.H.S.** (2005). *“Causalidade na Fonoaudiologia: seus desdobramentos na clínica de linguagem”*. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

**Pavone, S. & Rubino, R.** (2003). *“Da estereotipia à constituição da escrita num caso de autismo: dois relatos... Um percurso”*. In: Revista Estilos da clínica. Versão on-line. <<http://www.scielo-psi.bvs.br>, vol.8, no.14. Acesso em 19 de Abril de 2007, p.68-89.

**Plataforma Descritor DeCs/MeSH.** Versão on line. In.:<http://www.bireme.br>. Acesso em 14 de julho de 2007 às 19:56

**Pollonio, C.F.**(2005). *“O brincar e a clínica fonoaudiológica”*. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

**Rajabally, L.S.A.** (2002). *“Diagnóstica em Fonoaudiologia: considerações preliminares”*. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

**Salles, F.B.C.** (2002). *“Semiologia em Fonoaudiologia: a subversão do conceito de doença”*. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

**Saussure, F.** (2003[1916]). *Curso de lingüística geral*. 25 ed. São Paulo: Cultrix.

**Sidou, J.M.O.**(1918/2003). *Dicionário Jurídico: Academia Brasileira de Letras Jurídicas*. 4ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

**Trenche, M.O.** (2001). *“Quem fala nessa voz?”*. Dissertação de Mestrado LAEL-PUC/SP.

**Vorcaro, A. M.** (2004). *“Quem fala na língua?”*. Sobre as psicopatologias da fala e da linguagem. Salvador: Álgama.

**Yavas, M.; Hernandorena, C.L.M.; Lamprecht, R.R.** (2001). *“Avaliação fonológica de criança: reeducação e terapia”*. Porto Alegre: Artmed.

<http://www.carlosbermejo.net/ensayos.htm> figura do quatro nó de três

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)